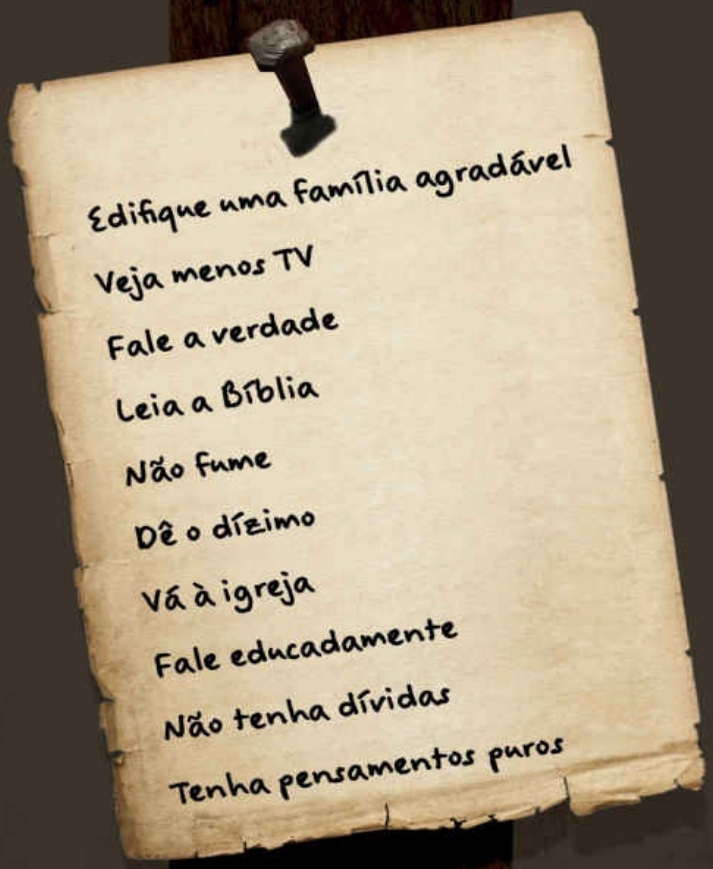
CRUCIFICANDO A MORALIDADE

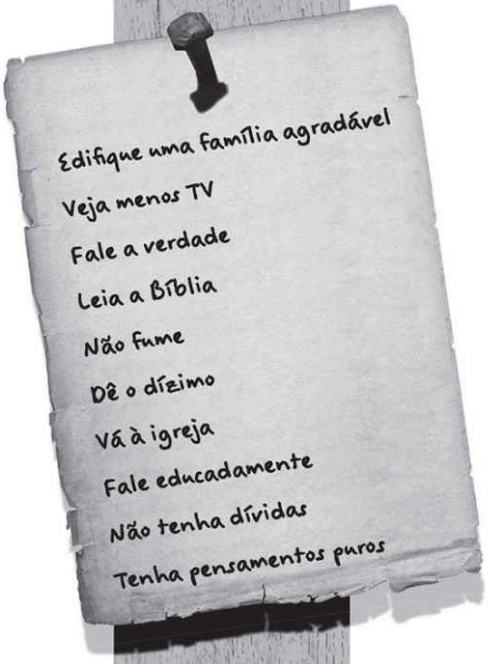
O EVANGELHO DAS BEM-AVENTURANÇAS



R. W. GLENN

CRUCIFICANDO A MORALIDADE

O EVANGELHO DAS BEM-AVENTURANÇAS



R. W. GLENN

“Isto é muito claro – Jesus vira o mundo de cabeça para baixo, e isto inclui a moralidade humana. R. W. Glenn defende este argumento em seu novo livro *Crucificando a Moralidade: O Evangelho das Bem-Aventuranças*. Leia-o e aprenda.”

— **R. Albert Mohler Jr.**
Presidente do *Southern Baptist Theological Seminary*

“A primeira coisa que recomendamos é que você conheça pessoalmente R. W. Glenn. A obra santificadora de Deus neste homem de New Jersey é extraordinária, pelo menos para nós de Minnesota. Entretanto, se você não puder conhecê-lo pessoalmente, a segunda coisa melhor é ler este livro. Aqui você terá uma amostra desta pessoa singularmente interessante, porém o mais importante é que você achará novos vislumbres do seu Salvador e Santificador. O próprio Jesus talvez se tornará real para você nas bem-aventuranças, como nunca antes.”

— **David Mathis,** Diretor Executivo, *Desiring God*

“Gosto muito de sorrir e de estudar teologia. Estes dois prazeres não se cruzam frequentemente. Isso explica por que sou fã de sua série de mensagens em áudio intituladas *Drive by Theology*. Em *Crucificando a Moralidade,* R. W. Glenn reúne seu grande senso de humor e sua habilidade de tornar a teologia clara para o cristão comum. Ele remove o nevoeiro de confusão sobre as bem-aventuranças, que são amplamente mal entendidas e mal aplicadas. O Sermão do Monte é totalmente a respeito a Jesus – quem sabia? Se você quer experimentar a alegria e a liberdade que emanam de um Sermão do Monte centrado no evangelho, este livro foi escrito para você.”

— **C. J. Mahaney**, *Sovereign Grace Ministries*

“Há duas enfermidades que têm infestado o cristianismo através dos séculos: a doença da justiça própria e a doença da insegurança. Deus não quer que seus filhos sofram de qualquer dessas doenças. Em vez disso, ele quer que andemos em alegria e vitória. Mas como andamos coerentemente no evangelho sem orgulho ou incerteza? Mergulhe neste livro. R. W. Glenn é um dos mais discernentes, proveitosos e cuidadosos teólogos de nossos dias. Permita-o ajudá-lo a achar mais uma vez a alegria de seu Salvador.”

— **Todd Friel**, apresentador de Wretched TV & Radio

“Isto talvez lhe pareça uma surpresa, mas a moralidade é perigosa. Ou, mais especificamente, a nossa busca por moralidade pode ser perigosa. Com uma fundamentação apropriada no “está consumado” do evangelho, a busca por tornar-se

moral pode se transformar em mais um projeto de autossalvação. Neste livro, meu amigo Bob Glenn mostra como, no Sermão do Monte, Jesus destrói todas as noções de que podemos atingir a justiça exigida por Deus e, por meio disso, extermina todas as tentativas de esforço moral autossuficiente. Bob articula muito bem que nossa esperança está, em última análise, ancorada no fato de que Jesus se tornou como nós."

— **Tullian Tchividjian**, pastor da *Coral Rigde Presbyterian Church*

"Finalmente, uma abordagem das bem-aventuranças que não me deixa desanimado e cínico, um completo derrotado que recebeu uma lista moral de 'faça isto' e não tem nenhuma chance que cumpri-la, sabendo que serei punido se não a cumprir. Glenn me deixou esperançoso e motivado porque me ajudou a ver que as bem-aventuranças não são um código moral que tenho de realizar, mas, em vez disso, são um belo retrato de Jesus que fez tudo em meu favor. Não são oito passos para nos tornarmos justos aos olhos de Deus, e sim oito poderosos argumentos que explicam por que nossa única esperança é Jesus. Leia e chore. Leia e sinta-se livre para celebrar."

— **Paul David Tripp**, Paul Tripp Ministries
Autor de *Broken-Down House*

"Bob Glenn tem uma voz estridente que precisa ser ouvida. Regozijo-me com a maneira como este livro exalta o Sermão do Monte para nos mostrar a nossa pobreza espiritual e a glória suficiente de Cristo. Plena conformação com o Sermão do Monte é essencial à nossa salvação; e, felizmente, Jesus Cristo fez exatamente isso. Agora, por contemplarmos Aquele que viveu as bem-aventuranças e conquistou suas bênçãos, podemos nos ver sendo transformados à semelhança dele. *Crucificando a Moralidade* faz um excelente trabalho de expor as bem-aventuranças, enquanto focaliza nosso olhar na única Pessoa que viveu perfeitamente os preceitos das bem-aventuranças."

— **Milton Vicente**, pastor e mestre na *Cornerstone Fellowship Bible Church*, em Riverside (CA), autor de *A Gospel Primer for Christians*

"Crucificando a Moralidade é um poderoso lembrete de que a vida cristã não é primariamente a respeito do que fazemos, e sim do que somos em Cristo. Bob Glenn nos dá uma formidável visão de como é a vida no reino, por nos colocar diante da verdade das bem-aventuranças, que abala o mundo."

— **Trevin Wax**, editor gerente de *The Gospel Project*,
Autor de *Holy Subversion and Counterfeit Gospels*

“Bob Glenn me ajudou a ver como eu quero crescer: com meus olhos em Jesus, descansando nele e em sua justiça, crescendo nestas bem-aventuranças e olhando para frente cada vez mais. Como um grande romance, não pude deixar de ler cada página, pois cada uma delas era clara e encorajadora, e a página seguinte parecia ser ainda mais.”

— **Dr. Ed Welch**, membro da docência do CCEF,
Autor de *Shame Interrupted*

“Como interpretamos as palavras de Jesus nas relativamente poucas linhas das bem-aventuranças revela se a nossa abordagem da vida cristã é primariamente moralista ou evangélica. Se você vê o evangelho nas bem-aventuranças, então, o vê realmente. Glenn o vê com clareza, e sua mensagem nos ajuda a ver o evangelho em cada área da vida, cada aspecto da fé, cada situação difícil, cada bem-aventurança.”

— **Rick James**, publicador na CruPress,
Autor de *A Million Ways to Die*

“Jesus é as bem-aventuranças. Esta é a mensagem cativante deste livro de R. W. Glenn. Somos tentados a pensar que o foco das bem-aventuranças é a nossa performance, mas a mensagem de *Crucificando a Moralidade* é que Jesus é as bem-aventuranças… para nós! Ele as cumpriu por nós, para que pudéssemos gozar para sempre da incomparável bem-aventurança de sua vida! Essa é as boas novas de *Crucificando a Moralidade*! Obtenha este livro, leia-o e não guarde para si mesmo a sua mensagem.”

— **Dan Cruver**, presidente de *Together for Adoption*

CRUCIFICANDO A MORALIDADE

O Evangelho das bem-aventuranças

Traduzido do original em inglês
Crucifying Morality – The gospel of the beatitudes

Por Rober W. Glenn

Copyright © 2013 R W Glenn

•

Publicado originalmente por Shepherd Press

Publicado por Shepherd Press

P.O Box 24, Wapwallopen, PA, 18660

Copyright Fiel 2013

Primeira edição em português 2014

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por Editora Fiel da Missão Evangélica Literária

Proibida a reprodução deste livro por quaisquer

meios, sem a permissão escrita dos editores,

salvo em breves citações, com indicação da fonte.

•

Diretor: James Richard Denham III

Editor: Tiago J. Santos Filho

Tradução: Francisco Wellington Ferreira

Revisão: Sabrina Sukerth Gardner

Colaboração: Vinicius Musselmann

Diagramação: Rubner Durais

Capa: Rubner Durais

Ebook: Yuri Freire

ISBN: 978-85-8132-187-5

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

G558c Glenn, R. W., 1971-

Crucificando a moralidade : o evangelho das Bem--aventuranças / R. W. Glenn ; [traduzido por Francisco Wellington Ferreira] – São José dos Campos, SP : Fiel, 2014.

2Mb ; ePUB

Tradução de: Crucifying morality.

Inclui referências bibliográficas.

ISBN 978-85-8132-187-5

1. Bem-aventuranças – Crítica, interpretação, etc. 2. Sermão da Montanha. 3. Vida cristã. I. Título.

CDD: 241.53



Caixa Postal, 1601

CEP 12230-971

São José dos Campos-SP

PABX.: (12) 3919-9999

www.editorafiel.com.br

A Joseph M. Babij

Pastor, mentor, amigo

ÍNDICE

Prefácio: como usar este livro

1 | Jesus crucifica a moralidade como você a conhece

2 | As boas novas de falência moral

(Mateus 5.3)

3 | As boas novas de tristeza agradável e alegria chorosa

(Mateus 5.4)

4 | As boas novas de não ter nada para defender

(Mateus 5.5)

5 | As boas novas de sua fome

(Mateus 5.6)

6 | As boas novas de caridade dispendiosa

(Mateus 5.7)

7 | As boas novas que o tornam honesto

(Mateus 5.8)

8 | As boas novas que promovem a paz

(Mateus 5.9)

9 | As boas novas que o tornam perseguido

(Mateus 5.10-12)

10 | Jesus é as bem-aventuranças

COMO USAR ESTE LIVRO

Os diáconos de minha igreja haviam-me proibido de usar uma motosserra. Não porque houvera algum acidente horrível e desfigurador, e sim porque minha reputação de não ser hábil é legendária. Certa vez, gastei seis horas para trocar um lustre em minha sala de visita. Aquele trabalho de 30 minutos se tonou uma aventura de quase um dia inteiro, porque – e isto é crucial – eu fui arrogante. Tentei trocar o lustre sem ler as instruções. Portanto, embora seja verdade que não sou naturalmente muito hábil, faço muito melhor se leio antes o manual. E, quando sigo as instruções, fico bem preparado.

Portanto, pense neste prefácio como um manual para o livro que está em suas mãos. Este "como fazer" deve ajudá-lo a obter o máximo dele.

Primeiramente, você observará notas de rodapé no corpo dos capítulos, e, embora este livro não seja reservado para eruditos, você pode querer aprimorar seu estudo por seguir estas notas de rodapé relacionadas a outros autores e escritores que têm muito mais a dizer sobre as bem-aventurança do que este livro abrangerá.

Em segundo lugar, no final de cada capítulo, você achará perguntas para discussão que têm o propósito de ajudá-lo a meditar sobre o que leu – ou sozinho, ou, ainda melhor, em um grupo de colegas leitores. Cada capítulo apresenta quatro grupo de perguntas:

- "Para sua mente" oferece perguntas de compreensão geral para levá-lo de volta aos principais conceitos do capítulo.
- "Para seu coração" sugere perguntas que sondem a sua vida interior e o convidem a pensar sobre como o ensino do capítulo muda a sua personalidade.
- A seção de perguntas intitulada "Para sua igreja" pede-lhe que conecte o que aprendeu no capítulo com seu corpo local de crentes, fazendo aplicação ao crescimento e ao ministério espiritual coletivo.
- "Para sua cidade" apresenta perguntas que vão além do que você considera como seus círculos "espirituais" e incluem o seu próximo que vai ou não à igreja, a sua vizinhança geral, a sua cidade ou a sua região, pedindo-lhe que faça conexões entre o que aprendeu no capítulo e o que experimenta em sua comunidade mais ampla.

Ao ler este livro, você pode aprender algo novo sobre as bem-aventuranças ou pode reconsiderar o que pensava saber a respeito da introdução do Sermão do Monte. Em qualquer dos casos, espero que você use os recursos que descobrir aqui para aprimorar seu entendimento das bem-aventuranças e aprofundar o seu prazer no evangelho.

Capítulo 1

JESUS CRUCIFICA A MORALIDADE COMO VOCÊ A CONHECE

Bem-aventurados são os produtores de queijo
— *A Vida de Brian*, dos Monty Python

Bem-aventurados são os pobres… os pacificadores… os perseguidos
— Mateus 5.1-12

Nunca fui muito empolgado com flanelógrafos. Talvez você lembre daquelas figuras que sua professora de Escola Dominical colocava num painel de feltro à medida que lhe falava sobre Noé e a arca, Davi e Golias, Jonas e a baleia (eu sei – é realmente um "grande peixe"). Isso lhe parece familiar? Flanelógrafo?

Talvez você seja muito jovem para lembrar isso, mas não precisa lembrá-lo para que entenda meu problema: histórias em flanelógrafos são culpadas do pecado de omissão. Nunca vi histórias em flanelógrafo que mostravam Noé ficando bêbado e nu, conforme Gênesis 9, ou Onã derramando seu "sêmen", conforme Gênesis 38, ou o levita e sua concubina violentada e esquartejada, conforme Juízes 19. Não estou dizendo que essas histórias *deveriam* ser incluídas na seção de recursos visuais de um currículo infantil da Escola Dominical. Contudo, esse tipo de abordagem "legal e atraente" da Bíblia neutraliza a Palavra de Deus, dando a impressão errada sobre a fé cristã e a natureza do evangelho.

Algo semelhante aconteceu com o Sermão do Monte, especialmente com as bem-aventuranças, e não somente no caso das aulas para crianças na Escola Dominical. Lembro vagamente a história em flanelógrafo das bem-aventuranças: o cabelo de Jesus era igual ao meu em 1983, partido no meio e virado para trás. Ele segurava, eu acho, um cordeiro ou uma criança com feições de anjo em seu colo, enquanto a professora recontava o sermão nos tons mais suaves que possamos imaginar:

> "Jesus disse: 'Bem-aventurados são os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus'. Crianças, o que significa ser pobre de espírito?"
> "Significa ser totalmente dependente de Deus", respondíamos em uníssono.
> "Muito bem. Então, sejam bons meninos e meninas, totalmente dependentes de Deus."
> "Sim, tia Anderson."

Faça isto com as crianças, e elas aprenderão erroneamente uma falsa introdução da que é, possivelmente, a mais radical para um sermão já pregado. Esse tipo de ensino ressalta a tendência quase irresistível de reduzirmos o cristianismo a um sistema de obras de justiça, porque transforma uma lista de afirmações sobre a natureza de um filho do reino em uma lista de faça e não faça.

Uma introdução radical

Evidentemente, você pode pensar exatamente isso sobre as bem-aventuranças. Talvez seja uma passagem da Escritura que você tem ouvido desde a infância, como eu. Você aprendeu que as bem-aventuranças são a mais elevada forma de moralidade pela qual alguém pode viver. E sabe quão impossíveis elas são. Ou talvez você nunca conheceu a versão das bem-aventuranças em flanelógrafo. Apesar disso, elas ainda lhe parecem complicadas, e você não vê pessoas ao seu redor agindo como se as bem-aventuranças fossem de grande valor. Certamente, algumas outras pessoas pensam que Jesus não falou sério nas bem-aventuranças porque ninguém pode tomar estas coisas no sentido literal.

Portanto, talvez seja tempo de perder a familiaridade. Talvez você precise ler estes versículos com novos olhos pela primeira vez. Não importando qual seja a sua compreensão das bem-aventuranças, talvez as considere menos poderosas, cativantes e proveitosas do que realmente são. Pare um pouco para ver quão admiravelmente radical é o verdadeiro significado das bem-aventuranças.

Comecemos com a problemática palavra inicial "bem-aventurados". Se você compilasse todas as páginas já escritas sobre esse conceito dentro das bem-aventuranças, teria um livro muito maior do que este. A palavra é difícil de traduzir diretamente, e temos dificuldade para entender a ideia. Eis uma breve pesquisa do que outros disseram sobre ela:

- A Concordância de Strong traduz a palavra que Jesus usou como supremamente bendito, afortunado, próspero e feliz.
- Martyn Lloyd-Jones descreveu o homem bem-aventurado como "o tipo de homem que deveria ser congratulado…imitado, pois somente ele é o homem verdadeiramente feliz".[1]
- D. A. Carson sugere que ser bem-aventurado significa ter a aprovação de Deus.[2]
- John MacArthur chama este conceito de "feliz, não um sentimento superficial de bem-estar baseado nas circunstâncias, mas uma experiência sobrenatural profunda de contentamento baseado no fato de que a vida da pessoa está correta com Deus".[3]
- Ed Welch diz que "os bem-aventurados são honrados, seu status é invejável, eles são os recipientes óbvios da aprovação e do favor de Deus. Substitua 'bem-aventurados são' por 'quão honráveis são' e você entenderá o que estou dizendo".[4]
- Phillip Yancey sugere que "sortudos"[5] é, na cultura contemporânea, a ideia mais próxima a que podemos chegar deste conceito, simplesmente porque é o tipo de felicidade que você não pode merecer, ou conquistar, ou trabalhar para obter por si mesmo.

Ser *bendito* por Deus não é algo que você consegue ou trabalha por merecer. Deus dá a sua bênção como um dom. Ele demonstra favor a pessoas que não têm nenhum direito. É apenas uma expressão da graça de Deus, que é sempre uma surpresa. De fato, como Yancey disse, nossa cultura entende este conceito como sorte, e isso faz sentido porque, se

você é um cristão, Deus o abençoou por causa de nada em você mesmo. Você é um recipiente privilegiado do favor de Deus. Você é o afortunado.

Você conhece esse tipo de felicidade? Pode começar, pelo menos, a imaginar o que é isso? Ainda que você possa, não chamaria de “abençoados” os tipos de situação que Jesus designou nestes versículos. Considere se estas traduções culturalmente atualizadas das bem-aventuranças são apropriadas:

- Bem-aventurados são os pobres de espírito. = Os destituídos são realmente carregados de riquezas excessivas.
- Bem-aventurados são os que choram. = Congratulações! Vocês têm tristeza profunda!
- Bem-aventurados são os humildes. = Que privilégio ser obscuro!
- Bem-aventurados são os que têm fome e sede de justiça. = Os perdedores vencem o tempo todo.
- Bem-aventurados são os misericordiosos. = Vocês têm um coração compassivo que se desgasta em atender às necessidades dos outros? Devem continuar assim.
- Bem-aventurado são os puros de coração. = Os fanáticos religiosos têm a aprovação de Deus.
- Bem-aventurados são os pacificadores. = Os covardes são os melhores.
- Bem-aventurados são os perseguidos. = Os perseguidos têm muita sorte!

Poderíamos chamá-las de bem-aventuranças bizarras porque parecem ilógicas e contrárias à nossa mentalidade contemporânea. Você pode imaginar seu colega de trabalho correndo ao seu encontro para parabenizá-lo por ser perseguido? “Ei! Parabéns por ter sua face esbofeteada por causa de Jesus. É isso aí!” Você pensaria nisso como congratulações sinceras? É claro que não! Pensaria que talvez seja *por causa* de pessoas como ele que você teve de consertar seu rosto. Se você pudesse reescrever as bem-aventuranças para expressarem o que você pensa realmente sobre ser bendito por Deus, o que elas diriam?

- Bem-aventurados são os autossuficientes, autoconfiantes e independentes.
- Bem-aventurados são os que têm uma vida divertida, prazerosa e livre de sofrimento.
- Bem-aventurados são os que se tornaram famosos.
- Bem-aventurados são os que têm os melhores currículos.
- Bem-aventurados são os que recompensam o trabalho árduo, se opõem à ociosidade e julgam as pessoas apenas pelos méritos.
- Bem-aventurados os que são apenas moderadamente comprometidos com sua religião.
- Bem-aventurados são os que se preocupam com suas próprias coisas.
- Bem-aventurados são aqueles de quem todos gostam.

Isto parece o antievangelho. Em nenhuma de suas passagens a Bíblia apoia essas afirmações. Repentinamente, as bem-aventuranças bizarras parecem estar mais em foco do que poderíamos imaginar. Jesus disse que você tem de se parabenizar – e de maneira

sincera – se é objeto do escárnio, ridículo e violência das pessoas, porque sabe que a bênção de Deus está sobre você. Isso pode demorar a acomodar-se em nossa alma, mas é a realidade radical das bem-aventuranças.

Não é surpreendente que as histórias em flanelógrafo e o tom adocicado das lições reducionistas da Escola Dominical não podem comunicar esse conceito. O ensino de Jesus é muito radical para ser fixado em painéis de feltro. Ele usa a lógica evangélica contrária ao senso comum para nos mostrar que a vida no reino é totalmente contrária ao que esperamos. De fato, não poderíamos prevê-lo. As bênçãos do reino parecem o oposto de tudo que valorizamos. Portanto, não moralize as bem-aventuranças, esterilizando o evangelho como se fosse primariamente ou apenas um livro de regras para um viver excelente. Você não pode colocar em categorias sistemáticas a natureza transformadora da mente e abaladora do mundo que as bem-aventuranças possuem. Jesus não o deixará fazer isso.

Uma introdução magnífica

Enquanto as bem-aventuranças surpreendem o seu mundo, pare e contemple quão magníficas elas são. Quanto mais você medita nelas, mais as deseja – tanto mais as admira. Pense no tipo de pessoa que elas descrevem. E pense no tipo de pessoa que você preferiria ter como amigo. Alguém prazerosamente alheio à vida neste mundo caído ou alguém que chora pelos oprimidos? Alguém que se reconhece como bom ou alguém que admite suas próprias falhas? Alguém com tolerância zero para com pessoas que causaram caos em suas próprias vidas ou alguém que se sacrifica para ajudar e arrumar essa confusão?

E o que você acha mais admirável? Satisfazer todos os seus desejos ou resistir aos seus desejos por causas que são maiores do que você? Defender a si mesmo quando você está certo ou condescender a fim de preservar o relacionamento? Ser querido por todos ou sofrer por fazer o que é certo?

Por mais contraintuitivas que as bem-aventuranças sejam, há algo encantador nelas. Há uma lógica profunda e evangélica que se revela à medida que você contempla o que Jesus realmente disse. Talvez seja realmente bem-aventurado ser pobre de espírito, choroso e manso, faminto de justiça, misericordioso e puro de coração, um pacificador e uma minoria perseguida. Jesus nos faz pensar. Ele nos faz parar e avaliar toda a nossa vida. Quem eu sou? Qual é a essência da vida? Pelo que estou vivendo e pelo que anseio? O que é verdadeiramente importante para mim? As bem-aventuranças têm o propósito de despertar-nos de nossa complacência e levar-nos a questionar se já entramos no reino.

Faça e não faça

Se você cresceu numa igreja, talvez já ouviu um professor dizer algo assim: “O que é uma bem-aventurança? É Jesus dizendo: ‘Pratique esta atitude.’” Depois, ele prosseguiria e diria que nas bem-aventuranças Jesus estava dizendo: “Se você quer entrar no reino, *seja* pobre de espírito, chore, *seja* manso, faminto e sedento por justiça, *seja* misericordioso, *seja* puro, *seja* um pacificador e *seja* perseguido”. Isso talvez lhe deu impressão de que é

melhor praticar as qualidades celebradas nas bem-aventuranças, pois, do contrário, você é um cara azarado.

Mas nada poderia estar mais longe da verdade. Não é por acaso que as bem-aventuranças não contêm nenhum imperativo. Visto que somos estimulados por desempenho e temos uma fome insaciável por tornar o cristianismo em um sistema de faça e não faça para merecermos um lugar à mesa da graça, nos sentimos quase irresistivelmente inclinados a torná-las em mandamentos. Em vez disso, as bem-aventuranças são qualidades que caracterizam pecadores que acham a graça de Deus no evangelho.

Não me entenda errado. Não sou contra mandamentos. Há exigências claras no evangelho – imperativos que os cristãos devem obedecer. De fato, à medida que o Sermão do Monte prossegue, Jesus dá 66 mandamentos. Portanto, meu problema não é com os mandamentos em si mesmos, mas com entendermos textos *que não são mandamentos* como se fossem. Queremos ir realmente além do que está escrito e *fazer acréscimos* ao Sermão do Monte? É claro que não. Nenhum cristão, no uso correto de sua mente, acha que pode ou deve fazer acréscimos ao ensino do Senhor Jesus Cristo.

Então, o que devemos fazer com as bem-aventuranças? O que Jesus queria *realmente* dizer nesta passagem?

Pense nas bem-aventuranças como um teste revelador. Elas mostram o quanto (se muito ou pouco) a sua fé está no evangelho da graça. O contexto de todo o Sermão do Monte é Jesus pregando o evangelho (ver Mt 4.23). No Sermão do Monte, Jesus descreve as implicações de crer nas boas novas de sua vida, morte, sepultamento e ressurreição.

Nas bem-aventuranças, é como se Jesus estivesse dizendo: “Se você quer saber se já chegou a crer no evangelho que eu estou pregando, procure estas qualidades em sua vida”. Depois, ele continua e descreve o que as pessoas que possuem estas qualidades farão no mundo. As bem-aventuranças pressupõem que você se converteu de seu pecado e de sua justiça própria para crer em Jesus como aquele que viveu a vida que você nunca poderia viver e morreu a morte que você merecia morrer e, agora, lhe dá o benefício de ter essa vida e essa morte como um dom gratuito. Se você está no firme fundamento desta graça, *então* pode viver como um filho do reino – pode entender e obedecer aos 66 mandamentos que seguem as bem-aventuranças.

Os cristãos, por haverem entendido a graça de Deus, *são* pessoas que são pobres de espírito, que choram e são mansos, que têm fome e sede de uma justiça não deles mesmos, que transpiram misericórdia e pureza de coração, que fazem a paz e experimentam perseguição por amor a Jesus. As bem-aventuranças são as características que constituem o perfil do cristão. São uma descrição de pessoas que nunca sonhariam em transformar as características que Deus lhes deu por graça em uma lista de mandamentos morais, porque sabem que Jesus crucificou, na cruz, até as melhores tentativas em moralidade egocêntrica e propelida pelo ego. A graça de Jesus é tudo que eles têm; sabem que não podem produzir de si mesmos as características que Jesus chama bem-aventuradas.

É por esta razão que toda abordagem das bem-aventuranças que as transforma em mandamentos a serem cumpridos, ordens a serem satisfeitas ou imperativos a serem obedecidos, na verdade, as transforma em algo contrário ao que Jesus tenciona. As bem-

aventuranças declaram com que se parece um filho do reino; não são uma lista de faça e não faça que introduz alguém no reino.

Jesus Cristo é as bem-aventuranças

Portanto, não buscamos a pobreza de espírito. Buscamos a Jesus. Quando você percebe o que custou ao Pai celestial para salvá-lo, vê a si mesmo como tremendamente falido. Busque a Jesus e você chorará não por causa do que o pecado lhe custa, e sim por causa do que ele custou ao seu Pai celestial. Busque a Jesus, e a mansidão transbordará em sua vida. Quem pode assumir uma postura de superioridade aos pés da cruz?

Busque a Jesus e você achará a justiça de que sempre precisará: a perfeita retidão de Cristo dada a você gratuitamente, como um dom. Busque a Jesus e você será misericordioso, pois o recipiente mais necessitado de caridade é a pessoa que você vê no espelho todos os dias, e o seu coração se tornará cada vez mais singular em devoção a Deus e mais disposto a ser honesto com as outras pessoas. Busque a Jesus e você embainhará continuamente a sua espada e procurará a reconciliação com os outros, porque conhece a paz completa realizada entre você e Deus por meio do sangue de Cristo. Busque a Jesus e você suportará com alegria a reprovação por causa do nome dele.

Não busque as bem-aventuranças. Não as transforme em ensino moralista. Busque a Jesus, o único que incorpora as bem-aventuranças; *depois*, as bem-aventuranças serão verdadeiras a seu respeito. Por quê? Porque Jesus as cumpre:

- Jesus é a pessoa mais pobre de espírito e mansa que já viveu neste mundo, “manso e humilde de coração” (Mt 11.29).
- Jesus chorou mais completamente por nosso pecado do que nós mesmos o fazemos, “profundamente triste até à morte” (Mt 26.38), quando considerou a ira de Deus contra o pecado.
- Jesus viveu uma vida perfeitamente justa, verdadeiramente aceitável a Deus, de tal modo que até pessoas incrédulas, como a esposa de Pilatos, reconheceram isso (Mt 27.19).
- Jesus possui toda misericórdia e responde às súplicas por misericórdia com curas miraculosas (Mt 20-29-34).
- Jesus tem um coração totalmente puro de devoção ao seu Pai: “Não seja como eu quero, e sim como tu queres” (Mt 26.39).
- Jesus estabelece a paz suprema e leva pecadores ao Santo dos Santos por meio de sua morte reconciliadora (Mt 27.51).
- Jesus é o perseguido *por excelência*: condenado, zombado e açoitado injustamente, espancado e crucificado brutalmente, mas triunfante, porque se entregou, por completo, ao seu Pai (Mt 27.26; 28.6).

As bem-aventuranças são, todas, a respeito de Jesus. Busque-o por meio do evangelho e você será uma nova pessoa, que gozará de todos os benefícios de um relacionamento com Deus e viverá no reino. O cristianismo é voltar-se repetidamente ao descanso na vida que

Jesus viveu e na morte que ele morreu por você, como um dom, por graça absoluta. Religião e moralidade transformam o cristianismo em um sistema de realizações: "Faça isto e você viverá". Mas as bem-aventuranças revertem isso totalmente. Nelas, ouvimos Jesus dizer: "Já fiz isto, *portanto*, você vive". E, quando você ouve a voz de Jesus ressoando com clareza na linguagem das bem-aventuranças, descobre cada vez mais quão bem-aventurado você é.

PARA A SUA MENTE

1. O que a palavra "bem-aventurado" significa?

2. O que está errado em reduzirmos as bem-aventuranças a ensinos e mandamentos moralistas?

PARA O SEU CORAÇÃO

3. Qual foi a sua primeira compreensão das bem-aventuranças? Antes de ler este capítulo, o que você dizia que as bem-aventuranças eram?

4. Você reflete mais as bem-aventuranças bizarras ou a lista "culturalmente aceitável" que as seguiu? Quão intimamente os seus valores se harmonizam com o mundo ao seu redor?

PARA A SUA IGREJA

5. Em que medida a sua igreja leva a sério as bem-aventuranças? Explique sua resposta.

6. Como você apresentaria as bem-aventuranças a uma classe de crianças na Escola Dominical?

PARA A SUA CIDADE

7. Quais são as qualidades mais valorizadas em seus círculos particulares? Pense no que as pessoas falam sobre: educação, beleza física, clubes sociais, marcas de carro. Que ídolos as pessoas de sua cidade parecem favorecer de maneira especial?

8. Como a sua cidade avalia esta bem-aventurança de Jesus? Como as pessoas ao seu redor valorizam o tipo de felicidade que Jesus parece comunicar nesta passagem?

1. D. Martyn Lloyd-Jones, *Estudos no Sermão do Monte* (São José dos Campos, SP: Fiel, 1982), 28.

2. D. A. Carson, *Jesus' Sermon on the Mount and His Confrontation with the World: An Exposition of Matthew 5-10* (Grand Rapids, MI: Baker, 1987), 16-17.

3. John MacArthur, *The MacArthur New Testament Commentary: Matthew 1-7* (Chicago: Moody Bible Institute, 1985), 142.

4. Edward T. Welch, *Shame Interrupted: How God Lifts the Pain of Worthlessness and Rejection* (Greensboro, NC: New Growth, 2012), 141.

5. Phillip Yancey, *The Jesus I Never Knew* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2002), 113. Eugene Peterson também usou a palavra "sortudo" para descrever bem-aventurança em sua série de poemas *Holy Luck*, publicada originalmente em *Theology Today* 44 (April 1987): 95-102.

Capítulo 2

AS BOAS NOVAS DE FALÊNCIA MORAL

Aprender a amar a si mesmo: este é o maior amor de todos.
— Michael Masser e Linda Creed
"The Greatest Love of All"

Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus.
— Mateus 5.3

A cultura popular retrata frequentemente o céu como uma alternativa excelente ao inferno (se você crê nesse tipo de coisa), mas também como o lugar mais terrivelmente monótono no universo. Todos que morrem e vão para o céu se veem numa versão benigna do Departamento de Trânsito: você senta em um tipo de sala de espera, enquanto espíritos sem corpos tocam harpas e flutuam em nuvens, e você espera para entrar em um lugar que faz o History Channel parecer mais atrativo. Mas é melhor do que o Departamento de Trânsito porque, em vez de todos os atendentes serem egoístas, impacientes e sobrecarregados de trabalho, todos ali são tão doces que lhe causam dor de dente.

E quem está lá com você? Todos aqueles que eram predominantemente bons segundo os padrões terrenos. Homens que ajudavam senhoras idosas a atravessarem a rua, mesmo quando haviam acabado de trair sua esposa. Mulheres que serviam regularmente em cozinhas beneficentes, mas que atingiam o limite dos cartões de crédito para encherem seu guarda-roupa com vestidos que nunca usaram. Pessoas que, em sua maioria, não faziam nenhum mal ou, pelo menos, faziam bem suficiente para contrabalançar o mal. Pessoas meramente morais que eram inclinadas a achar o céu monótono, porque não era especializado em todas as coisas legais que elas tinham na terra, e esperavam achar ali portões de pérola.

Quando Jesus nos diz que os pobres de espírito recebem a bênção do céu, está indo contra a nossa ideia cultural do céu e nos dá o antídoto para a mera moralidade. Tentar viver tão bem para conseguir entrar no céu não nos preparará para desfrutarmos o tipo de eternidade que Jesus preparou.

O reino dos céus

A Bíblia descreve o céu como o lugar em que tudo se torna mais real, mais vívido e mais vibrante do que na terra. Se você é um cristão quando morre, sua alma parte para estar com Jesus, que é a soma de tudo que é bom, verdadeiro e belo (Fp 1.23). O que poderia ser melhor do que desfrutar dele em sua própria presença? Mas o tempo entre a sua morte e o retorno de Jesus à terra não é tudo que está relacionado ao céu. Não. Quando

Jesus voltar, ressuscitará nosso corpo, reunirá nosso corpo com nossa alma e restaurará os céus e a terra a uma condição ainda mais gloriosa do que antes de cairmos no pecado (Ap 21). Esperamos pela "vida *após* a vida depois da morte".[1] O céu é viver a vida mais plena que podemos imaginar em um mundo perfeito com Jesus Cristo, para sempre.

No entanto, Jesus queria dizer mais do que isso quando mencionou o céu nesta bem-aventurança. Os judeus de seus dias teriam entendido a palavra *céu* como um subterfúgio verbal que se referia a *Deus* – uma maneira de dizer *Deus* sem realmente dizer *Deus*, o que teria sido interpretado como uma violação do Terceiro Mandamento (Êx 20.7). Eles faziam tudo o que podiam para evitar dizer o nome divino, como substituir a palavra *Deus por* palavras associadas a Deus (como *céu*). Por isso, quando Jesus falou sobre o reino do céus, certamente não pretendia significar algum reino desincorporado de outro mundo, nem especialmente o lugar para onde os cristãos vão quando morrem, nem mesmo a vida após a vida depois da morte. O reino do céus se refere simplesmente ao reino de Deus.

O que Jesus queria dizer com a palavra *reino*? Basicamente, a palavra *reino* se refere a algo dinâmico, não a algo estático como um reino geográfico, político ou espacial. Em vez disso, o reino é o regime, o domínio, o governo de Deus. É o poderoso governo de Deus no cosmos, sendo exercido agora mesmo, totalmente, sobre todas as coisas. Enquanto escrevo estas coisas, o Senhor está administrando cada pequeno detalhe do universo, até a sua mais diminuta partícula: "Nos céus, estabeleceu o SENHOR o seu trono, e o seu reino domina sobre tudo" (Sl 103.19).

Aqui, porém, Jesus se referia a um subconjunto mais específico do governo soberano de Deus sobre todas as coisas.[2] Este reino cumpre uma promessa que Deus fizera ao seu povo, uma promessa concernente a um dia em que ele os salvaria de todos os seus inimigos e exerceria seu poder de tal modo que tudo que estivesse errado no universo, por causa de nossa rebelião no jardim do Éden, seria corrigido. Em Isaías 11.1-7, Deus descreveu este reino como um lugar que goza de sabedoria, entendimento, força, temor do Senhor, justiça, retidão, fidelidade e paz completa. De fato, no reino dos céus, cada aspecto da salvação é plenamente realizado.

Nosso reino arruinado

Quando consideramos o estado de nossa existência como resultado da queda no pecado, a ideia do reino de Deus vindo à terra parece atraente. Afinal de contas, quando nos rebelamos contra a autoridade de Deus, no jardim, e decidimos seguir nossa vida à parte do governo de Deus, tudo em nossa existência foi corrompido. Nosso corpo físico agora fica enfermo (sujeito a doenças, defeitos, fraqueza e morte), e toda a criação sofre da mesma maneira. A natureza não funciona mais em nosso favor como deveria; por isso, pragas e escassez causam privação e fome. Todavia, a natureza não apenas torna as coisas mais difíceis para nós; ela traz desastres à nossa vida por meio de tempestades, tornados e terremotos.

Nossos relacionamentos também foram corrompidos de tal maneira que pessoas com riqueza e poder podem oprimir os fracos e os pobres e, ainda, *causar* pobreza aos outros. Pessoas que não têm riqueza podem invejar ao ponto de roubar, sequestrar e até matar, para conseguirem o que querem. Os relacionamentos estão confusos agora – casamentos,

famílias e amizades, todos sofrem por causa da queda no pecado. Cometemos todo tipo de transgressão uns contra os outros.

E como vemos a nós mesmos? Uma guerra esbraveja em nosso coração, com todo tipo de desejos conflitantes – desejos pelo bem, mas também pelo mal, sustentados pela irresistível inclinação para fazermos o que Deus proíbe. Mentimos para nós mesmos quanto ao nosso valor, pensando alto demais ou baixo demais a respeito de nós mesmos, em vez de nos vermos como portadores da imagem de Deus. Frequentemente, levamos a vida pensando que Deus nos fez como copos vazios para serem enchidos de afirmação, aprovação e aceitação, e não como canais para a glória de Deus. Além disso, podemos ser cheios de tristeza, lamentação, lágrimas e dores excruciantes de feridas emocionais.

Em nosso âmago, a capacidade de discernir o bem do mal foi corrompida. Como resultado, nos tornamos suscetíveis aos esquemas do Destruidor. Alguns males na terra não podem ser explicados pelo mal humano, mas somente pelas forças sobrenaturais do mal. As forças espirituais procuram destruir-nos e preservar em nossa alma o mal de nossa rebelião. Há um Diabo real que usa seu poder maligno para fomentar nossos pecados contra nós.

Mas a fonte de todo o nosso problema é que nosso coração está agora envenenado contra o nosso Deus. Estamos em inimizade com ele, e vice-versa. Meu coração quer seguir seu próprio caminho e não pode suportar ter Deus em autoridade sobre minha vida; e quer desesperadamente desobedecer-lhe, enquanto toma o mérito por todas as coisas boas que ele me deu, incluindo minha própria bondade ou religiosidade. Entregue a meus próprios artifícios, eu protesto e luto para preservar meu pequeno reino pessoal – embora ele seja arruinado por completo, e eu, totalmente contaminado.

O reino de Deus

O mundo é um lugar corrompido, e somos pessoas corrompidas que vivem nele. Somos assaltados por problemas físicos, psicológicos, interpessoais e teológicos. Também sofremos provações adicionais causadas por agentes sobrenaturais do mal. É exatamente neste ponto que o reino dos céus entra. No tempo certo! Deus prometeu que viria um tempo em que ele introduziria seu reino de resgate abrangente. Esse é o reino dos céus sobre o qual Jesus falou. É o poder desse reino que o ministério de Jesus manifesta no evangelho de Mateus. Por exemplo:

- O reino dos céus está presente quando Jesus cura os enfermos: “Percorria Jesus toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades entre o povo” (Mt 4.23).
- O reino dos céus está presente quando Jesus expulsa demônios e derrota Satanás e todas as forças do mal sobrenatural no universo: “E, se eu expulso demônios por Belzebu, por quem os expulsam vossos filhos? Por isso, eles mesmos serão os vossos juízes. Se, porém, eu expulso demônios pelo Espírito de Deus, certamente é chegado o reino de Deus sobre vós” (Mt 12.27-28).
- O reino dos céus está presente quando Jesus alimenta os famintos (Mt 14.13-21; 15.32-38).

- O reino dos céus está presente quando Jesus subjuga a natureza, como na ocasião em que ele acalma uma tempestade com uma palavra e anda sobre a água (Mt 8.23-27; 14.22-33).
- O reino dos céus está presente quando Jesus realiza milagres que o confirmam como o rei que instaura o reino de Deus: “E Jesus, respondendo, disse-lhes: Ide e anunciai a João o que estais ouvindo e vendo: os cegos veem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres está sendo pregado o evangelho” (Mt 11.4-5).
- O reino dos céus está presente quando Jesus reconcilia pecadores a um relacionamento restaurado com Deus (ver Mateus 22, mas também todo o escopo do evangelho de Mateus).

O reino está presente na pessoa de Jesus, mas isso não significa que tudo *já* foi restaurado. Apenas leia um jornal e você verá que as coisas ainda não estão restauradas no mundo. Somente quando Jesus voltar, será consumado o reino que ele inaugurou. O reino dos céus é uma realidade presente (uma experiência “já”), mas é também uma esperança futura (um evento “ainda não”). Por exemplo, em Mateus 26.29, Jesus disse aos seus discípulos: “Desta hora em diante, não beberei deste fruto da videira, até aquele dia em que o hei de beber, novo, convosco no reino de meu Pai”. Mas aqui, na primeira bem-aventurança, Jesus enfatizou a manifestação do reino no presente: “Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus”. Os pobres de espírito desfrutam aqui e agora a renovação futura e final de todas as coisas, embora aguardem o dia em que todas as coisas serão feitas completamente novas.

Um reino celestial sem um Rei celestial

Quem não gostaria de viver num reino como esse? Você não desejaria que os efeitos do pecado em sua vida fossem revertidos? É claro que você desejaria. Todos nós desejaríamos. Mas há um pequeno problema. Queremos as *bênçãos* do reino dos céus, mas não queremos o *Rei* dos céus. Como as pessoas da história que Jesus contou, dizemos: “Não queremos que este reine sobre nós” (Lc 19.14). Não queremos nos prostrar ao Rei do bendito reino de Deus. Preferimos pensar que podemos achar algum descanso dos males que enfrentamos e ainda reter um pouco de nosso governo pessoal.

Olhamos para os reinos dos homens – os governos que nos protegerão, nos proverão o necessário e nos tornarão prósperos. Até os melhores dos governos terrenos experimentam corrupção, enquanto outros são regimes ditatoriais ousados, cruéis e opressivos, mas fixamos neles, frequentemente, as nossas esperanças. Deus repreendeu Israel muitas vezes por valorizar governos terrenos mais altamente do que o valorizavam. Parece que os israelitas fizeram isso simplesmente porque podiam *ver* cavalos e carros, o que significa que podiam avaliar a força deles em favor de si mesmos (Is 31.1). Eles sempre se lembravam do Egito como um lugar em que comiam bem e não como um lugar em que haviam sido oprimidos em escravidão por vários séculos. Não se lembravam das provisões de Deus. Somos exatamente como eles.

É claro que o reino ao qual recorremos muito frequentemente é o reino do ego – em meu caso, o reino de Bob, focado em mim mesmo, cheio de justiça própria, autossatisfação, autoconfiança e autoglorificação.[3] Isso é realmente o que Israel fazia quando buscava ajuda do Egito; é exatamente o que Eva fez quando comeu do fruto que lhe pareceu bom para comer. Os seres humanos têm confiado, há muito, em si mesmos e em seus próprios julgamentos, em vez de confiarem em seu Deus e nos julgamentos dele. Queremos governar a nós mesmos, embora isso signifique destruição. Como João Calvino disse: "Cada um bajula a si mesmo e leva um reino em seu peito".[4]

Olhamos para nós mesmos como reis para nos resgatar dos males que enfrentamos. Salvamos a nós mesmos dos efeitos físicos da queda no pecado por trabalharmos fora e comermos corretamente, por trabalharmos duro e investirmos com esperteza. Salvamos a nós mesmos dos efeitos da queda nos relacionamentos interpessoais por menosprezarmos e evitarmos os outros ou por nos afastarmos deles. Salvamos a nós mesmos do mal sobrenatural por vivermos como se não houvesse Diabo nem demônios. Salvamos a nós mesmos dos efeitos psicológicos da queda por negarmos ou ignorarmos a tristeza ou por praticarmos o otimismo irracional. Salvamos a nós mesmos dos problemas de nossa alienação de Deus por fazermos tudo que podemos para desviar a sua voz. E salvamos a nós mesmos do problema do pecado por justificarmos, racionalizarmos, culparmos os outros, mentirmos e encobrirmos o que fazemos – quer por ignorarmos o pecado, quer por enchermos nossas vidas com bastante religião ou ativismo, para, de algum modo, acalmarmos nossa consciência culpada.

A verdade é que queremos seguir nosso próprio caminho, reger nossa vida, resolver nossos próprios problemas, ajudar a nós mesmos. Todos os nossos reinos falsificados representam nosso desejo comum de governar nosso próprio mundo e ordenar nossa própria existência… não somente à parte de Deus, mas também às suas custas. Isto é uma proposta derrotada, porque *precisamos* do reino dos céus. Precisamos dele porque todo o outro reino – especialmente o reino de Bob – é arruinado, imperfeito e impotente, apenas um reino de aparência, se não um reino de trevas perverso. E a única maneira de vencermos os males do mundo e o nosso próprio coração é por meio de uma mudança de administração: precisamos de um novo rei para instaurar um novo reino.

Além disso, precisamos que o reino dos céus governe nosso coração não somente porque nossos reinos e seus reis substitutos são apenas pretendentes ao trono, mas também porque a única alternativa é o inferno. Em Mateus 13.41-42, Jesus disse: "Mandará o Filho do Homem os seus anjos, que ajuntarão do seu reino todos os escândalos e os que praticam a iniquidade e os lançarão na fornalha acesa; ali haverá choro e ranger de dentes". Ainda que você ache que está obtendo algum sucesso em sua vida à parte do reino de Deus, a realidade é que, por estar fora do reino dos céus, você enfrentará uma eternidade no inferno.

Pobreza de espírito

Jesus tinha, portanto, boa razão para dizer que possuir o reino dos céus é ser bem-aventurado. Mas precisamos lembrar que somente certo tipo de pessoa herda o reino dos céus: os pobres de espírito ou pessoas que dependem de Deus consciente e totalmente.

Não vivendo mais em independência de Deus como o Rei soberano do universo, aqueles que são pobres de espírito vivem conscientes de sua total necessidade de Deus.

Talvez pensemos que ser pobre de espírito signifique que a pessoa é vergonhosa, tímida, hesitante, nervosa, insegura, reservada ou covarde. Talvez esperemos que os pobres de espírito saiam por aí confessando quão pequenos e insignificantes eles são, como alguns fazem naturalmente quando estão no Grand Canyon ou no topo de montanhas. De fato, podemos até pensar que algumas pessoas experimentam naturalmente essa humildade, como se fosse um traço de personalidade ou temperamento que alguém possui desde o nascimento. Talvez reconhecer e admitir suas próprias limitações seria o segredo para alguém ser pobre de espírito? Ou mais do que isso – se você tem alguma noção mórbida de que é pessoalmente sem valor ou uma grande porcaria. Não, pobreza de espírito não é "ódio a si mesmo",[5] autoanulação ou falsa humildade; e você não pode produzi-la por seu próprio poder.

A palavra grega traduzida por "pobre", neste versículo, transmite a ideia de um estado contínuo de pobreza total.[6] Os pobres de *espírito* são espiritualmente falidos, moralmente insolventes: não têm nada para dar a Deus, por isso confiam totalmente na espontaneidade de Deus para cuidar deles. Isto deve fazer bastante sentido, porque, na realidade, todos somos falidos diante de Deus. É a realidade pura e simples; é como as coisas são. Podemos tentar fugir disso, ou ocultá-lo, ou minimizá-lo, ou justificá-lo, ou lançar a culpa nos outros, mas o que podemos oferecer ao Deus santo? Dentro de nosso coração, sabemos que "todas as nossas justiças [são] como trapo da imundícia" (Is 64.6). Até mesmo o melhor que julgamos poder oferecer a Deus é imundícia, se comparada com a santidade de seu ser e a santidade que ele exige.

Nossa pobreza espiritual é total, indo abaixo de zero. De acordo com a parábola do servo não perdoador, em Mateus 18, somos necessitados diante de Deus *e* lhe devemos uma dívida que nunca poderemos pagar, porque falhamos em viver de acordo com o padrão que sabemos é o certo. Em um sentido, todos somos pobres de espírito: todos estamos em dívida para com Deus e somos incompetentes para administrar nossa própria vida. Se você recusa admitir isso, tem o tipo mais superficial de autoentendimento imaginável, como se tivesse nascido cego mas dissesse: "Admito que a casa é escura, mas não admito que sou cego".[7] Essa pessoa não está em harmonia com a realidade.

Quando Jesus falou, neste versículo, sobre os "pobres de espírito", não se referiu a pessoas que eram *objetivamente* falidas. Isso seria verdade a respeito de todos nós. Em vez disso, ele se referiu mais especificamente àqueles que *sabem* que são falidos e reconhecem isso diante de Deus, aqueles que têm certa atitude para com o ego.[8] Os pobres de espírito se esvaziam continuamente de toda confiança "na carne" (Fp 3.4), com "reconhecimento pleno, honesto, real, consciente e intencional, diante de Deus, da indignidade moral pessoal".[9] Você busca a Deus em sua grande vulnerabilidade e em total dependência dele até para tomar mais um fôlego?

A pobreza de espírito não pode ser o tipo de insignificância terrena que já descrevemos – timidez, um temperamento reservado, ou apenas conhecer suas próprias limitações e sentir-se insignificante, ou ter pouco valor, ou odiar a si mesmo – porque ela é uma qualidade voltada para Deus, uma característica centrada em Cristo. Você pode ser uma

pessoa humilde segundo a maioria dos padrões terrenos, mas isso não significa que o Senhor o vê como pobre de espírito; ele diz que olha para todo aquele que é "aflito e abatido de espírito e que treme da minha palavra" (Is 66.2). Esta atitude é um tipo de pobreza espiritual diante de Deus que você não pode produzir por si mesmo. O *pensar* que você pode simplesmente produzi-la, prova que não a entende.[10] Portanto, a pobreza de espírito envolve desesperar de si mesmo, de suas próprias capacidades, de seus próprios recursos e de seus próprios poderes, como incapaz de obter qualquer aceitação diante de Deus, ganhar quaisquer pontos com o Senhor ou qualquer favor da parte de Cristo. O caráter fundamental da fé cristã é que você vive consciente de sua total dependência de Deus.

Aqueles que são "ricos de espírito" não podem gozar do reino de Deus. Se você é insensível à sua própria necessidade de que Deus intervenha e controle a sua vida, não desejará viver onde Deus reina. Sem pobreza de espírito, você só pode apoiar um governante: você mesmo! E lutará até à morte para preservar seu governo soberano sobre seu reino de uma só pessoa. Apenas os pobres de espírito querem viver no reino de Deus, porque sabem que não tem nada à parte dele. Por isso, cantam a respeito de si mesmos com desamparo sincero, reconhecendo sua profunda necessidade de Deus:

> Nada nas mãos eu trago,
> Só à tua cruz me apego;
> Nu, busco vestes em ti;
> Incapaz, busco graça em ti;
> Imundo, à fonte eu corro;
> Lava-me, Salvador, ou morro.
> — Augustus Toplady
> "Rock of Ages"

Você precisa de pobreza

Talvez você esteja se perguntando: "Quero ser bem-aventurado, e Jesus diz que preciso ser pobre de espírito; então, como faço isso?" Mas Jesus nos diz realmente que temos de nos tornar pobres de espírito ou ele apenas observa quão bem-aventurados são os pobres de espírito? De fato, Jesus nos diz que temos de ser pobres de espírito sem mesmo *ordenar* que sejamos pobres de espírito.

Isto pode fazê-lo querer erguer as mãos em desespero, por não poder descobrir como ser pobre de espírito sem fazer algo para ser dessa maneira. Ou talvez você pense que deve sentar-se e ficar esperando que de algum modo, algum dia, acordará pobre de espírito. Mas pense em como um reino funciona. Os súditos de um reino têm trabalho a fazer e *precisam* fazê-lo, porque não querem ser lançados fora (ou excluídos) do reino: eles olham para seu rei, confiam nele, dependem dele. A única maneira de você obter pobreza de espírito é, portanto, desfrutar da bênção do reino é olhar para Cristo, por meio do evangelho, e ver o que ele já fez por você tão somente por graça absoluta.

Pense como é loucura admitir que você é uma pessoa profundamente imperfeita, que necessita urgentemente da intervenção divina… a menos que conheça o evangelho da graça de Deus. No reino de Bob, é perigoso – não, traiçoeiro – confessar fraqueza. Ver a mim mesmo como eu sou é assustador, porque sem dúvida terei problemas com o

governante de meu reino – problemas que não posso resolver. No reino de Bob, confio, em última análise, em mim mesmo, mas sei no profundo do coração que não sou digno de confiança. Uma pessoa que confia em si mesma não pode reconhecer fraqueza, para não admitir que a totalidade de sua vida de autoconfiança é nada mais do que uma frágil casa de papel.

Por outro lado, a graça me permite ouvir as coisas mais desagradáveis sobre minhas falhas e padrões de pecado, porque sei, pela graça, que não há erro que eu possa descobrir, nem pecado que me seja revelado que possa destruir minha vida. Não posso ser mais amado e mais aceito do que sou pelo Senhor, que me ama com o pleno conhecimento do que fiz, faço e farei. Tenho confiança inabalável de que nada pode diminuir seu amor por mim. Portanto, sinto-me livre para admitir meu desespero. Em fazer isso, posso experimentar mudança real, que é o próprio poder do reino dos céus em minha vida.

Não foi por acidente que Jesus estabeleceu a pobreza de espírito como a primeira e fundamental qualidade da fé cristã. Isto nos coloca claramente diante da graça de Deus, pois aquilo sobre o que Jesus falou nas bem-aventuranças não pode ser obtido de qualquer outra maneira, senão como um dom da graça de Deus. Você não pode merecer o reino de Deus. Não pode nem mesmo responder ao mandamento de ser digno dele. Em vez disso, tem apenas de considerar o rei Jesus. Para você entrar no reino de Jesus, ele mesmo teve de *morrer* em favor dos seus pecados; teve de pagar o preço mais exorbitante que você pode imaginar para garantir sua entrada no reino. Você devia ser muito pobre para que a sua salvação custasse tanto. Todavia, Jesus se ofereceu *voluntariamente* em sacrifício por seus pecados, levando sobre si mesmo a ira que você merecia – e fez tudo por amor ao seu Pai celestial e a você. Não deveria você se humilhar até ao pó, ao saber que ele se mostrou tão disposto a buscá-lo, resgatá-lo e torná-lo parte de seu reino? Veja-o pagando por nossa cidadania e, assim, conhecerá a pobreza de espírito. Não há outra maneira de descobrirmos pobreza de espírito, senão diante da cruz.

Você quer ser pobre de espírito? Medite regularmente na verdade do evangelho e achará pobreza de espírito. Olhe diariamente para Jesus: ele é verdadeiramente pobre de espírito (Is 61.1), porque se tornou pobre e morreu para lhe dar as riquezas de sua pobreza (2 Co 8.9). Ele renunciou seu direito ao reino (ver Fp 2.6) a fim de outorgá-lo a pessoas que merecem apenas perecer no reino de sua própria rebelião, traição, insensatez e pecado. Reconheça, então, a sua pobreza – e celebre-a – porque isso o torna pronto para receber o reino de Deus por meio da graça de Jesus Cristo. Somente ele pode lhe dar o reino que você precisa tão desesperadamente. O que marca as pessoas do reino como genuínas é o fato que elas *retornam continuamente* a esta única coisa – à inesgotável graça de Deus, reconhecendo que ela é tudo que temos e tudo que precisamos.

PARA A SUA MENTE

1. Explique o que é o reino dos céus.

2. Cite vários efeitos da queda do homem. Onde na Bíblia, especialmente no evangelho de Mateus, você pode entender os efeitos trágicos da queda? Onde você pode ver Jesus revertendo esses efeitos?

3. Quando os pobres de espírito desfrutam o reino dos céus?

PARA O SEU CORAÇÃO

4. Queremos as bênçãos do reino de Deus, mas não queremos o Rei. Cite uma área de sua vida em que você luta para permitir que Jesus reine.

5. Como o seu entendimento do evangelho da graça produz em você pobreza de espírito?

PARA A SUA IGREJA

6. O que acontece quando você entende ou não entende o evangelho da graça e sua pobreza de espírito em cada área dos exemplos seguintes?

a. Alguém na igreja, como resultado de seu próprio pecado (vício, mentir nos negócios ou gasto descontrolado) se tornou financeiramente incapaz de viver dentro do orçamento.

b. Um membro de seu grupo pequeno peca contra você por acusá-lo de um pecado que você pensa que não cometeu.

c. Alguém da igreja experimentou recentemente algum tipo de provação, e você lhe deu um conselho amável, muito de seu tempo e alguma ajuda financeira; depois, a pessoa o excluiu de uma reunião social.

PARA A SUA CIDADE

7. A cultura nos diz que temos dentro de nós mesmos todos os recursos para vencer obstáculos, reconciliar relacionamentos e ser tudo que podemos ser. Como você explica esta bem-aventurança para um amigo não crente que lhe diz que “pobreza de espírito” não é saudável?

8. Como você pode combater sua tendência natural de ser rico de espírito, quando fala com sua família e amigos não crentes? Você pode dar um exemplo de uma ocasião em que fez isso?

9. Como a sua pobreza de espírito muda a dinâmica do seu lugar de trabalho?

1. N. T. Wright, “Haven Is Not Our Home”, *Christianity Today*, April 2008, http://christianitytoday.com/ct.2008/april/13.36.html (ênfase acrescentada).

2. Carson, *Jesus’ Sermon on the Mount and His Confrontation with the World*, 12.

3. Paul David Tripp, *A Quest for More: Living for Something Bigger Than You* (Greensboro, NC: New Growth, 2007), 66-68.

4. John Calvin, *Golden Booklet of the True Christian Life* (Grand Rapids, MI: Bake, 1952), 32.

5. Carson, *Jesus’ Sermon on the Mount and His Confrontation with the World*, 18.

6. Robert H. Mounce, *Matthew* (Peabody, MA: Hendrickson, 1991), 38.

7. Thomas Watson, *The Beatitudes: An Exposition of Matthew 5.1-12* (1660; Banner of Truth, 1985), 45.

8. Lloyd-Jones, *Estudos no Sermão do Monte*, 45.

9. Carson, *Jesus’ Sermon on the Mount and His Confrontation with the World*, 18 (ênfase acrescentada).

10. Lloyd-Jones, *Estudos no Sermão do Monte*, 46.

Capítulo 3

AS BOAS NOVAS DE TRISTEZA AGRADÁVEL E ALEGRIA CHOROSA

A vida é dor, Majestade. Quem diz algo diferente está vendendo alguma coisa.
— Westley, *The Princess Bride*

Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.
— Mateus 5.4

Ninguém, em bom juízo, quer chorar. Ninguém diz: “Quero experimentar tristeza e dor como resultado de circunstâncias realmente deprimentes ou, melhor ainda, de grande sofrimento”. Pelo contrário, se temos de experimentar dor, queremos que ela pare tão logo quanto possível e, enquanto isso, desapareça por assistirmos a um filme, ou tomarmos um remédio, ou comermos um container de sorvete Häagen-Dazs. Acreditamos na ilusão do controle, crendo que, se pudermos assumir o controle de nossas circunstâncias, toda a nossa tristeza desaparecerá. Queremos debelar, ou ignorar, ou esquecer nossas tristezas, não celebrá-las. Por isso, quando Jesus diz, em essência: “Felizes são os tristes”, ele parece estar errado ou ser profundamente insensível.

Observe, porém, que Jesus não diz que os chorões são bem-aventurados *porque* choram. Não, os chorões são bem-aventurados porque serão consolados: “Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados”. Esse *porque* é importante, fazendo-nos saber que a razão ou a base para a bem-aventurança dos que choram é a certeza do consolo da parte de Deus. Você será bem-aventurando não porque chora, e sim porque conhecerá o consolo de Deus.

É claro que isso não torna a bem-aventurança menos complicada. De fato, ela pode até parecer mais esquisita, porque agora vemos que, para receber o consolo de Deus, temos primeiramente que chorar. Por que não pular totalmente o chorar e seguir direto para o consolo? “Eu receberei consolo *perpétuo*”: isso seria uma bênção genuína. Você preferiria uma vida *livre* de tristezas a uma vida com tristezas e, depois, o consolo, certo? Quem se preocupa com que você tenha consolo se, para recebê-lo, deve primeiramente de experimentar tristeza? Aqueles que nunca choram nunca precisam ser consolados – essa é bem-aventurança que queremos.

O problema é que não entendemos quão verdadeiramente infelizes nós somos, nem quão desesperadamente precisamos de Deus para nos consolar. Se entendêssemos, choraríamos alegremente e, depois, nos deleitaríamos em Deus mais profundamente do que jamais poderíamos ter-nos deleitado antes.

Você tem de chorar

Somente pela graça de Deus vemos a tragédia de nosso pecado. Aqueles que entendem o evangelho de Jesus Cristo odeiam o seu pecado, choram-no e querem alívio urgente dele. Mas a coisa engraçada no evangelho é que ele tanto revela quão miseráveis somos quanto aplica o bálsamo especializado que pode curar nossa miséria. A graça de Deus revela de quanta ajuda precisamos e, depois, nos dá exatamente isso. O evangelho de Jesus Cristo não é boas novas para os que são consolados, e sim para os que são desconsolados.

Você é desconsolado? Como você sabe que seu desconsolo é do tipo que Deus trocará por veste de louvor e óleo de alegria (Is 61.3)? Com o que se parece exatamente este choro bem-aventurado? Investigaremos cinco componentes daqueles que têm essa tristeza feliz: você chora a sua pobreza espiritual, o seu próprio pecado, o pecado do mundo, o pecado que os outros cometem contra você e o que todo este pecado fez a Jesus.

1) *Você chora a sua pobreza espiritual*. Os pobres de espírito entendem a sua total dependência de Deus: sabem que precisam dele porque são espiritualmente falidos, desesperados por resgate, mas totalmente incapazes de salvar a si mesmos. Quando você se torna ciente desta condição, vai às lágrimas. Portanto, o tipo de choro de que Jesus fala neste versículo é "a contraparte emocional da pobreza de espírito".[1] Chorar é o que você *sente* quando entende quão espiritualmente pobre é. Quando *sentimos* quão espiritualmente vazios somos, sentimo-nos intensamente tristes.

2) *Você chora o seu próprio pecado*. A razão de nossa pobreza espiritual é o nosso pecado, pelo qual nos esforçamos para viver em independência de Deus e administrar nossa vida. "O pecado é uma complicação de todos os males. É a destilação dos espíritos de injúria. O pecado desonra a Deus, nega a onisciência de Deus, zomba de sua paciência e desconfia de sua fidelidade."[2] O pecado quer justificar sua existência com base em atributos que tornam você melhor do que as outras pessoas – sua raça, sua religião, seu não racismo iluminado, seu sofrimento, seus poderes de inteligência, sua relativa falta de comportamento abertamente pecaminoso, seu ativismo religioso. Você pode mencionar certo atributo, se sentir superior por causa dele e até pensar que Deus deve ficar impressionado.

Esta é a razão por que você deve chorar não somente o seu pecado, mas também a sua justiça própria. Lamente o seu currículo espiritual – aquele que você tem procurado substanciar com toda realização que possa imaginar, em vez de com a justiça que procede somente de Deus. Chore seus pecados de desobediência contra Deus; chore a tolice de sua rebelião franca contra Deus *e* todo o dinheiro procedente de sua conta bancária espiritual que você imagina poder oferecer a Deus. Considere todas as suas obras de justiça – são apenas trapos de imundícia (Is 64.4); por isso, você deve lamentá-las.

3) *Chore o pecado do mundo*. Neste versículo, o tipo de choro denotado por Jesus tem de *começar* no sentir a ofensa do pecado que você mesmo comete, mas se move rapidamente para a tristeza quanto ao pecado em geral, o pecado que tem corrompido toda a vida humana, que torna todas as pessoas pobres de espírito, que causa sofrimento e opressão no mundo. Você deveria chorar por causa do tráfico sexual, a pedofilia, o incesto, a opressão dos pobres, a pandemia de AIDS na África, a opressão das mulheres, a opressão dos fracos por governos injustos, a ocupação de exércitos conquistadores, o

recrutamento de crianças para milícias horríveis, lideradas por dominadores chefes guerreiros cruéis. Se você se entristece verdadeiramente por seu pecado, não pode deixar de se entristecer pelo pecado ao redor do mundo.

4) *Chore o pecado que outros cometem contra você*. Vivendo em nosso mundo, você logo percebe como o pecado o envenenou totalmente, talvez porque outros farão ou dirão coisas que o ferem profundamente. Considere Isaías 61, que descreve o povo de Deus a chorar porque os conquistadores os oprimiam: sua cidade estava em ruínas, e eles estavam sendo desonrados. Mas eles não choravam apenas porque os outros estavam pecando *contra* eles. Pensar assim estabelece uma distinção muito clara entre chorar porque somos as *vítimas* do pecado e chorar porque somos os *perpetradores* do pecado. Todo o livro de Isaías deixa claro que a condição opressiva de Israel foi uma consequência de sua própria insensatez, desobediência e idolatria; e isso significa que o seu pecado e o pecado de outros contra eles estavam conectados inseparavelmente. Vítima e opressor são o *modus operandi* de cada pessoa, incluindo os antigos israelitas.

5) *Chore o que todo este pecado fez a Jesus*. Todos nós temos provado o aguilhão de nosso próprio pecado, temos visto o pecado assolar nosso mundo – cada pessoa lamenta isso em alguma medida. Mas a "tristeza do evangelho" é tristeza pelo modo como o seu pecado ofende a Deus (Jesus *morreu* pelo seu pecado) e tristeza pelo fato de que você assassinou o Salvador que o amou e lhe mostrou tanta graça no evangelho (Jesus morreu *em favor do* seu pecado). Devemos pranteá-lo "como quem pranteia por um unigênito… como se chora amargamente pelo primogênito" (Zc 12.10). Qualquer outro tipo de tristeza é apenas lamento superficial; qualquer outro chorar é um chorar ordinário. Mas todo cristão verdadeiro tem experimentado o tipo singular de tristeza que Zacarias descreveu. Ela é um produto do entendimento do evangelho da graça e diferente de qualquer outra coisa que já sentimos.

A tristeza do evangelho no mundo real

Quando choramos por causa do pecado – nosso próprio pecado, todos os pecados no mundo e pecados específicos – choramos de maneira abrangente, contritos por causa do ateísmo prático que aflige cada ser humano, porque "todo sofrimento que existe no mundo procede da tendência humana pecaminosa e destrutiva para agir como se Deus não existisse".[3] Em meu entendimento, o chorar que Jesus mencionou na segunda bem-aventurança é simplesmente realismo. Chorar é a única reação sensata e correta quando vemos a nós mesmos e o mundo como realmente é.

Muitas pessoas (incluindo pessoas nas igrejas) pensam que o cristianismo nos ensina a enfiarmos a cabeça na areia e ignorarmos quão miserável, difícil e corrompido o mundo realmente é, usando perpetuamente um sorriso de tolo em nossa face. Mas a Bíblia é muito mais realista do que isso. A fé cristã aborda a vida com grande realismo. Não ignora o mal ou o sofrimento; em vez disso, reconhece-o, o vê como realmente é e chora por ele.

Evidentemente, há muitas razões pelas quais você pode detestar o seu pecado. Você pode odiar o fato de que transgride algum padrão que estabeleceu para si mesmo e jamais imaginou que poderia transgredi-lo. Ou pode não gostar das possíveis consequências de seu pecado, como o quanto você fere os outros ou como as outras pessoas podem pensar

mal a seu respeito. Pode se sentir triste porque fez algo contrário ao que a Bíblia ensina. Ou pode talvez abominar a si mesmo por fazer tão insensatamente o que fez. Muitas destas podem ser boas razões para chorar, mas, sem o evangelho, são incompletas.

O cristianismo envolve chorar a grande fonte de toda a miséria no mundo – ou seja, o pecado, incluindo o meu próprio. Quando você vê o mundo e a si mesmo como realmente são, vai às profundezas do desespero e será esmagado sob este fardo. Ironicamente, a única coisa que impede esse desespero de matá-lo é outra forma de chorar – que tenho chamado de "tristeza do evangelho". Opera assim: se Cristo teve de *morrer* por meus pecados, não importando os seus efeitos nos outros ou em mim, o maior efeito foi em Cristo, e eu choro o fato de que tenho pecado contra esse amor. Nesse momento, vejo o amor de Deus como ele é e lanço minha esperança totalmente nele. Abandono a tentação de elevar a mim mesmo por meus próprios esforços. Choro até meus trapos imundos de moralidade pessoal, porque nada pode anular o veneno contaminante do pecado que matou meu Deus. Todo outro tipo de tristeza produz apenas morte e desespero, mas a tristeza do evangelho focaliza o meu choro (e minha esperança de consolo) no próprio Deus.

Judas e Pedro

Vemos a diferença entre o desespero destrutivo e a tristeza do evangelho em dois dos discípulos. Após a crucificação de Jesus, Judas chorou com sinceridade mas sem qualquer esperança, enquanto Pedro experimentou a tristeza do evangelho e, portanto, grande bênção. No primeiro momento, o choro esmagou aquele que chorou, mas, no segundo momento, o choro levou a Cristo aquele que chorou, para receber misericórdia. O choro de Pedro revelou seu desespero confiante de que Jesus o ajudasse da maneira que somente Jesus poderia fazê-lo, mas Judas chorou de uma maneira sem Cristo, como se estivesse completamente além de qualquer esperança.

Todos conhecem Judas como o discípulo que traiu Jesus por dinheiro, mas nem todos sabem (ou lembram) que Judas ficou triste por fazer isso. Mateus 27.3-4 diz que Judas, ao ver o que acontecera com Jesus, "tocado de remorso, devolveu as trinta moedas de prata aos principais sacerdotes e aos anciãos, dizendo: Pequei, traindo sangue inocente". Judas sentiu com seriedade o seu pecado e manifestou todos os sinais de remorso apropriado.[4]

- Viu o seu pecado pelo que realmente era: a condenação de Jesus.
- Admitiu especificamente o seu pecado, sem desculpas.
- Fez restituição pelo seu pecado, ao devolver as trinta moedas de prata.
- Isentou Jesus de qualquer culpa, chamando-o de inocente.

Judas viu o que o seu amor ao dinheiro fez – ele viu que Jesus teve de morrer por causa de seu materialismo e avareza. Mas faltou uma coisa. O que Judas não viu foi Jesus morrendo *espontaneamente* e morrendo, de fato, *por* pecadores como ele. Judas não viu a Jesus como cheio de graça, amor e misericórdia. Portanto, a sua culpa era muito grande para ele. Judas, atirou "para o santuário as moedas de prata, retirou-se e foi enforcar-se" (Mt 27.5).

É bom que Mateus nos tenha dado outro quadro de choro para contrastar com este de Judas. Pouco antes de escrever a história da tristeza não evangélica de Judas, Mateus escreveu a história da traição e tristeza de outro discípulo. Pedro havia negado a Jesus três vezes; e, quando o galo cantou, Pedro se lembrou de que Jesus dissera que ele faria aquilo. Por isso, ele saiu "e chorou amargamente" (Mt 26.75). Ou seja, Pedro foi a algum lugar e transbordou seus olhos; chorou alto, com uma tristeza que invadiu toda a sua alma. Estava cheio de tristeza e mostrou isso. Como Judas, Pedro traiu a Jesus e, como Judas, sentiu remorso profundo. Todavia, Pedro não se suicidou. Em vez disso, parece que seguiu em frente com algum tipo de esperança em Jesus. Sabemos disso pela maneira como ele reagiu na próxima vez em que viu a Jesus. Quando Pedro reconheceu que era Jesus quem estava em pé na praia, enquanto ele pescava, lançou-se na água e nadou até à praia (Jo 21.1-8). O barco deles não estava muito longe da praia – a apenas uns 90 metros – mas Pedro não podia esperar para encontrar-se com Jesus.

Essa é a diferença entre a tristeza do evangelho e todo outro tipo de tristeza. Em última análise, uma *foge de* Jesus a outra corre *em direção a* Jesus. Uma olha para Jesus na cruz e se focaliza em quão terrível é o pecado que o colocou ali, enquanto a outra se focaliza em quão admirável é o amor que suportou tal sofrimento por meu pecado. De fato, "o evangelho cria somente um tipo de tristeza pelo pecado que é pura e não destrói".[5] Sim, devemos chorar o nosso pecado, não como uma abstração, nem apenas porque transgredimos as leis de Deus, nem porque governamos a nossa própria vida; em vez disso, devemos chorar o nosso pecado porque vemos o nosso pecado (e a nossa justiça própria) como a nossa arma de assassinato na execução injusta de Jesus Cristo, que tanto nos amou. Esse tipo de tristeza nos fará odiar o nosso pecado e, ao mesmo tempo, amar o nosso Salvador cada vez mais.

John Newton refletiu esses dois tipos de tristeza em um hino que talvez nos seja bem conhecido – e que, por alguma razão, não é muito cantado em nossos dias. Estes versos resumem as emoções complexas que acontecem dentro de nós quando vemos a cruz pelo que ela é:

> Enquanto sua morte expõe meu pecado
> Para que o mundo inteiro veja
> (Esse é o mistério da graça)
> Que ela garante o meu perdão.
> Tristeza agradável e alegria chorosa
> Enchem agora o meu espírito,
> Pelo fato de que tal vida destruí,
> Mas vivo por Aquele que matei.
> — John Newton, "The Look"[6]

A cruz revela quão terrível é o meu pecado, mas também quão seguro é o perdão. Quando vejo o horror de meu pecado, sinto uma profunda tristeza que agrada tanto a Deus quanto a mim, como um pecador iluminado pela graça – porque isso revela que vejo a cruz pelo que ela é. Quando vejo meu perdão garantido, sinto profunda alegria, mas não com leviandade, porque esta alegria não pode acontecer sem o entendimento de que sou um assassino. Lamento o fato de que sou responsável por matar aquela vida na cruz, enquanto me deleito no fato de que sua morte me deu vida. Tristeza *agradável* e alegria

chorosa – esta é a tristeza do evangelho!

Talvez isto seja um novo conceito para você. Afinal de contas, a igreja cristã não é caracterizada por chorar o pecado. John Stott achava que isso acontece porque enfatizamos demais a graça: "Temo que nós, cristãos evangélicos, por valorizarmos demais a graça, às vezes, por isso mesmo, não levamos a sério o pecado".[7] Mas eu discordo. É verdade que nós, evangélicos, tendemos a não levar a sério o pecado, mas não porque valorizamos demais a graça. Pelo contrário, exatamente porque *não* entendemos a graça e *não* a valorizamos muito, não choramos o nosso pecado. Até que nos sintamos miseráveis por havermos traspassado Jesus com o nosso pecado, não choramos realmente; nos sentimos miseráveis como realmente deveríamos apenas quando vemos a graça de Deus em atividade na e por meio da cruz. Se entendêssemos a graça, choraríamos por nossos pecados e pelos dos outros e correríamos para Jesus a fim de obtermos ajuda e esperança.

Consolo verdadeiro

Se o choro genuíno é a tristeza do evangelho, então, o consolo verdadeiro tem de vir somente de Deus *por meio do* evangelho. Os verdadeiramente bem-aventurados são aqueles que têm a tristeza do evangelho, porque o próprio Senhor consola as pessoas que têm esse tipo de tristeza, e ele as consola com a mesma coisa que usou para causar o choro. Ou seja, ele as consola com o conhecimento de que todo o pecado delas (e todos os seus efeitos adversos no mundo) foram vencidos pela obra de Jesus na cruz. A primeira pergunta e resposta do Catecismo de Heidelberg afirma isso com grande beleza:

> *Pergunta 1*. Qual é o único consolo na vida e na morte?
> *Resposta 1*. Que eu, com corpo e alma, tanto na vida quanto na morte, não sou de mim mesmo, mas pertenço ao meu fiel Salvador, Jesus Cristo; que, com seu sangue precioso, realizou a satisfação por todos os meus pecados e me livrou de todo o poder do Diabo; e me preserva de modo que, sem a vontade de meu Pai celestial, nenhum cabelo caia de minha cabeça; sim, de modo que todas as coisas sejam subservientes à minha salvação, e ele, portanto, por meio de seu Espírito Santo, também me assegure da vida eterna e me faça sinceramente disposto e pronto para, daqui por diante, viver para ele.

Por meio do evangelho, Jesus permite àqueles que choram experimentarem o verdadeiro consolo da graça agora mesmo. Eles não têm de esperar por um tempo, no futuro distante, para prová-la. Ao mesmo tempo, o consolo experimentado agora por aqueles que choram é apenas uma realização parcial do que eles conhecerão no futuro quando Jesus retornar e consumar o reino dos céus. Naquele tempo, o Senhor "lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor" (Ap 21.4). Este é o consolo verdadeiro – consolo que experimentamos por meio do evangelho no presente e consolo que experimentaremos no futuro – pela graça soberana de Deus.

Você é uma pessoa que chora?

Você é infeliz? Está acometido de tristeza pelo pecado – chorando todo pecado, mas, em

especial, o seu próprio? Se este é seu caso, você está tomado de culpa e inseguro? Isso pode ser uma coisa boa! Não se você apenas vê o seu pecado como fracasso em atingir um conjunto de normas éticas ou em viver um bom comportamento cristão; mas é uma coisa boa se você vê o seu pecado como aquilo que pregou Jesus na cruz. Jesus o amou tanto que estendeu voluntariamente os braços para sofrer a ira justa de Deus por você, na cruz. Chore o seu pecado *e* se regozije nesse consolo. Bem-aventurados são os que choram dessa maneira, porque somente esses serão consolados.

Vale a pena notar que Jesus não disse: "Se você ficar bastante triste, conhecerá o consolo do evangelho". Ele não oferece a salvação por remorso, e sim a salvação por *graça*. Portanto, você não pode ter qualquer esperança falsa em sua própria moralidade – nem mesmo em sua indignação justa contra o seu pecado. O que você fez contra esse Deus que o amou tanto deve humilhá-lo e levá-lo às lágrimas e, depois, à dependência dele. Até o próprio chorar é um dom, pois você não pode desenvolver por si mesmo o verdadeiro chorar. Celebre a Jesus, porque o evangelho lhe mostrou quão horrível é o seu pecado e quão incapaz você é de expiá-lo. Celebre a Jesus, porque ele o consola perfeitamente em seu chorar.

PARA A SUA MENTE

1. Como você explica o fato de que não somos ordenados a chorar, mas, apesar disso, precisamos ser pessoas que choram para que sejamos cidadãos do reino.

2. Descreva como a primeira bem-aventurança sobre o ser pobre de espírito está relacionada com a segunda bem-aventurança sobre o chorar.

3. Como o entender o evangelho da graça produz o chorar ao qual Jesus se referiu nesta bem-aventurança? Por que essa é a única maneira de alguém experimentar esse tipo de chorar?

PARA O SEU CORAÇÃO

4. Considerando a sua própria vida, como pode cultivar a tristeza do evangelho em sua rotina diária?

PARA A SUA IGREJA

5. Chorar o nosso pecado pode causar em nós temor, condenação e até um senso de que talvez não pertençamos a Deus. Como podemos ajudar uns aos outros se ou quando isso acontece?

PARA A SUA CIDADE

6. Certamente não queremos que nossos amigos que não são cristãos obtenham de nós a impressão de que a vida cristã é uma vida de infelicidade. Como você pode ser uma pessoa que chora sem ser infeliz?

1. Carson, *Jesus' Sermon on the Mount and His Confrontation with the World*, 19.

2. Watson, *The Beatitudes*, 87.

3. Mounce, *Matthew*, 39.

4. Watson, *The Beatitudes*, 61.

5. Timothy Keller e J. Allen Thompson, *Church Planter Manual* (New York: Redeemer Presbyterian Church, 2002), 190.

6. Bob Kauflin revisou a letra original escrita por John Newton para o hino contemporâneo "The Look", disponível no álbum "Upward: The Bob Kauflin Hymns Project" (Sovereign Grace Praise, 2003).

7. John R. Stott, *The Message of the Sermon on the Mount: Christian Counter-Culture* (Westmont, IL: InterVarsity, 1978), 42.

Capítulo 4

AS BOAS NOVAS DE NÃO TER NADA PARA DEFENDER

Fale brandamente e carregue uma grande vara; você irá longe.
— Theodore Roosevelt

Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra.
— Mateus 5.5

Os mansos herdarão a terra? Os mansos governarão o mundo? Jesus não podia estar falando sério. Seus ouvintes certamente sabiam melhor. As pessoas excessivamente submissas, condescendentes, quietas e mansas do mundo nunca governariam a terra. Considere, por exemplo, uma análise dos imperadores romanos ou de seus governantes regionais, como Pôncio Pilatos, o magistrado encarregado da Palestina no tempo de Jesus. Se você não fosse muito insensível, não poderia ascender à escada da elite política romana. E o que podemos dizer sobre os zelotes? Estavam comprometidos com a subversão violenta da ocupação romana e teriam zombado da noção absurda de Jesus no sentido de que os mansos herdariam a terra. Até essa altura, manterem-se passivos não tinha ajudado os judeus a conquistarem a terra de volta ao seu próprio controle; e os zelotes se recusavam a suportar a opressão. Sabiam que os mansos eram *humilhados* e *maltratados*. Isso era o bastante. Era tempo de agir.

O mesmo é verdade em nossa cultura. Pessoas mansas não conseguem o privilégio de administrar coisas. São pessoas a quem se ordena fazerem coisas e que fazem o que se lhes ordena. Talvez não gostem de receber ordens, mas não têm iniciativa para fazerem algo a respeito. Por isso, usamos a palavra *manso* como um insulto e preferimos o tipo de coragem pessoal que diz: “Se algo tem de acontecer, eu mesmo o farei”.

Isto não significa que não valorizamos a humildade em nosso mundo, pois a nossa cultura parece admirar aqueles que sabem como ouvir e têm autocontrole para manterem-se quietos quando lhes parece melhor agir assim. Também censuramos ditadores cruéis e criminosos bárbaros. Não gostamos de governantes modernos que, como Pôncio Pilatos, buscam seu próprio proveito a qualquer custo para seus governados; e perseguimos os zelotes – terroristas motivados por idealismo e disposição de praticar violência audaciosa. Mas, ao mesmo tempo, consideramos ser errado não defender a nós mesmos quando maltratados ou enganados. Supomos que sempre há em nós algo digno de ser defendido – alguma essência de retidão moral que os outros têm de respeitar. De acordo com a definição de Jesus, isso significa que não somos mansos.

Herdando a terra

Os salmos prometem que “os mansos herdarão a terra e se deleitarão na abundância de paz” (Sl 37.11). E os judeus colocavam muito de sua esperança nesta promessa. Eles entendiam que sua herança se estenderia para além da terra de Canaã, na Palestina, para toda a terra; e entendiam a *abundância de paz* como um tempo em que Deus colocaria, finalmente, os opressores de Israel em seu devido lugar e restauraria a ordem a todo o universo (ver Is 66.22). Mas Jesus queria dizer muito mais do que isso.

O público original de Jesus esperava que os mansos herdassem a terra por meio de um levante armado liderado por seu Messias no final da História. Esperavam por uma grande exibição em que os seus opressores seriam despedaçados como vasos de oleiro (Sl 2.8-9). Jesus, porém, ensinou que os mansos experimentariam a sua herança no presente: “Está próximo o reino dos céus” (Mt 4.17). Afinal de contas, como veremos no capítulo 9, os filhos de Deus herdam, antes e acima de tudo, uma *pessoa* e não uma *propriedade*. No futuro, toda a terra saberá que está sob a autoridade do Rei Jesus e de seus súditos leais; e o Senhor tornará isso conhecido por meio de seu poder. A propriedade será nossa e se estenderá em todas as direções. Nesse ínterim, experimentamos a nossa herança da terra por meio de mansidão – por tomarmos refúgio no Filho unigênito de Deus (Sl 2.12), aquele que recebe sua herança não por poder, mas por virtude de sua filiação (Sl 2.6-7).

Isto significa que a única pessoa que ganhou a herança da terra foi Jesus e a ganhou por esvaziar-se a si mesmo (Fp 2.7). Jesus cumpriu toda a Lei e os Profetas (Mt 5.17), de tal modo que todas as promessa que o Antigo Testamento faz aos mansos pertencem a Jesus. Ele é o manso por excelência que herda a terra e compartilha sua herança com os que colocam sua fé nele (ver Hb 9.15). Seus coerdeiros deixaram de lado todos os seus supostos direitos e se submeteram alegremente ao governo de Deus como cidadãos de seu reino. Os coerdeiros de Jesus são mansos como seu Salvador.

Jesus gentil, manso e meigo?

Se Jesus é o único herdeiro legítimo da terra, aquele que compartilha alegremente sua herança com os mansos, devemos olhar para Jesus a fim de entendermos a verdadeira mansidão. Jesus chamou a si mesmo de “manso e humilde de coração” (Mt 11.29) e começou a semana mais triunfante de sua vida por cavalgar, surpreendentemente, um inexpressivo jumento até à capital do país (Mt 21.5-7). Mas, para Jesus, mansidão não significava definitivamente condescendência passiva, sentar-se à espera de que alguém fizesse alguma coisa. O hino de Charles Wesley “Jesus Gentil, Manso e Meigo” parece sugerir que, se pudéssemos imitar a Jesus, seríamos filhos de Deus meigos e complacentes, mas o hino parece ignorar o tipo de mansidão agressiva que Jesus incorporava.

Você lembra que Jesus ficou irado no templo (Mt 21.12-13)? Ali estava o “Jesus gentil” agindo como um lunático. Entrou no templo e devastou os cambistas. Expulsou pessoas do tempo e virou mesas; moedas voavam por todo lado, animais berravam, pessoas corriam desordenadamente, enquanto Jesus citava as Escrituras para elas. Depois, em Mateus 23, Jesus proferiu acusações graves e inflamatórias contra os escribas e fariseus, chamando-os filhos do inferno, hipócritas e serpentes (ver, especialmente, os versículos 29 a 33). Nem mesmos os seus discípulos mais queridos ficaram livres de palavras duras quando

pareciam apropriadas. Em Mateus 16.23, Jesus chamou de Diabo o seu amigo mais íntimo, o que seria hoje semelhante a comparar alguém a Hitler ou a Bin Laden e *querer dizer* realmente isso. Jesus Cristo – o modelo perfeito de mansidão – ficou bravo no templo, proferiu maldições contra seus anciãos e repreendeu seus únicos amigos.

Parece, então, que o "Jesus gentil, manso e meigo" é a maior designação incorreta que já existiu! De fato, poderíamos começar a perguntar-nos se Jesus foi realmente manso. Pensamos em pessoas mansas como pessoas humildemente pacientes, em especial, quando provocadas. Pessoas mansas não lidam com os problemas por si mesmas, nem explodem com acessos de ira; mas parece que Jesus fez exatamente isso quando entrou no templo e quando repreendeu os líderes religiosos e Pedro. A igreja tem, historicamente, visto a Jesus como tão amável e brando, que achamos difícil interpretar estas histórias. Mas não ignoramos a realidade óbvia da robusta mansidão de Jesus.

Na realidade, mansidão não significa evitar conflito ou recursar-se a chamar espada de espada apenas porque as consequências parecem indesejáveis. Mansidão significa simplesmente nunca manter a mansidão por amor à própria mansidão. Você pode ser manso enquanto corrige, repreende e admoesta – não fazendo isso como expressão de superioridade ou de defensiva pessoal. Jesus não era um molengão indeciso,[1] mas era radicalmente manso.[2] Ele nos mostra que mansidão não é evitar conflitos ou ser agradável apenas por gostar de ser agradável. Mansidão não é timidez excessiva.

Nem por um momento Jesus fez qualquer coisa com o propósito de defender a si mesmo, como se estivesse se sentindo ameaçado por outras pessoas. E jamais fez alguma coisa para assumir uma posição de superioridade sobre os seus rivais ou para satisfazer seu próprio orgulho. Mas ele confrontou a falsidade com ações e palavras fortes – os riscos eram muitos grandes para ignorá-los. Tudo que Jesus fez em sua vida foi uma expressão de sua humildade profunda e desejo profundo de obedecer ao seu Pai e colocar os outros em primeiro lugar. *Isso* é verdadeira mansidão.

Obtenha mansidão por meio de pobreza e choro

Se Jesus nunca defendeu a si mesmo, ou nunca se sentiu ameaçado por outros, ou nunca assumiu uma posição de autoridade sobre seus rivais, então, estou em problemas no que diz respeito à mansidão. Não tenho pouco ou nenhum direito de fazer essas coisas, mas as faço apesar disso. Então, como obtenho mansidão? Pare um pouco e pense sobre a beleza interna das bem-aventuranças: se você é manso, é primeiramente um pobre de espírito que chora.

Se você é pobre de espírito, entende sua total dependência de Deus – quão espiritualmente devedor você é diante do Senhor. Sabe que não tem nada para dar a Deus, exceto suas dívidas; todas as realizações e bondade que você achava que tinha são apenas trapos de imundícia (ver Is 64.6), porque até as suas melhores coisas foram corrompidas por sua pecaminosidade. Você sabe o quanto Jesus pagou por seu pecado – o resgate de sua vida, sofrendo e morrendo na cruz, para receber a ira de Deus por seus pecados como seu substituto.

Portanto, você se entristece pelo pecado que custou tanto a Deus e que o tornou

necessitado diante de Deus. Você chora o pecado e a autoconfiança que o colocaram (e o resto do mundo) em tais apuros horríveis. Principalmente, lamenta o fato de que, por causa do seu pecado, você pregou a Jesus na cruz. Sabe que sua autoconfiança fez coisas horríveis ao Senhor que o amou; por isso, quando vê a Jesus morto na cruz, chora pelo fato de que ele *teve* de morrer por você e vai às lágrimas porque ele morreu *voluntariamente* por você, como uma expressão de amor. A mansidão parece ser um produto natural desta compreensão: a pobreza de espírito o faz chorar o seu pecado, e chorar o seu pecado o torna manso.

Mansidão é uma atitude interna que você manifesta externamente quando se relaciona com outras pessoas. Se chorar é a contraparte *emocional* da pobreza de espírito, mansidão é a contraparte *relacional* tanto da pobreza de espírito quanto do chorar. Quando vemos a nós mesmos à luz de quem Deus é, entendemos nossa pobreza de espírito e choramos. Mas, quando essa autoavaliação se traduz em nossos relacionamentos com outras pessoas, ela se parece com mansidão e gentileza.[3]

Pratique mansidão como respeito e atitude não defensiva

Se você vê a si mesmo como pobre de espírito, será gentil com os outros porque entende que eles são pecadores como você é (ver Hb 5.1-2). Mesmo quando outros o maltratarem e o acusarem injustamente, você os tratará com gentileza porque mansidão significa que, se a acusação nem tem fundamento, não agiremos para defender a nós mesmos. Não sentimos necessidade de justificar a nós mesmos contra as acusações que equivalem a pouco mais do que ataques pessoais. Suportaremos bem as injúrias. Como disse um escritor puritano: “Um espírito manso, como o carvão úmido, não pegará fogo facilmente”.[4] E o que nos torna “carvão úmido” é um profundo conhecimento de que somos tão maus quanto todos pensam que somos: embora o ataque específico não seja precisamente verdadeiro, sabemos que somos capazes da acusação, por isso, não nos defendemos por amor a nós mesmos.

Em vez disso, quando outros percebem e citam nossas fraquezas e imperfeições, a mansidão nos levará a aceitar as acusações com humildade. Sabemos que somos tão maus quanto (se não piores do que) eles dizem que somos. Portanto, os mansos sãos prontos a considerar toda verdade que pode estar presente no ataque. Quando você vê a si mesmo como falido diante de Deus, então, qualquer acusação que lhe for dirigida lhe parecerá, pelo menos, parcialmente razoável.[5] Quando alguém sugere que você é um pecador, ou tolo, ou ignorante, isso lhe é perfeitamente sensato porque você sabe o quanto é pobre de espírito. Pense nisto: se alguém me acusar de ser Bob Glenn, não me desculparei nem me justificarei. Por quê? Porque eu sou Bob Glenn, para bem ou para mal – principalmente, para mal. Se eu sou o que eles dizem que sou, não defendo a mim mesmo, apenas reconheço a verdade.

De modo semelhante, a mansidão resiste à tentação de afirmar-nos a nós mesmos. Sentimo-nos quase irresistivelmente inclinados a fazer isso com outros que têm autoridade sobre nós, especialmente quando eles exercem essa autoridade para satisfazer seus propósitos errados. Essa autoridade pode ser real ou apenas sentida, mas, quando sentimos uma luta de autoridade, queremos atacar primeiro – sermos ofensivos em defesa de nós

mesmos. Por isso, elogiamos as nossas realizações, as exibimos e comparamos a nós mesmos com os outros, numa tentativa de elevar-nos por diminuí-los. Podemos fazer isso antes mesmo de o oponente mostrar sinais de ataque, se tememos a face de derrota.

Vi isso tão claramente em mim mesmo uma manhã numa cafeteria, quando o homem mais atlético que conheço se aproximou de mim repentinamente. Fazemos exercícios no mesmo ginásio e falamos com certa regularidade sobre dieta e exercícios. Este homem está entre os 40 e 50 anos de idade. E você pode ver cada um de seus músculos durante todo o ano. Neste dia específico, ele entrou na cafeteria enquanto eu estava comendo… um docinho. Logo que o vi, minha mente se apressou a imaginar como eu poderia justificar tal sacrilégio. Ele não tinha me visto nem me disse coisa alguma, e eu não tinha planos de alertá-lo quanto à minha presença, mas a minha mente se apressou em pensar o que eu lhe diria sobre o docinho, se ele me cumprimentasse – como eu justificaria meu deleite Homer Simpson. "Este é meu único doce para esta semana" talvez funcionaria. Ou, talvez, "estou quebrando minha dieta para dar um impulso no meu metabolismo"? Ele não me atacara, mas eu o senti como alguém que tinha autoridade sobre mim, por isso, carreguei minha arma defensiva. Queria estar pronto – para afirmar e defender a mim mesmo – antes que ele tivesse chance de revelar minha fraqueza e sua fortaleza.

Todos nos comportamos desta maneira. Quando achamos que alguém pensa menos de nós, ou pensará menos de nós, ou está prestes a pensar menos de nós, damos muito valor a nós mesmos. É um mecanismo de defesa pelo qual tentamos evitar nossas próprias fraquezas ou, pelo menos, fingimos que elas não nos controlam. Mas a mansidão nos liberta para dizermos: "Não há nada a defender". Não porque nos sentimos justificados em tudo que fazemos, e sim porque nossa pobreza de espírito chorosa nos trouxe ao lugar em que cremos realmente que nada temos em nós para defender. "Sou apenas um pecador" não é uma coisa lastimável a dizermos e sim a coisa mais verdadeira a dizermos sobre nós mesmos.

Mansidão deve, portanto, envolver autocontrole, "liberdade da maldade e de um espírito de vingança"[6] e a ausência de pretensão. Mansidão presume que tenho o direito de retaliar, de defender ou de afirmar a mim mesmo, de reivindicar meus próprios direitos, mas escolhe refrear meus impulsos e me permite ser difamado e defraudado. Mais do que isso, porque não preciso defender a mim mesmo, não me comportarei maldosa ou vingativamente; em vez disso, praticarei paciência e entendimento com os outros como pecadores na jornada, porque não há pretensão nenhuma nos mansos. Já abandonamos nossa suposta bondade e espiritualidade,[7] por isso não precisamos fingir ser algo que não somos. Podemos ser honestos e francos quanto a nossas fraquezas, limitações e pecados em nossos relacionamentos com outras pessoas – de fato, podemos aceitá-las. Podemos descansar em nosso grande Defensor, que virá em nossa ajuda se e quando precisarmos.

Jesus fez isso, revelando mansidão suprema durante seu julgamento e crucificação. Ele não defendeu a si mesmo das falsas acusações, embora ninguém pudesse fazer qualquer afirmação legítima de pecado nele ou difamar razoavelmente o seu caráter. Jesus foi acusado, julgado e executado injustamente, mas *não* vindicou a si mesmo nem defendeu sua honra. Ele recusou usar seu poder para sua vantagem pessoal, mesmo naquelas horríveis horas finais e, em vez disso, confiou apenas em seu Pai quanto à vindicação. Entretanto, a mansidão de Jesus é diferente da nossa. Ele suportou acusação mansamente

não por causa de alguma fraqueza, imperfeição ou pecado de sua parte – ele não tinha nenhum! Então, há um sentido em que nossa mansidão é muito mais fácil do que a dele, porque não temos realmente nada digno de ser defendido. Se vemos a nós mesmos corretamente, devemos nos admirar de que Deus e os outros não nos tratem mais pobremente do que o fazem.[8]

Por um lado, a mansidão o guardará de defender a si mesmo (porque você sabe que não tem em si mesmo nada digno de ser defendido) e, por outro lado, o levará a colocar os outros em primeiro lugar. O evangelho lhe revela que você não é moralmente superior a ninguém e que não precisa temer os outros, de modo algum. Isso significa que você pode realmente amar os outros agora. Quando as pessoas são uma ameaça para você – para sua reputação, sua posição ou seu status – você não pode cuidar dos interesses delas antes dos seus próprios. Mas a mansidão remove essa ameaça, porque você sabe que ninguém mais pode lhe dizer qualquer coisa que seu Pai celestial não saiba a seu respeito. A mansidão, portanto, se traduz em um desejo de gastar-se a si mesmo completamente para que outros experimentem grande bem (ver Fp 2.5-8).[9]

Mansidão do evangelho

As pessoas mais sortudas no mundo são aquelas que se recusam a defender a si mesmas e resolvem colocar os outros em primeiro lugar, porque essas pessoas – e somente elas – herdarão a terra. Mas não podemos somar excelência relacional suficiente ao nosso currículo espiritual para termos direito a essa herança. Heranças não funcionam dessa maneira. Nem Jesus está nos aconselhando a tentar isso, porque as bem-aventuranças não são mandamentos. Pelo contrário, as bem-aventuranças servem como medidores de nosso nível de compreensão do evangelho: são um aferidor para verificarmos se e quão bem entendemos a graça de Deus. A única maneira pela qual a mansidão pode se tornar parte do seu caráter é se você entender o evangelho.

Talvez você seja capaz de reconhecer sua própria pobreza de espírito e chorar seu pecado diante de Deus, mas reagir com mansidão quando outras pessoas lhe dizem como veem o seu pecado é outra história.[10] Percebo como a mansidão é difícil quando confesso o pecado a outros em termos gerais, relutando em ser específico. Percebo isso também em minha habilidade de lidar bondosamente com a autocrítica, enquanto lido defensivamente com a crítica procedente de outros. Você pode até *pensar* que resolveu o problema de sua falência espiritual diante de Deus e lamentou como o entristeceu e matou o seu Filho, mas não entendeu realmente se, depois, não demonstrou mansidão. E a prova de sua mansidão está em como você se relaciona com seus irmãos em Cristo, os quais você pode ver (1 Jo 4.20).

Talvez você seja moralmente correto em muitas áreas, de modo que parece injusto quando outras pessoas apontam defeitos em outras áreas; de fato, pareceria mais justo se você mostrasse aos outros em que pontos eles falham. Mas o evangelho mostra quão totalmente indefensável você é; apenas considere a morte de Jesus na cruz em seu favor. Se você é tão pecaminoso, egocêntrico e autoconfiante que exigiu a morte do Filho de Deus na cruz por sua salvação, não tem em si mesmo nada digno de ser defendido. Entender a profundeza de seu pecado o torna gentil para com os outros (lembre de Hb 5.1-

2).

No entanto, os cristãos têm outra boa razão para desistirem de defender a si mesmos: outra pessoa se tornou o nosso Defensor. Estou seguro no evangelho. Embora Deus saiba que sou um pecador falido e vil, ele me aceitou e me amou. Por causa disso, estou liberto da necessidade de defender a mim mesmo, criar desculpas, menosprezar os outros e fofocar sobre eles, tornar a mim mesmo mais do que sou. Essas coisas me fazem sentir mais seguro em minha carne, mas não preciso mais desse tipo de segurança.

A mansidão é, portanto, o teste que mostra se você realmente entende o evangelho. Você é pobre de espírito? Tem chorado? Entende a graça? Pois a graça não somente muda a maneira como você pensa sobre si mesmo, ou como pensa sobre Deus, ou mesmo como pensa sobre si mesmo em relação a Deus. A graça muda a maneira como você se relaciona com as outras pessoas. A certeza da amorosa aceitação de pecadores por parte do Senhor, por meio do evangelho, nos dá liberdade para amar e servir aos outros, em vez de nos compararmos a eles ou defendermos a nós mesmos para com eles. Você pode aceitar suas fraquezas e celebrar seus defeitos precisamente porque sabe que não tem nada digno de ser defendido e, muito mais do que isso, porque sabe que Jesus o ama, apesar de suas fraquezas e defeitos. De fato, ele morreu para defendê-lo para sempre como seu coerdeiro e amigo. Você pode celebrar suas fraquezas – não como defeitos em si mesmos, mas como meios pelos quais a perfeita graça de Deus resplandece em sua vida. Entender a graça de Deus pode torná-lo manso.

PARA A SUA MENTE

1. Explique “o como, o quando e o quem” desta bem-aventurança. Como Jesus mudou as noções preconcebidas de seus ouvintes?

2. Como você explica o fato de que Jesus não nos manda ser mansos, mas, apesar disso, temos de ser mansos a fim de possuirmos cidadania no reino de Deus?

3. Como a mansidão está ligada às duas primeiras bem-aventuranças sobre pobreza de espírito e chorar?

4. O que significa ser manso?

PARA O SEU CORAÇÃO

5. Dê um exemplo de uma ocasião em que você defendeu a si mesmo quando talvez estava errado. O que você fez para se proteger?

6. Como você entende que o evangelho da graça o ajuda a resistir à tentação de defender a si mesmo, mesmo quando não acha que fez algo errado?

7. Você poderia citar pessoas ou tipos de pessoas que lhe causam temor porque têm autoridade sobre você. Quem e por quê? Como o crer no evangelho muda isso?

PARA A SUA IGREJA

8. Dê um exemplo de uma ocasião em que você explodiu em ira para com alguém ou fez retaliação contra alguém que disse algo ofensivo a seu respeito.

9. Como o entender desta bem-aventurança pode ajudá-lo quando você sente a necessidade de defender a si mesmo ou de "humilhar alguém" quando alguém o confronta ou o faz parecer uma pessoa má?

PARA A SUA CIDADE

10. Parece que uma disposição de mansidão pode fazer mais do que qualquer outra atitude para mudar o entendimento do seu amigo não cristão sobre o cristianismo. Você concorda ou discorda? Discuta como o ver a mansidão poderia mudar a atitude e as suposições de um não cristão sobre a fé cristã.

1. Carson, *Jesus' Sermon on the Mount and His Confrontation with the World*, 20.

2. Ver Lloyd-Jones, *Estudos no Sermão do Monte*, 61.

3. Ver D. A. Carson, *Matthew: Chapters 1-12*, The Expositor's Bible Commentary (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1995), 20; e Lloyd-Jones, *Estudos no Sermão do Monte*, 59, ss.

4. Watson, *The Beatitudes*, 106.

5. "Ser verdadeiramente manso significa que não mais ficamos a proteger-nos, porquanto já teremos compreendido que nada existe a ser defendido" (Lloyd-Jones, *Estudos no Sermão do Monte*, 62).

6. Carson, *Matthew*, 133.

7. Robert A. Smith, *Matthew*, Augsburg Commentary on the New Testament (Minneapolis: Augsburg Fortress, 1989), 83.

8. Lloyd-Jones, *Estudos no Sermão do Monte*, 63.

9. D. A. Carson, *Jesus' Sermon on the Mount and His Confrontation with the World*, 20.

10. Lloyd-Jones, *Estudos no Sermão do Monte*, 59.

Capítulo 5

AS BOAS NOVAS DE SUA FOME

Você não entende! Eu poderia ter sido uma pessoa de classe! Poderia ter sido um boxeador. Poderia ter sido alguém, em vez de um vagabundo, que é o que eu sou.
— Terry Malloy, *O Sindicado de Ladrões (1954)*

Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos.
— Mateus 5.6

Você já se perguntou por que demorou tanto para Brett Favre, o zagueiro mais honrado, mais quebrador e mantenedor de recordes na história da Liga de Futebol Americano, parar de jogar? Ele anunciou sua aposentadoria duas ou três vezes (dependendo de quem faz a contagem) antes de se aposentar realmente, mas acho que a razão por que ele teve dificuldade para terminar a carreira foi que considerava o futebol como aquilo que lhe dava significado. Ele não podia imaginar o que mais poderia fazer e acreditava que precisava de sucesso contínuo no futebol para permanecer aceitável para si mesmo e para os outros. O futebol justificava a sua existência.

A maioria de nós pensamos em felicidade desta mesma maneira: ficamos satisfeitos quando, e somente quando, realizamos algo digno. Nossa felicidade pode centralizar-se em nossa carreira, em nossos relacionamentos ou em nossa imagem corporal, mas ficamos infelizes enquanto não temos o que queremos, e, quando o temos, nunca queremos perdê-lo. Faremos o que for necessário para retê-lo por tanto tempo quanto possível, mesmo se pudermos trocá-lo por algo que produza satisfação semelhante (ou maior) – como, por exemplo, aposentadoria de uma carreira que consome muito tempo. Quando nos sentimos no controle daquilo que nos dá significado, debatemos constantemente os “e se?” de trocar essa coisa que nos dá satisfação por outra que pode nos dar mais prazer. Se somos como Brett Favre, demoraremos muito tempo para dar um passo em uma nova direção, se o dermos.

Em última análise, é o ter, e não o ansiar por, que define a satisfação no mundo. Definitivamente, não pensamos em nós mesmos como pessoas felizes quando *ansiamos* por algo que ainda não possuímos. Somente aqueles que têm o que querem são satisfeitos, e lamentamos a necessidade. Sentimo-nos envergonhados se nos falta alguma coisa e celebramos a autossuficiência. Mas nesta bem-aventurança Jesus oferece novamente uma lógica contraintuitiva: feliz e plenos são aqueles que têm fome.

Ter fome ou estar satisfeito?

Parece que Jesus presumiu que ter fome e sede é preferível a *estar satisfeito*, mas você não prefere um estômago cheio a um vazio? E, com certeza, aqueles que *já* são justos são bem-aventurados, não aqueles que apenas *desejam* ser justos. O Antigo Testamento ensina isto (ver Sl 5.12 e 106.3), e o bom senso nos diz a mesma coisa. Mas Jesus disse o oposto: nem aqueles que pensam haverem atingido a justiça,[1] nem "os empanturrados",[2] e sim aqueles que *anelam* por justiça – estes são os felizes.

Você já anelou por alguma coisa? Quando Jesus mencionou ter fome e sede, não queria dizer algo como o ronco que você pode sentir em seu estômago perto da hora do almoço. Ele queria dizer sentir muita fome e morrer de sede. A maioria dos que leem este livro provavelmente terá muita dificuldade para se identificar com a fome e a sede real (embora isto não seja verdadeiro para todos), mas no mundo antigo muitas pessoas viviam à beira da fome e até viajavam pelo deserto por períodos de tempo extensos sem água. Essa era a situação quando Jesus falou esta bem-aventurança. Estava falando sobre um anseio desesperado por ser alimentado – um anelo profundo por justiça. Ele disse que este é o melhor lugar onde alguém pode estar: o lugar onde você sabe que não tem justiça e onde sabe que está desesperado por ela.

O povo de Israel estivera nesse lugar: "Famintos e sedentos, desfalecia neles a alma" (Sl 107.5). E Deus os ajudou por causa de seu amor para com eles. Naquela ocasião, os israelitas anelavam por livramento do deserto, e Deus os levou ao lugar que poderiam chamar de lar, "pois dessedentou a alma sequiosa e fartou de bens a alma faminta" (Sl 107.9). O problema foi resolvido, certo? Eles tinham fome, e Deus satisfez a sua fome.

Mas o salmista prosseguiu e recontou como os israelitas se viram repetidas vezes em necessidade: anelavam por resgate da opressão, por resgate da morte e por resgate de desastres naturais. O salmista até escreveu um refrão para expressar como eles rogaram por ajuda e como, frequentemente, "na sua angústia, clamaram ao SENHOR, e ele os livrou das suas tribulações" (Sl 107.6, 13, 19, 28). Sabiam que somente Deus era a sua esperança em qualquer circunstância horrível em que se achassem. E, frequentemente, se viram famintos por uma coisa ou outra, pedindo a Deus que satisfizesse os seus anseios.

Jesus tencionava evocar esse padrão de anseio e satisfação nesta bem-aventurança – anseio desesperado e recorrente, contínuo e confiante até que a satisfação completa venha na era seguinte. Deus satisfez seu povo no passado, mas nunca totalmente. Jesus inaugurou o reino de Deus, mas ainda não foi totalmente consumado. Então, quando Jesus prometeu satisfação neste versículo, ele queria dizer que podemos *provar* a plenitude do reino e podemos ter este provar *agora mesmo*. Esse provar nos faz sentir fome e sede por mais – desesperados pelo reino por vir em toda a sua glória. Podemos agora mesmo entrar em nossa herança precisamente porque temos sede e fome por ela.

Perfeição total

Mas, o que exatamente Jesus queria dizer com a palavra *justiça*? Ele disse que somos bem-aventurados quando temos fome e sede porque seremos satisfeitos; e começamos a entender o que ele queria dizer ao falar sobre esse anseio e essa satisfação, mas pelo que exatamente sentimos fome? A palavra justiça aparece em toda a Bíblia, e Jesus se referiu a ela frequentemente no Sermão do Monte. Por isso, precisamos entendê-la.

Primeiramente, temos de entender que justiça significa que você faz coisas certas. Uma pessoa justa pratica consistentemente um comportamento que reflete a vontade de Deus.[3] Você deve pensar em justiça como uma reputação que o coloca na presença de Deus.[4] Ser *justo* significa que você tem vivido o tipo de vida que Deus considera aceitável. De quanto viver justo você precisa para justificar sua existência? Jesus disse que, para entrar no reino de Deus, você precisa ter mais justiça do que os líderes religiosos da época dele tinham (Mt 5.20). Em comparação com tais líderes religiosos, você tem o que é necessário para ser aceitável a Deus?

Ainda que você nunca tenha feito esta pergunta de maneira teológica, talvez já considerou a sua justiça em relação às pessoas ao seu redor. Pense nisto: se você já se perguntou se tem o que é necessário para agradar alguém, já se perguntou a respeito de sua justiça. Todos queremos ser recebidos e aceitos por aqueles cujas opiniões e decisões são as mais importantes para nós. Queremos fazer o que é certo, não importando como definamos isso. O que você precisa fazer – ou de que pessoa você precisa ter aprovação – para saber que sua vida tem algum valor? Justiça é tudo que você busca para justificar sua existência, e todos nós buscamos algo. Talvez você possa identificar-se com uma destas buscas comuns:

- Fazer bem seu trabalho como pai, empregador, empregado ou dona de casa.
- Ser competente, capaz, sábio e eficiente – um perito em seu campo de atividade.
- Ter grande erudição ou ser tão inteligente que não se preocupe com isso.
- Ser considerado fisicamente atraente.
- Obter a sabedoria da época e experiência de vida.
- Praticar generosidade e/ou viver de acordo com sua renda.
- Não ser notado, não causar dificuldades, não criar problemas para os outros.
- Ser bom, cordial e agradável com as pessoas, não ficando irritado, mas tendo um temperamento equilibrado para com todos.
- Sofrer problemas psicológicos, aflições ou adversidades difíceis.
- Ser legal, engraçado, elegante, astuto ou sofisticado.
- Praticar o hábito de limpeza, ser organizado e ordeiro.
- Ter certa família ou etnia de origem.
- Amar seus amigos e familiares com lealdade.

Pense no que realmente impele você a prosseguir e cumprir sua vida diária; isso revelará aquilo que você pensa tornar a sua vida digna de ser vivida. E, se você quer testar se deposita sua esperança na verdadeira justiça ou em algo menor, examine aquilo pelo que você se torna mais defensivo. Por exemplo, se a sua justiça é sua própria competência, então, brigará com alguém que sugira que você cometeu um erro. Atacará seu acusador e defenderá a si mesmo ou se tornará profundamente amargurado, deprimido e devastado. Você se sentirá chocado e explodirá com raiva furiosa contra o alguém que ousa questioná-lo. Em última análise, você sabe que não tem o que a justiça envolve, mas, se a sua justiça é exposta como falsa, sua vida, como você a conhece, acaba. Por isso, você defende desesperadamente a sua justiça.

No entanto, a justiça que Jesus quer que você almeje é algo completamente diferente de qualquer coisa que você poderia realizar por si mesmo. É uma justiça que significa viver corretamente aos olhos de Deus, tão consistente e perfeitamente que Deus o aceite. Sabemos que Jesus estava falando de uma justiça abrangente, porque Mateus empregou uma construção grega incomum neste versículo: em vez de usar a forma costumeira do genitivo, Jesus colocou a expressão "de justiça" no acusativo; e isso significa que ele estava falando não apenas de alguma justiça, e sim de toda a justiça no mundo.[5]

E equivale a isto: o único histórico de obras corretas que lhe garante aceitação diante de Deus e satisfaz seu coração é um histórico extensivamente perfeito. Você tem de viver uma vida que Deus considere totalmente correta. Jesus disse isso, com franqueza, depois neste capítulo: "Sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste" (Mt 5.48). É claro que você sabe, com base em todas as tentativas fracassadas em padrões de justiça menores, que isto é impossível. Talvez essa seja a razão por que você tem de anelar por tal justiça, em vez de querer produzi-la. Jesus quer que você tenha fome e sede de um histórico perfeito e uma vida perfeita – nada menos.

Não pode obter nenhuma satisfação

O fato de que a perfeição é o único padrão de justiça que o Deus santo aceita não deveria ser uma surpresa. Você não esperaria nada menos do Senhor "santo, santo, santo" (Is 6.3). O que deveria surpreendê-lo é o que Jesus *não* estava dizendo. Ele não estava dizendo que você precisa realizar esse tipo de justiça para ser aceitável a Deus. Ele estava dizendo algo muito mais radical: que você não pode *atingir* esse tipo de justiça, mas pode *recebê*-la como um dom.

Como uma pessoa que tem fome e sede (que está desidratada e morrendo de fome) realiza alguma coisa por si mesma? Se você está morrendo de fome, não planta um jardim; precisa de comida agora mesmo e, por isso, clama por comida. Se você está morrendo de sede, não cava um poço; antes, implora por água. Você precisa de alguém que tenha comida e água, tenha compaixão de você e satisfaça sua fome e sua sede. Você precisa que alguém lhe dê a comida e água de que precisa para que não morra.

Este é o quadro que Jesus pinta com esta bem-aventurança. Ele quer que vejamos que uma pessoa que entende a graça é uma pessoa que já reconheceu sua fome espiritual e sua sede espiritual e já compreendeu que, se alguém não intervir para lhe dar aquilo de que precisa, não sobreviverá. Sabe que, se o Senhor não lhe der a sua própria justiça como um dom, não pode ter esperança de ser satisfeito. E este dom de justiça vem somente por meio da justiça de Cristo. Como o apóstolo diz em 2 Coríntios 5.21: "Aquele que não conheceu pecado [Jesus], ele [Deus] o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus".

A glória da imputação dupla

Jesus quer trocar a nossa justiça própria por sua justiça verdadeira, porque sabe que ele e somente ele, pode satisfazer e satisfará a Deus. Você não pode desfrutar a presença de Deus com nada menos do que a justiça de Cristo, e Deus não aceitará nada menos. O que

Jesus devia ter em mente é o que os teólogos chamam de *imputação dupla* – Deus atribui nossos pecados e nossa culpa a Cristo e nos atribui a justiça e a inocência de Cristo.

A maioria dos cristãos se contenta com a primeira parte dessa definição. Entendem que, em sua morte, Jesus morreu por nossos pecados. Creem que nossos pecados foram removidos de nossa conta e lançados na conta de Cristo e que o Pai puniu seu Filho por esses pecados. Mas poucos cristãos consideram o outro lado da imputação – ou seja, quando nossos pecados foram lançados na conta de Jesus, a sua justiça perfeita e abrangente foi lançada em nossa conta.

Pense nisto desta maneira: se a sua conta bancária espiritual estava endividada em 30 bilhões de dólares, e se Jesus pagou todos os seus credores por tomar sobre si os seus pecados, você não teria mais nenhum débito. Tremendo! Você não esperava pagar todos débitos que tinha, e outra pessoa os pagou totalmente. Não é surpreendente que o salmista tenha dito: “Bem-aventurado aquele cuja iniquidade é perdoada, cujo pecado é coberto” (Sl 32.1). Entretanto, Deus faz algo melhor: quando a sua situação financeira é zerada em termos de dívida, seu Pai celestial deposita em sua conta todo o dinheiro do mundo por tomar a vida de grandeza perfeita e impecável que Jesus viveu e creditar em sua conta. Este dinheiro nunca se esgotará, nem sofrerá risco no mercado ou numa recessão econômica: sua conta está eternamente cheia de toda a justiça de que você precisava. Você não precisa mais procurar meios de ganhar créditos com Deus, porque sua conta bancária está cheia, ao ponto de transbordar, com a vida perfeitamente justa de seu Salvador, Jesus Cristo!

Somente Jesus tem o que é necessário

No entanto, algumas pessoas ficam preocupadas quanto a descansar nesta bênção. Deus nos condicionou para a justiça, e o único tipo de justiça conveniente a Deus é a justiça perfeita de Cristo. Ele nos dará alegre e gratuitamente essa justiça para que nunca tenhamos novamente qualquer necessidade; todavia, não muitos cristãos operam com a justiça de Jesus como base de sua aceitação diante de Deus. Raramente agimos baseados na crença de que Jesus, e somente ele, tem “o que é necessário” para abrir o caminho à presença de Deus. Não descansamos contínua e ativamente na justiça de Cristo, por isso fazemos algo mais por nós mesmos. Tomamos a estrada do moralismo.

Quando vemos que não temos justiça, um de nossos primeiros impulsos é tentarmos formar uma por nós mesmos. Isto é a justiça de pânico, que acrescenta mais leitura da Bíblia, ouvir sermões e ir à igreja ao nossos calendários porque pensamos: “Preciso arrumar minha vida! Sou um caos e preciso fazer algo a respeito disso”. Mas a justiça não é respeitabilidade religiosa.[6] O cristianismo não é moralismo. Precisamos desesperadamente de uma justiça que não é nossa, e Jesus nos oferece essa justiça por meio do evangelho. Ele dá sua vida perfeita como um dom àqueles que têm fome e sede dela.

Você não precisa de Jesus apenas como seu exemplo. Você não precisa de Jesus apenas como seu ajudador. Na verdade, você precisa de Jesus como seu Salvador! Você não precisa de reforma. Precisa de resgate. E Jesus é o grande resgatador – não somente de não cristãos, mas também de cristãos. Aqueles que pertencem a Jesus sabem, com certeza, que

não são perfeitos, e isso os faz prosseguir cada vez mais seriamente em Jesus (Fp 3.12). Somente os cristãos sabem que a coisa de que necessitam tão desesperadamente é a justiça de Jesus, e querem receber esse dom novamente, cada dia. Os cristãos precisam de resgate contínuo.

Somos aqueles que acordam com pecados a serem confessados. Sentimos continuamente a nossa pobreza de espírito e continuamos a chorar o nosso pecado, vendo cada vez mais claramente como não temos em nós mesmos nada que seja digno de ser defendido. Mas, se você se alegra em seu pecado remanescente, não entende este assunto. Ao contrário disso, à medida que cresce na graça, você começa a depositar de novo, cada dia, toda a sua esperança na justiça de Cristo. Se você lembra continuamente a si mesmo que é aceito total e unicamente por causa da justiça completa e perfeita de Cristo, então, pode ficar confiante de que ele nunca o rejeitará. Jesus, e somente ele, tem o que é necessário para você, ontem, hoje e sempre.

A promessa de satisfação

Jesus fez uma promessa maravilhosa para aqueles que têm fome e sede de sua justiça: eles “serão fartos”. Nenhum outro tipo de justiça pode satisfazer o anseio de sua alma por aceitação diante de Deus. Qualquer outra justiça o tornará infeliz. Todo outro tipo de justiça trabalha arduamente para enganá-lo e levá-lo a crer que seu estômago está cheio, que você não precisa da justiça de Cristo, que está perfeitamente bem, e que, se algo lhe falta, precisa apenas acrescentar um pouquinho de Jesus para tornar a sua própria justiça mais plena – Jesus se torna um aprimoramento extra.

Queremos receber o crédito por nosso histórico, apresentar a Deus alguma justiça, em vez de assumirmos a posição humilhante de um pedinte faminto que recebe uma refeição de nosso Criador. Entretanto, na proporção em que você fracassa em descansar na justiça de Cristo, nessa mesma medida você ficará insatisfeito. Justiça falsificada somente o tornará mais infeliz. Justificar a sua existência com qualquer coisa, exceto Cristo, é como beber água salgada: somente o deixa ainda mais sedento.[7] No entanto, olhar para Cristo como a sua justiça será como beber um copo de água fria, clara e límpida que acaba com a sua sede mais profunda.

É assim que damos sentido ao fato de que os cristãos experimentam, ao mesmo tempo, profunda satisfação e profunda insatisfação. O evangelho nos diz que Jesus pode satisfazer nossa fome e nossa sede; e Jesus nos satisfaz realmente. Mas a satisfação *em* Cristo gera mais fome *por* Cristo. O cristão nunca diz: “Já cheguei. Estou feliz por estar neste ponto”. Se você se sente feliz com sua justiça presente, não está mais se banqueteando na mesa da justiça de Cristo. Em vez disso, cada gole satisfatório me faz ver mais claramente minha grande pobreza de espírito. Então, eu lamento isso e vejo a mim mesmo como não sendo melhor do que qualquer outra pessoa, significando que eu nunca paro de ter fome e sede de justiça. Imagine ser capaz de desfrutar de novo, vez após vez, a maior refeição que você jamais comeu interminavelmente. Você a come, fica satisfeito e logo quer comê-la de novo – e pode fazer isso mesmo. Somos perfeitamente satisfeitos em Jesus e somos, ao mesmo tempo, continuamente insatisfeitos porque vemos na cruz nossa falta de comida e bebida – nossa falta de justiça. Por isso, continuamos a ver a nossa necessidade contínua

da justiça de Jesus.

O evangelho e o ter fome e sede de justiça

Escrevi antes que, na proporção em que você fracassa em descansar na justiça de Cristo, nessa mesma medida você ficará insatisfeito. O oposto também é verdadeiro. Na proporção em que você lembra e se regozija na obra de Jesus em seu favor, nessa mesma proporção você ficará venturosamente satisfeito. A sua fome e sede de justiça aumentará e se aprofundará quando você contemplar a justiça de Deus mostrada na cruz, porque ali você verá o desespero de sua condição e a plenitude da justiça de Cristo. Na cruz, Deus esvaziou a sua conta de pecado, transferiu-a toda para Jesus e fez Jesus pagar o que você lhe devia. E, na cruz, Deus encheu a sua conta com a justiça exaustivamente perfeita de Jesus, transferiu-a toda para a sua conta, para que nunca mais você lhe pague de volta. Como você poderia querer alguma outra coisa?

Esta é a bem-aventurança das bem-aventuranças – um resumo profundo do que é a fé cristã. Você não precisa mais ficar à procura de algo para justificar sua existência; se você é um cristão, possui toda a justiça que sempre precisará. Nunca precisará acordar se perguntando se Deus o aceita. Nunca precisará se preocupar com o que acontecerá quando falhar em sua fidelidade. Você está seguro se Jesus é a sua justiça. Sua conta transborda de justiça; e você nunca começará qualquer dia em déficit. Em vez disso, cada dia é um superávit! Você chorará continuamente a sua pobreza de espírito e verá sua mansidão com clareza cada vez maior, mas isso apenas o fará sentir mais fome e mais sede da justiça que Jesus depositou em sua conta.

O cristianismo não é a mensagem a respeito de você fazer de si mesmo um cristão.[8] É a mensagem a respeito de você parar e abandonar sua tentativa inútil e tola de salvar a si mesmo por meio de suas realizações, mérito ou contexto familiar. O cristianismo é a mensagem a respeito de você arrepender-se de sua justiça própria para aceitar a justiça de Cristo – e fazer isto a cada dia. Você está satisfeito na justiça de Cristo ou ainda está tentando fazer de si mesmo um cristão – desenvolvendo a sua própria justiça? Está satisfeito com a justiça de Cristo ou você é presunçoso e satisfeito consigo mesmo, autocongratulatório, hipersensível e defensivo? Você se vê cada vez mais livre de "o auto-interesse, o orgulho, a jactância, a autoproteção, a sensibilidade exagerada"[9] e de qualquer outra coisa a seu respeito na carne? Então, você está crescendo cada vez mais em sua satisfação com a justiça de Cristo.

Você anseia por justiça. Está resoluto para consegui-la. De fato, já encontrou alguma e está confiando nela. A pergunta é a quem pertence essa justiça? Se você vem à mesa de Cristo empanturrado com sua própria justiça, matará a si mesmo de fome e nunca conhecerá a satisfação do evangelho. Mas, se você vem à mesa com apetite pela justiça de Cristo, ela é sua. Traga seu apetite e banqueteie-se à mesa da justiça completa e perfeita de Cristo; e você ficará satisfeito.

PARA A SUA MENTE

1. Explique o que os ouvintes originais de Jesus teriam pensado sobre a ideia de que

alguém é bem-aventurado se tiver fome e sede de justiça.

2. Faça uma lista de várias coisas que você aprendeu neste capítulo sobre o que a justiça significa.

PARA O SEU CORAÇÃO

3. Pense especificamente no que você defende em si mesmo, em especial quando outros apontam suas fraquezas evidentes. Cite pelo menos dois de seus pontos sensíveis.

4. A sua resposta anterior indicará o que você pensa ser necessário para agradar aos outros ou a Deus. Para o que você olha, além de Cristo, quanto à sua justiça? Dê exemplos.

PARA A SUA IGREJA

5. Como esta bem-aventurança pode ajudar outros de sua igreja ou de um grupo pequeno que estão afligidos por culpa e inseguros em seu andar com Jesus?

6. Que perguntas podemos fazer uns aos outros para determinar se estamos obtendo nossa justiça de nós mesmos ou se estamos crescendo em nosso entendimento da justiça de Cristo extensivamente perfeita, recebendo-a de novo, com regularidade, como um dom para nós?

PARA A SUA CIDADE

7. Como você explicaria a alguém que tem pouco entendimento do paradoxo do cristianismo quanto ao banquete que Jesus prepara para seus irmãos e irmãs? Ou seja, como você explicaria a alguém que aqueles que vêm à mesa de Cristo com um apetite por sua justiça serão satisfeitos, mas aqueles que vêm cheios de sua própria justiça nunca conhecerão a satisfação que obtemos em Jesus?

1. W. D. Davies e D. C. Allison, *A Critical and Exegetical Commentary on The Gospel According to Saint Matthew, Volume 1: Introduction and Commentary on Matthew 1-7* (London: T&T Clark, 1988), 452.

2. Michael Green, *The Message of Matthew: The Kingdom of Heaven* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2000), 90.

3. Carson, *Jesus' Sermon on the Mount and His Confrontation with the World*, 23.

4. Timothy Keller, "New Life in Christ – 1", Redeemer Presbyterian Church in New York City, February 18, 1990.

5. Ibid.

6. Lloyd-Jones, *Estudos no Sermão do Monte*, 69.

7. Rick James, meu diretor na Campus Crusade for Christ no início dos anos 1990, usava esta ilustração para explicar nossa busca insatisfatória por justiça fora de Cristo.

8. Lloyd-Jones, *Estudos no Sermão do Monte*, 106.

9. Ibid., 71.

Capítulo 6

AS BOAS NOVAS DE CARIDADE DISPENDIOSA

Não me arrisco por ninguém.
— Rick, *Casablanca*

Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.
— Mateus 5.7

Você valoriza a misericórdia? Ou prefere vingança e retribuição? Tendemos a celebrar aqueles que acabam com seus inimigos ou que, pelo menos, se iram contra eles. Podemos dizer que perdoamos ofensas, mas certamente nos sentimos justificados em nunca esquecê-las, nos deleitando até com o fato de que guardamos ressentimentos. Talvez a elevada taxa de divórcio nos Estados Unidos seja um testemunho desta realidade do coração, pois, com certeza, o perdão parece uma comodidade rara em nosso mundo. Mais do que isso, não temos generosidade no que diz respeito ao lado material da misericórdia. Podemos praticar alguma medida de misericórdia para com os pobres, mas somente depois de cuidarmos de nós mesmos. Raramente nos vemos dando o melhor e o primeiro de tudo que temos para ajudar aqueles que estão em necessidade.

Não estou dizendo que nosso mundo não atribui nenhum valor ao sermos misericordiosos, porque ele realmente o faz. A filantropia é uma parte importante da cultura americana. De fato, as Cidades Gêmeas (onde moramos) aparecem rotineiramente entre as principais cidades de nosso país em que as pessoas estão envolvidas com organizações de voluntários que ajudam outras pessoas. Entretanto, eu me pergunto quantos daqueles envolvidos nessas causas de caridade sentem os efeitos dos problemas do outros. Quanto ficarão sem algo para si mesmos (digamos, dinheiro da aposentadoria) a fim de dá-lo generosamente aos outros? Não era incomum os cristãos primitivos jejuarem dois ou três dias, para economizarem o que teriam gasto ou usado em alimentação, a fim de atenderem às necessidades de outros cristãos e de incrédulos ao seu redor.[1] Você já ouviu falar de alguém que faz isso hoje? Já lhe ocorreu o pensamento de fazer isso?

Honestamente, misericórdia é difícil. Até para Deus.

O que a misericórdia custa

Desde antes da criação do mundo, Deus buscou derramar sua misericórdia sobre pecadores, e essa busca envolveu a vida, a morte e a ressurreição de seu Filho eterno. Jesus passou pela mais difícil provação já imaginada, para realizar a nossa reconciliação com Deus: o Pai o entregou a sofrer a sua própria ira por nosso pecado. Na cruz, Jesus experimentou em seu corpo a punição eterna que todos nós merecíamos – todo o ódio

santo, furioso e impiedoso por toda a nossa autoabsorção, autocompaixão e autoconfiança.

Quando Jesus foi entregue à ira do Pai, experimentou uma forma de abandono que nunca conhecera antes. Quando Jesus disse, com as palavra do salmista: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Mt 27.46), expressou desamparo incomparável – abandono como ninguém mais já experimentou ou experimentará. Ele e seu Pai gozavam a mais profunda intimidade possível, porque existiam juntos como Pai e Filho desde toda a eternidade; por isso, quando esse relacionamento foi interrompido, a perda foi devastadora. Mas Jesus bebeu voluntariamente o cálice da ira de Deus para que você e eu pudéssemos nos banhar na misericórdia de Deus.

Você pode não querer pensar que é tão mau assim, achando que Jesus passou por mais dificuldades do que eram necessárias. Entretanto, o caso é pior do que você sabe – somente Jesus sabia quão amargo era aquele cálice e suou gotas de sangue só em pensar nele. Além disso, Jesus experimentou *espontaneamente* a dor mais profunda possível para que exaltasse a glória de seu Pai, por trazer pecadores ao relacionamento com ele. Jesus amou tanto seu Pai e a nós – fracos, corrompidos, pecaminosos, cheios de justiça própria, egocêntricos e confiantes em nós mesmos – que suportou alegremente a ira de Deus por nós (ver Hb 12.2). Esta é a misericórdia do Deus do cristianismo. E aqueles que têm recebido dele essa misericórdia mostram aos outros o mesmo.

O evangelho é misericórdia

A misericórdia, distinta da graça, se refere a Deus nos vendo na miséria do pecado e sendo movido por essa misericórdia a fazer algo a respeito disso: “A graça é especialmente vinculada aos homens, em seus pecados; mas a misericórdia é especialmente associada aos homens, em sua miséria”.[2] De fato, o pecado nos tornou miseráveis, e Deus exerce misericórdia quando nos regata de nossa miséria presente e de nossa inevitável miséria futura. Estamos sozinhos, isolados, sem alvo, sem orientação, totalmente ignorantes, sem significado ou propósito na vida. Estamos sujeitos a todo tipo de sofrimento físico, vítimas da crueldade de outros e do capricho aparente de uma ordem natural estragada. E os americanos são especialistas em algumas misérias específicas: somos deprimidos, desanimados, ansiosos, viciados, irados, controlados por paixões, obesos e endividados.

Não importando qual seja a sua experiência pessoal, você pode estar certo disto: os seres humanos sofrem de todos os tipos de misérias como resultado do pecado, mas Deus tem misericórdia de nós. Ele nos vê em nossa miséria de pecado, revolvendo-nos em nosso sangue (quanto a essa maravilhosa ilustração da misericórdia do Senhor, ver Ez 16), e é impelido não somente a *sentir* compaixão, mas também a aliviar ativamente a nossa miséria. Fizemos a cama em que nos deitamos, e Deus sabe disso – nossa miséria é uma consequência de nosso próprio pecado – mas Deus odeia nos ver nessa condição, por isso, ele nos visita com a maior misericórdia que o mundo já conheceu, que é o Senhor Jesus Cristo. Como disse o pai de João Batista, Jesus veio como uma expressão da “entranhável misericórdia de nosso Deus” (Lc 1.78).

O assunto de misericórdia aparece frequentemente no evangelho de Mateus, tanto no que Jesus *diz* (ver 5.43-48; 9.13; 12.7; 18.21-35; 23.23; 25.31-46) como no que Jesus *faz*

(ver 9.27-31; 15.21-28; 17.14-18; 20.29-34). Na verdade, este evangelho parece muito com o Antigo Testamento em suas declarações e demonstrações da misericórdia de Deus.[3] Mas Jesus chamou a atenção para misericórdia radical de Deus para com *todas* as pessoas, "não somente para com aqueles que estão à margem da sociedade, mas até para com inimigos".[4] Ou considerando inimigos (Mt 5.43-48), ou considerando pessoas incapacitadas (9.1-8), Jesus usava a mesma abordagem dupla quanto à misericórdia: perdão *e* bondade,[5] perdão *e* compaixão.[6] A misericórdia de Jesus sempre incluía um componente não físico (perdão/remissão) e um componente físico (bondade/compaixão).

Jesus revelou esta misericórdia robusta em toda a sua vida e praticou-a em sua extensão plena na cruz. Ali, no Calvário, Jesus derramou misericórdia sobre os pecadores. E, se já recebemos esta misericórdia, nos tornaremos um canal para que ela jorre por meio de nós para alcançar outros, material e imaterialmente. Isto significa que nossa misericórdia para com os outros tem de envolver caridade *e* perdão.

Em uma mão da misericórdia, encontramos caridade

O que você pensa quando ouve a palavra *caridade*: organizações que ajudam pessoas necessitadas? Para a maioria de nós, nosso envolvimento primário com caridade é dar dinheiro (se tivermos dinheiro extra) ou bens (quando nos livramos de coisas desnecessárias), para que organizações sem fins lucrativos distribuam nossa riqueza e coisas para pessoas que têm menos. Para a maioria de nós, *caridade* é algo que fazemos de maneira abstrata e distante. E a maioria dos que leem este livro talvez não pensem em si mesmos como os objetos de caridade. Mas é exatamente assim que Deus nos vê: um grande caso para caridade. Ele se tornou como nós para estender-nos sua caridade, de modo que façamos o mesmo aos outros.

Pense em quão caridosa é a misericórdia: ela significa "comover-se em face do sofrimento de outra pessoa… e ser impelido a esforço extravagante para aliviar tal sofrimento".[7] Misericórdia, neste sentido, não apenas sente compaixão, mas se move além do sentimento para a "bondade intencional".[8] Quando Jesus olhava para as multidões que o seguia, ele não lamentava e as mandava embora, ainda que parecesse completamente razoável fazer isso. Ele tinha compaixão das pessoas e satisfazia as suas necessidades, repetidas vezes, ou por ensinar (Mt 9.35), ou por curar (14.14), ou por alimentar (15.32). Os misericordiosos veem pessoas que estão feridas e tomam passos intencionais para amar essas pessoas e curar suas dores, ainda que isso implique que elas mesmas entrem em sofrimento.

Jesus nos mostrou esse tipo de amor que envolve riscos em sua Parábola do Bom Samaritano, em Lucas 10.30-37. Nessa história, um samaritano (um inimigo dos judeus) ofereceu a um homem judeu cuidados médicos, transporte, hospedagem e um terço do seu salário semanal para suprir as necessidades daquele homem. Depois, ele prometeu pagar as despesas adicionais que o homem ferido teria sob os cuidados de um hospedeiro. Não podemos calcular o "custo" da inconveniência e o perigo que o samaritano já havia corrido para cuidar do homem ferido na notória estrada de Jericó, mas sabemos que ele também se mostrou disposto a aceitar mais despesas, tangíveis e intangíveis. Jesus contou essa história para mostrar a conexão entre misericórdia e amor ao próximo, e ela nos

mostra que a misericórdia é verdadeiramente generosa – pode até exigir que você se dê a si mesmo. Jesus "nunca tencionou confirmar minha preferência inata por investimentos seguros e dívidas limitadas".[9] Pelo contrário, ele tenciona que você corra risco em misericórdia e, assim, pratique caridade genuína.

Quando você pensa em um viver misericordioso, como se sente? Temeroso por causa dos riscos envolvidos, pois já se sente sobrecarregado e pensa que não pode assumir mais compromissos, porque não quer que sua vida seja prejudicada por pessoas necessitadas? Lembre que a caridade sempre lhe custa algo. Tendemos a pensar em caridade como um privilégio de pessoas relativamente ricas que abrem mão de seus excessos ou se desfazem de coisas que antes desejavam, mas que agora consideram lixo – se eu tiver coisas extras, se aquilo não me satisfaz mais, se aquele móvel saiu de moda, então, pessoas que não têm boas condições o desfrutarão. Mas praticar misericórdia teve custos para o bom samaritano, bem como para Jesus – custou-lhe a própria vida. Pode também custar a sua vida.

Lembre toda a misericórdia que Jesus lhe mostrou e quanto isso prova o amor do Pai por você. Isto não faz o seu temor desaparecer? Tudo que você perde por mostrar misericórdia ganhará de volta cem vezes mais na ressurreição dos justos (Lc 14.14). Portanto, faça misericórdia. Movidos por compaixão, aqueles que receberam misericórdia praticam caridade espontaneamente.

Na outra mão da misericórdia, encontramos perdão

Temos, agora, que dar um passo mais profundo, pois a misericórdia é muito mais do que caridade. O outro lado da misericórdia sustém a justiça e paga todo débito existente – de novo, o grande custo para aquele que mostra a misericórdia. Tim Keller usa a palavra *absorver* para descrever o que acontece no perdão – aquele que perdoa absorve o débito existente. Nenhum débito evapora no ar. E, quando você paga o débito por uma pessoa que errou contra você, isso é perdão – absorver o custo que outra pessoa deve.[10] Pense numa toalha que você usa para secar um líquido derramado – se a toalha faz o seu trabalho, o móvel fica completamente seco, como se nada tivesse acontecido. A misericórdia é como uma toalha que absorve o pecado tão completamente, como se a pessoa nunca o tivesse cometido.

Pense nisto de outra maneira. Quando alguém empresta dinheiro de mim, espero que ele me pague; por isso, se a pessoa nunca me paga o débito, ficarei relutante em dar quando ela ou outra pessoa me pedir. Mas *absorver* o débito significa nunca manter um registro do que me deviam. Quando Pedro quis colocar um limite à misericórdia, por determinar o ponto em que não era razoável continuar perdoando alguém, Jesus contou uma parábola na qual contrastou a extraordinária misericórdia de um rei com a falta de misericórdia de um servo e afirmou que temos de perdoar nosso irmão inúmeras vezes (Mt 18.21-35). Aqueles que receberam misericórdia não levam em conta os custos de perdoar os outros. Não importando quão frequentemente os outros erram contra nós, e não importando qual é o caráter da pessoa que errou contra nós, os cristãos são obrigados a continuar perdoando.

Quando vemos que isto é o que Jesus tenciona quanto ao nosso perdão, a maioria de nós quer fazer de novo a mesma pergunta que Pedro fez, conforme Mateus 18.21, apenas para

termos certeza: “Espere. Quantas vezes tenho mesmo que perdoar meu irmão que peca contra mim? Não mais do que sete vezes, certo?” Quando ouvimos a resposta de Jesus, queremos dizer: “Setenta vezes sete? Você está brincando! Talvez não esteja realmente querendo dizer isso. O perdão talvez não possa ser assim tão exagerado”. Nosso coração quer se revoltar contra tal perdão negligente e incompreensível. Faz muito mais sentido que aqueles que erraram contra nós paguem pelo que fizeram; não devemos perdoar-lhes, especialmente se nos procuram vez após vez para pedirem perdão. Neste ponto, começamos a usar o que Philip Yancey chama de “lógica cristalina do não perdoar”.[11] Veja se isto lhe parece familiar:

> Ela precisa aprender uma lição. Não quero favorecer um comportamento irresponsável. Eu a deixarei sofrer por um tempo; isso lhe fará bem. Ela precisa aprender que ações têm consequências. Sou a vítima do erro – não me compete tomar o primeiro passo. Como posso perdoar se ela nem mesmo se entristece do que fez?[12]

Podemos aparecer com qualquer número de boas razões para não perdoar. E nos esforçamos para que as palavras de Jesus dirigidas a nós em Mateus percam seu valor ante às nossas muitas qualificações. Mas Jesus não permite nenhuma qualificação: “E, quando estiverdes orando, se tendes *alguma coisa* contra *alguém*” (Mc 11.25). Não: “Se ele se rebaixa realmente, então, lhe perdoe” ou: “Se você sente que ela será boa de agora em diante, então, lhe perdoe”. Apenas: “Perdoe”.

O perdão nunca é barato. Em um universo moral, nossos pecados contra os outros não podem ser ignorados. Nem os nossos pecados contra Deus. Essa é a razão por que R. C. Sproul chama a misericórdia de *não justiça*:

> A misericórdia não é justiça, mas também não é injustiça. A injustiça viola a justiça. A misericórdia manifesta bondade e graça e não viola, de modo algum, a justiça. Podemos ver *não justiça* em Deus, o que é misericórdia, mas nunca vemos *injustiça* em Deus.[13]

E a *não justiça* que Deus nos mostra no evangelho se torna possível apenas por causa da justiça estrita que ele mostrou ao seu Filho na cruz.

Na cruz, vemos justiça e misericórdia juntas, quando Deus escolheu absorver o débito do pecado que lhe devíamos. Por meio do evangelho, gozamos o perdão dos pecados, não porque Deus colocou os nossos pecados de lado, e sim porque os absorveu ao custo de seu próprio Filho. Esta é a única maneira pela qual Deus pode mostrar a misericórdia de perdão aos pecadores. E permite que ele seja “justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus” (Rm 3.26).

Misericórdia motivadora

Aqueles que receberam misericórdia de Deus também praticam misericórdia – é como um derivado natural. Mas isso não significa que você apenas se torna alguém que perdoa e compartilha coisas. A misericórdia, como Jesus a definiu, vai mais além do que perdão genuíno e generosidade custosa e atinge a nossa atitude sobre e a nossa *motivação* por misericórdia. Você pode, mediante a sua poderosa força de vontade, ou ótima disposição,

ou compaixão natural, ser misericordioso em alguma medida, mas Jesus não estava falando de temperamento. O tipo de misericórdia sobre a qual ele falou nesta bem-aventurança vem somente por meio do entendimento do evangelho da graça. Você não pode merecer um assento na mesa do evangelho por suas realizações, seu nome de família, seu histórico ou sua personalidade. Pelo contrário, se você já tem um assento ali, isso aconteceu porque Deus lhe perdoou uma dívida que você não poderia pagar nem mesmo em milhares de vida. Você foi isentado pelo perdão de Deus, e a misericórdia de Deus lhe foi outorgada quando você merecia somente as mais rígidas exigências da justiça. Saber isso fomenta a misericórdia cristã.

Em Mateus 18, o rei disse ao seu servo que ele devia ter perdoado a dívida menor que outro servo lhe devia, porque já conhecia a misericórdia de ter recebido o perdão de uma dívida muito maior. Assim também, o cristão deve mostrar misericórdia porque sabe que teve o perdão de uma dívida que excede em muito qualquer coisa que alguém lhe possa dever. Nossas mãos estão muito ocupadas em receber o perdão de Deus; não temos mão livre com a qual podemos obstruir nosso próximo ou prender-nos a raízes de amargura contra os outros. Portanto, os cristãos abrem mão espontaneamente de seus recursos físicos e financeiros – não para aliviar sua consciência culpada ou ganhar pontos com o seu Criador e, certamente, não para se sentirem como grandes benfeitores para as massas ignorantes, mas apenas porque receberam muito da parte de Deus.

Seu coração está enamorado de sua própria generosidade? Somente o evangelho pode resgatá-lo dessas perigosas manifestações de misericórdia. Somente o evangelho o manterá humilde ao ponto de mostrar misericórdia aos outros, porque lhe mostra que você também é devedor à misericórdia. “Uma consciência social sensível e uma vida gasta em obras de misericórdia aos necessitados é o sinal inevitável de uma pessoa que assimilou a doutrina da graça de Deus.”[14] Os cristãos são generosos para todos, em especial para os pobres e necessitados, porque Cristo foi generoso para com eles: “Pois conheceis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, se fez pobre por amor de vós, para que, pela sua pobreza, vos tornásseis ricos” (2 Co 8.9).

As bem-aventuranças nos trazem a este ponto: uma pessoa misericordiosa sabe que é espiritualmente falida diante de Deus, detesta o fato de que seu pecado feriu o coração de Deus, porque pregou o seu Filho na cruz, se recusa a engajar-se em autoproteção e anela pela única justiça que o tornará aceitável para com Deus. A lógica das bem-aventuranças sugere que você não pode ser misericordioso sem essas outras qualidades, mas que, com elas, a sua misericórdia nunca será reduzida a um senso de superioridade em relação aos fracos ou a um senso de presunção quanto à generosidade de seu coração. Esta abordagem integral significa que eu, como um recipiente de misericórdia, posso ver os outros com uma tristeza simpática que me move à ação.[15] Somente um coração que responde à graça de Deus pode produzir esta verdadeira misericórdia.

Graça ou obras?

Volte sua atenção agora para a frase final da bem-aventurança. Jesus estava dizendo que, se queremos que Deus seja misericordioso para conosco, precisamos ser misericordiosos para com os outros? Ele disse realmente que, se queremos a aceitação de

Deus, precisamos ser pessoas boas e misericordiosas? Jesus estava pregando salvação por filantropia, salvação por perdão? Mudou repentinamente a graça e transformou-a em salvação por obras?

Imagine quão desgraçados seríamos se isto fosse verdade! Se a misericórdia de Deus para comigo dependesse, em última análise, de quão misericordioso sou para com as outras pessoas, então, eu estaria em grande dificuldade. Mas as bem-aventuranças não são mandamentos; elas representam o perfil de um cristão, o perfil de alguém que já chegou a entender a graça de Deus e está crescendo nesse entendimento. As bem-aventuranças falam, todas, do que acontece às pessoas quando seu coração é tomado de favor e aceitação imerecidos diante de Deus. Um atributo que transborda naturalmente desse tipo de coração é misericórdia.

Portanto, no que diz respeito à misericórdia na quinta bem-aventurança, Jesus sugere que nossa misericórdia para com os outros seja um sinal infalível de que já experimentamos a misericórdia do evangelho em nossa própria vida, e isso significa que também ansiamos por experimentarmos mais da misericórdia de Deus no futuro. Jesus diz que as pessoas misericordiosas mostram, por suas atitudes e atos de misericórdia, que a misericórdia de Deus está sobre elas. Pense nesta bem-aventurança como um indicador seguro de que você chegou a entender e continua entendendo a graça de Deus no evangelho. Se você está crescendo na prática de misericórdia, está crescendo também no entendimento do evangelho da graça de Deus.

PARA A SUA MENTE

1. Você merece ganhar a misericórdia de Deus por ser misericordioso? O que esta bem-aventurança sugere quanto aos misericordiosos?

2. Discuta o lados material e imaterial da misericórdia.

PARA O SEU CORAÇÃO

3. Descreva uma ocasião em que sua misericórdia para com outra pessoa foi uma atividade de seu senso de superioridade e não de sua confiança na misericórdia de Jesus por você?

4. Como o refletir nesta bem-aventurança o ajuda a mostrar misericórdia a uma pessoa a respeito da qual você enfrenta grande dificuldade para perdoar agora? O que a sua dificuldade mostra que você deixou de entender e crer a respeito da misericórdia de Deus?

PARA A SUA IGREJA

5. Como você melhoraria o conselho que deu a um crente que enfrentava dificuldade em perdoar outra pessoa? Que conselho você acharia proveitoso?

6. Mostrar misericórdia pode (e deve frequentemente) envolver mais do que contribuir com dinheiro para os necessitados ou para as organizações que os sustentam. Quais são algumas necessidades em sua igreja que Deus talvez o esteja chamando a correr riscos para satisfazê-las?

PARA A SUA CIDADE

7. Como esta bem-aventurança o mobiliza em direção a ministérios de misericórdia em favor das pessoas de sua cidade?

8. O que você pode fazer agora mesmo em sua esfera social não cristã para demonstrar a misericórdia do evangelho por meio de seus atos?

1. Howard Peskett e Vinoth Ramachandra, *The Message of Mission: The Glory of Christ in All Time and Space* (Grand Rapids, MI: InterVarsity, 2003), 113-114.

2. Lloyd-Jones, *Estudos no Sermão do Monte*, 91.

3. Ver Salmos 103.8 e Gênesis 19.16, respectivamente.

4. W. D. Davies e D. C. Allison, *A Critical and Exegetical Commentary on The Gospel According to Saint Matthew*, 455.

5. Robert A. Guelich, *Sermon on the Mount* (Waco, TX: Word Books, 1982), 104.

6. Carson, *Matthew*, 134.

7. Timothy Keller, "New Life in Christ – 1".

8. Mounce, *Matthew*, 40.

9. C. S. Lewis, *The Four Loves* (San Diego: Harvest, 1988), 120.

10. Timothy Keller, *The Reason for God* (New York: Dutton, 2008),187-193.

11. Philip Yancey, *What's So Amazing About Grace?* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1995), 112.

12. Ibid., 96.

13. R. C. Sproul, *The Holiness of God* (Wheaton, IL: Tyndale, 1998), 111.

14. Timothy Keller, *Gospel in Life: Grace Changes Everything* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2010), 108.

15. Lloyd-Jones, *Estudos no Sermão do Monte*, 96.

Capítulo 7

AS BOAS NOVAS QUE O TORNAM HONESTO

Como você é esperta, minha querida! Você nunca quer dizer o que as suas palavras realmente significam.
— Lady Huntstanton, em *A Lady of No Importance*, de Oscar Wide

Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus.
— Mateus 5.8

A hipocrisia é uma grande inimiga da fé cristã – talvez a *maior* inimiga da fé cristã. Todos os cristãos lutam com a falta de autenticidade, crendo uma coisa e fazendo outra. E, embora não gostemos de confessar isso aos nossos irmãos crentes, parecemos ter dificuldade especial em sermos honestos com os incrédulos, tentando agir de modo mais moral do que realmente somos. Falamos muito, mas parecemos cegos ou mentirosos, visto que os outros veem com clareza nossas incoerências, enquanto continuamos a insistir em que os cristãos sempre têm tudo em comum. Por causa disso, a hipocrisia está no topo da lista das objeções dos incrédulos ao cristianismo: “Não posso tolerar os cristãos. Eles são um bando de hipócritas”.

Como você responde a esta objeção? Quando seus amigos e familiares incrédulos apontam a hipocrisia na igreja ou em sua vida, o que você diz? Talvez você diga: “Você não pode julgar o cristianismo pelos cristãos; tem de olhar para Jesus”. Afinal de contas, há certa verdade nisso. Para avaliarmos a fé cristã, precisamos examinar a Bíblia e atentar às sugestões dadas por Jesus. Mas essa afirmação pode ser também uma evasiva porque os próprios cristãos ainda fazem parte da equação. O que os outros veem em nós é importante.

Em todo o Novo Testamento, somos instruídos a viver de uma maneira que fará os amigos não cristãos pararem, observarem e aprenderem o que é a fé cristã (ver Cl 4.5-6 e 1 Pe 3.15). Há, portanto, um sentido muito real em que nossos amigos incrédulos estão totalmente certos em julgarem o cristianismo pela maneira como vivemos. Se a vida dos que confessam ser cristãos é geralmente caracterizada por hipocrisia, declaramos essencialmente ao mundo que o cristianismo é um sistema religioso falso e sem poder. Podemos também dizer aos opositores que eles estão certos: “Sim, nós somos hipócritas. Infelizmente, o cristianismo não pode consertar-nos”. Ou, pior: “Vocês estão certos. E Jesus fica tranquilo quanto a isso”.

Precisamos mostrar Jesus aos outros, com nossas palavras *e* com nossa vida. Jesus não falhou: ele venceu a hipocrisia e não nos deixará afundar no mar de nossa duplicidade. De fato, Jesus nos diz que o sinal de cristianismo genuíno é a ausência de hipocrisia, porque

ele matou todas as nossas desculpas para insinceridade e presunção. E chama a pureza de coração um componente essencial do perfil do verdadeiro cristão – juntamente com pobreza de espírito, chorar o pecado, mansidão, fome e sede de justiça, misericórdia, pacificação e perseguição – porque aqueles que entendem a graça de Deus gozam a pureza de coração como uma maneira de viver.

Pessoas boas, excelentes

Jesus disse que somente os puros de coração verão a Deus – não as pessoas civis, as pessoas "boas" ou as pessoas excelentes. Não deixe os de fora zombarem de você. O moralista pode não cometer pecados flagrantes, clamorosos, descarados, públicos, estridentes e talvez pense que é fiel apenas porque evita os grandes pecados. Mas Deus presta atenção aos pecados do seu coração. Se o moralista religioso não recebe o que deseja que Deus lhe dê por quão "fiel' lhe tem sido, ficará irado com Deus e poderá, por fim, cometer os próprios pecados que censurava fortemente – pecados que, em certa altura de sua vida, ele pensava ser incapaz de cometer. Ele pratica um tipo específico de hipocrisia porque crê que Deus é o que ele afirma ser, contanto que opere em favor dele de maneira pessoal. Portanto, não pense que Jesus estava falando a respeito de você purificar sua vida. Uma pessoa pode ter uma vida bem limpa e, ao mesmo tempo, abrigar "uma antipatia secreta para com… Deus",[1] um ódio inveterado por Deus que só emergirá quando as coisas não saírem como ela quer.

Talvez você leia isso e pense: "Não sou assim. Posso não ser perfeito, mas não tenho ódio secreto por Deus. Sou uma pessoa boa!" Talvez isso seja verdade, mas a Bíblia põe em dúvida frequentemente as "pessoas boas", porque se tornaram enganadas por sua própria bondade. Então, devemos ser sábios, questionarmos a nós mesmos com regularidade e buscar renovação, em vez de mantermos bondade. Em sua obra clássica *Cristianismo Puro e Simples*, C. S. Lewis escreveu sobre este fenômeno em um capítulo intitulado "Pessoas Boas ou Novas Criaturas", o qual argumenta que a fé cristã não consiste em tornar as pessoas *boas* e sim em torná-las *novas*:

> Um mundo de pessoas boas, satisfeitas com a sua própria bondade, cegas para tudo o mais, afastadas de Deus, estaria tão necessitado de salvação quanto um mundo de infelicidade — e talvez fosse até mais difícil de salvar.
> Isso porque a simples melhora não é redenção, embora a redenção sempre melhore as pessoas aqui e agora e, no fim, as aperfeiçoe num grau que ainda não conseguimos imaginar. Deus se fez homem para tornar criaturas em filhos, não simplesmente para produzir homens melhores do tipo antigo, mas para produzir um novo tipo de homem. É como se, em vez de ensinarmos um cavalo a saltar cada vez melhor, nós o tornássemos uma criatura alada.[2]

Isto é o que acontece quando você se torna um cristão – você não entra numa escola de reforma, nem simplesmente se torna um pessoa boa ou melhor. Em vez disso, você se torna uma pessoa completamente *nova* – como um cavalo de carga transformado não em um Seabiscuit, por mais admirável que fosse como cavalo de corrida, e sim em um Pégaso voando pelos céus da antiga Grécia.

Uma condição de coração

Sugerir que você precisa se tornar uma criatura alada e não simplesmente um cavalo mais novo implica que há algo errado em sua natureza de cavalo. Se pudéssemos prosseguir tranquilamente apenas por aprimorarmos o velho coração, faríamos isso, mas não podemos – há algo fundamentalmente errado na própria essência do que somos. Jesus disse que somente os puros de coração verão a Deus, e isso sugere que todos nós não temos corações puros e que não veremos a Deus. Pelo contrário, todos nós temos uma terrível condição de coração: nosso coração não é íntegro, e tampouco o nosso coração é um *coração íntegro* orientado para Deus.

Na Bíblia, o *coração* não se refere às emoções, embora seja neste sentido que usamos comumente a palavra. Se dizemos que o coração de alguém está partido, queremos dizer que ele está triste. Se o coração de alguém está contente, ele *se sente* feliz ou satisfeito. Mas um entendimento bíblico do coração envolve as emoções, o intelecto e a vontade. O nosso coração tem emoções, pensa e deseja. É a nossa fonte, o assento do nosso verdadeiro ego, nossa "alma no nível mais profundo"[3] – o lugar do qual fluem nossos pensamentos, sentimentos e ações.[4] Nosso *coração* significa o que somos no âmago de nosso ser; é a nossa verdadeira identidade.

Portanto, deve ser óbvio que o cristianismo é uma fé do coração; não é primariamente aquiescência a certas regras e normas, não é viver certo estilo de vida ou conformar-se a normas morais e éticas. O cristianismo não é comportamento… mas isso não significa que o comportamento não represente nada. Pelo contrário, Jesus disse que o que você faz com as mãos e a boca expressa realmente o seu coração (Lc 6.45). Isto significa que, se você lida apenas com o que acontece no exterior, cai no fosso da hipocrisia, tornando-se um sepulcro caiado – limpo no exterior, mas cheio de imundície no interior. Você pode avaliar o que está acontecendo em seu coração pelo que diz e faz, mas, se limpar apenas o comportamento, errará o alvo maior. A questão fundamental para a fé cristã é o que se passa *em* seu coração.

Você pode estar preocupado agora mesmo. Se você tem tanta dificuldade quanto eu tenho para *agir* com pureza, como pode esperar *ser* puro de coração? Isso significa um coração que é limpo, não misturado, "não poluído, não adulterado",[5] completo, não dúplice – um coração que faz todo o seu ser possuir integridade. Um coração puro o liberta da "tirania de um ego dividido",[6] tornando íntegra a sua vida interior e orientando toda a sua vida em uma única direção – para Deus. Assim, Jesus atinge muito mais com esta frase, sugerindo que o cristianismo é a transformação de toda a sua vida interior, a metamorfose de toda a sua psicologia, de algo fragmentado para algo coeso.

Como isto acontece? O evangelho chega aos mais profundos recessos de nosso ser e mexe na maneira como funcionamos, renovando-nos do interior para o exterior. Nosso coração precisa da renovação que somente Jesus pode realizar. Nosso coração precisa de purificação porque está enfermo com o pecado.

Quando falamos de pecado, muito frequentemente queremos significar nossos vários atos ou desejos errados, mas temos de considerar aqui o pecado por trás do pecado – a condição geral de pecado que dá origem a todos os pecados específicos. O pecado tem vários efeitos nos motivos e intenções de nosso coração, e esse tipo de pecado precisa ser

purificado a fim de que nosso coração se torne puro. Esta é a razão por que sabemos que a pureza de coração não pode ser uma característica de temperamento ou de personalidade. Aquilo que torna o nosso coração enfermo com pecado é o pecado na raiz de nossa humanidade. Todos temos por natureza corações impuros – nem mesmo a pessoa que você considera a mais amável e mais pura tem um coração deixado ileso das devastações de nossa queda no pecado.

Como eu sei que *todos* temos um coração impuro e pecaminoso? Jesus responde essa pergunta: "Porque do coração procedem maus desígnios, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias. São estas as coisas que contaminam o homem; mas o comer sem lavar as mãos não o contamina" (Mt 15.19-20). Todo pecado tem sua fonte no coração, a partir do qual agimos e falamos (ver Mt 12.34). Se coisas impuras saem rapidamente de nossa boca, então, há todo tipo de coisa impura dentro de nosso coração. Essas palavras não vêm de nenhum outro lugar; vêm de um coração idólatra.

Lealdade pessoal e idolatria de coração

Em todo o Antigo Testamento, quando Deus fala de purificar o coração, ele quer dizer que precisamos ter corações limpos de idolatria. Considere Ezequiel 36.25. Nesta passagem, Deus faz uma promessa: "Então, aspergirei água pura sobre vós, e ficareis purificados; *de todas as vossas imundícias e de todos os vossos ídolos vos purificarei*". Você acha que precisa ser purificado da idolatria? Talvez não tenha um pequena estátua fixada no painel de seu carro ou um totem na frente de seu gramado. Talvez não prepare sacrifícios para o deus do sol, ou para o deus da terra, ou para o deus dos lanches rápidos, ou para qualquer outro deus em que você possa pensar. Talvez até seja gnóstico ou ateu. Como você pode ser um idólatra se é incrédulo quanto à existência das coisas divinas?

À luz da perspectiva bíblica, um ídolo é qualquer coisa para a qual você vive, exceto o Deus vivo e verdadeiro – o Deus do cristianismo. Aquilo em torno do que você orienta sua vida, aquilo que o ilumina, aquilo com o que você está totalmente comprometido, aquilo que você valoriza mais no universo – esse é o objeto de sua adoração. "Certo, então. Como o quê?", você pode perguntar. Há quase um número ilimitado de ídolos entre os quais você pode escolher; e todos eles têm consequências adversas para a sua vida – ídolos de conforto, apreciação, segurança, afirmação, aprovação, reputação pessoal – você escolhe. Salmos 115.4-8 afirma isto:

> Prata e ouro são os ídolos deles, obra das mãos de homens.
> Têm boca e não falam; têm olhos e não veem;
> têm ouvidos e não ouvem; têm nariz e não cheiram.
> Suas mãos não apalpam; seus pés não andam; som nenhum lhes sai da garganta.
> *Tornem-se semelhantes a eles os que os fazem* e quantos neles confiam.

Seus ídolos o destroem. Eles prometem o mundo e lhe dão apenas tristeza. Todo pecado residente em nosso coração fluirá de nossa boca e ao nosso comportamento porque nosso coração é uma fonte que jorra a água da deslealdade para com Deus. Uma pessoa de coração puro reconhece isto e responde à cordial exigência de Deus para ser o centro de

sua vida, por descobrir seus ídolos e livrar-se deles, destruindo-os e queimando-os até ao pó. Isto exigirá tempo e energia e ferirá, mas vale a pena porque a pureza de coração está relacionada à nossa singularidade de devoção a Deus, fidelidade a Deus, "lealdade não dividida"[7] a Deus. Antes e acima de tudo, a pureza de coração envolve lealdade pessoal a Deus. Mas tem efeitos exteriores imediatos.

Honestidade relacional

O que começa como lealdade pessoal a Deus se desenvolverá em relacionamentos pessoais: pureza de coração descreve, primeiramente, nossa postura para com Deus, mas essa postura afeta a maneira como interagimos com outras pessoas. Foi por essa razão que Jesus nos disse que devemos amar os outros de maneira sacrificial, ao mesmo tempo que disse que devemos amar a Deus supremamente: "Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento. O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Mt 22.37-39). Assim, vemos a pureza de coração desenvolvida em relacionamentos humanos nos quais "toda a vida, pública e privada, é transparente diante de Deus *e dos homens*".[8] Meu coração precisa não somente de lealdade a Deus, mas também de honestidade com as outras pessoas – "uma falta de duplicidade, singularidade de intenção"[9] na maneira como nos relacionamos uns com os outros.

A verdade é esta: os cristãos não são fraudes. Devemos, em vez disso, sermos honestos – honestos com as outras pessoas quanto às nossas lutas, nossos pecados, nossas fraquezas, nossas falhas e os erros que temos cometido. Não devemos fingir ser uma coisa melhor do que realmente somos, embora façamos isso quase constantemente: "Somos tentados a vestir uma máscara diferente e fazer um papel diferente conforme a ocasião".[10] Pergunte a si mesmo: alguém conhece o real você? Você já tirou sua máscara diante dos outros? E a máscara piedosa que você usa diante dos amigos da igreja? As pessoas de fora da igreja sempre o veem se aprofundando na graça de Deus ou você parece pensar que já "atingiu" algum ponto espiritual elevado?

Não pense que pureza de coração significa ter um coração perfeito e impecável. Se isso é o que você pensa, ainda não entende o que Jesus estava falando. Esta bem-aventurança é outra grande ironia da fé cristã: uma pessoa que tem pureza de coração reconhece, diante de Deus e das outras pessoas, que ainda não é totalmente pura de coração. Os hipócritas recusam-se a admitir isso. Mentem para Deus, para si mesmos e para as outras pessoas por sugerirem que são algo que não são, que são melhores do que realmente são, que não precisam desesperada e urgentemente do Salvador que fala e incorpora as bem-aventuranças, que eles mesmos não precisam de resgate.

No entanto, ser puro de coração significa que você tem coragem de admitir para Deus, para si mesmo e para os outros que é tão mau quanto você realmente é, que seu coração é impuro, que precisa de purificação contínua da parte do Senhor. Neste sentido, um coração puro suspeita de si mesmo, mesmo quando age generosamente para com os outros. Como disse Thomas Watson: "O hipócrita suspeita dos outros e tem pensamentos caridosos a respeito de si mesmo. O cristão sincero tem pensamentos caridosos a repeito dos outros e suspeita de si mesmo".[11] A pessoa pura de coração sempre mantém esperança quanto aos

outros porque sabe o quanto ela mesma precisa de esperança.

Por esta razão, as pessoas puras de coração têm a liberdade de serem brutalmente honestas com os outros a respeito de si mesmas – abertas, honestas e transparentes a respeito de quão profunda ainda é sua necessidade e a respeito de quanta purificação ainda precisam. Em público e em particular, diante de Deus e das outras pessoas, os puros de coração são honestos. Eles são os mesmos tanto no quarto de oração como na sala de visitas. Isto é pureza de coração.

A verdadeira ameaça

Em cultura pós-cristã como a nossa, na qual muitos consideram a religiosidade moderada como uma coisa boa, o perigo para a igreja é reduzir a fé cristã a um estilo de vida – uma subcultura completa com sua própria música, literatura, moda e jargões. Isto é especialmente perigoso para aqueles que crescem na igreja. Os pais cristãos se preocupam, às vezes, com seus filhos serem influenciados por males mundanos em nossa cultura violenta, materialista e supersexuada. Eles se preocupam com que seus filhos sejam influenciados negativamente pela literatura que leem, filmes e shows de televisão a que assistem, os vídeo games que jogam e as músicas que ouvem.

Embora estas coisas não sejam benignas e tenham realmente a capacidade de influenciar nossos filhos, elas não são nem metade do perigo que há no reduzirmos o cristianismo a religião moralista. Esse tipo de pais cristãos se focalizam em questões relativamente pequenas e ignoram a possibilidade de uma realidade muito mais terrível. Porque parece mais provável que nossos filhos e adolescentes criados na igreja permanecerão leais à igreja em todos os seus dias e terão vidas com boa moralidade, tendemos a não nos preocupar a respeito deles, mas a própria religiosidade deles os torna ainda mais suscetíveis a serem esmagados pelas intempéries de seu próprio pecado e pelos esquemas de Satanás, mais suscetíveis do que uma casa desprotegida no caminho de um furacão de categoria 5.

Considere como as pessoas se preparam normalmente para um desastre natural. Se você vivesse em New Orleans ou nas Florida Keys, talvez teria algumas chapas de compensado, pregos e um martelo disponíveis para lacrar suas janelas e portas quando furacões viessem. Mas não fazemos isso em Minnesota: não há nenhuma ameaça de furacões aqui. Essa é a razão por que pessoas se preparam para o que parece plausível, mas não para cenários extremamente improváveis. É provável que filhos criados na igreja por pais cristãos profundamente comprometidos não acabem praticando Wicca, assim como é provável que não acabem servindo fiel mas insensivelmente numa igreja local. Porque, se filhos criados na igreja permanecem não afetados e inoculados para o evangelho – pessoas que consomem apenas o suficiente de linguajar evangélico e de cristianismo institucional para se comportarem como cristãos – eles desconhecem completamente o âmago do cristianismo. Fracassam quanto à pureza de coração.

Não é uma questão de religião e sim de ver a Deus

Alguns pensam que somente pessoas religiosas podem ser hipócritas. E, se definirmos

hipocrisia apenas como moralização santarrona e presunçosa, isso faria sentido. Mas a verdade é que hipocrisia é mais profunda do que fanatismo religioso cheio de justiça própria. Hipocrisia é o pecado de mentir para Deus, para si mesmo e para as outras pessoas a respeito do que você realmente é em seu interior; portanto, neste caso, ser religioso é irrelevante. Um ateu que nega, odeia e rejeita a Deus pode ser também um hipócrita. De fato, esse tipo de pessoa é o pior tipo de hipócrita porque mente para si mesmo a respeito da existência de Deus. Pelo menos, o hipócrita religioso não mente sobre isso… ou mente? Oh! ele pode não ser um ateu *confesso*, mas é um ateu na *prática* porque vive como se Deus não visse o seu coração. Salmos 14.1 afirma: "Diz o insensato no seu coração: Não há Deus". E esta não era uma mensagem para ateus e sim para o povo de Deus.

Todos nós, em um nível ou outro, mentimos para Deus – ou por afirmarmos explicitamente que ele não existe ou por vivermos *como se* não existisse. Hipocrisia é tanto o oposto de sinceridade quanto o oposto de honestidade. A pureza de coração parece um alvo sublime, mas somente quando pensamos nela como um produto, em vez de pensarmos nela como viver autenticamente pela graça. Os puros de coração vivem corajosa e vulneravelmente na presença do Deus vivo e verdadeiro. São intensamente leais a ele, e somente eles gozam da bem-aventurança de vê-lo.

O que há de importante em ver a Deus? Ver a Deus é o único ponto crucial da existência humana. Significa conhecê-lo com intimidade, ser "admitido em sua presença", "extasiado por sua glória" e "consolado por sua graça".[12] Fomos criados para isso. De fato, estar com Deus é a razão por que existimos. "Você e eu estamos destinados a ter audiência na sala do trono do próprio Deus; você e eu estamos sendo preparados para chegar à presença mesma do Rei dos reis."[13] Na Bíblia, não há nada melhor do que ver o Senhor. Todas as outras bênçãos que podemos desfrutar nesta vida – família, amigos, comida, emoções, destinos lindos, maravilhas naturais, música, arte, esportes, aquecimento numa noite bem fria, o nascimento de um bebê, sexo – o que quer que desfrutemos nesta vida (por mais maravilhoso que seja) é apenas um reflexo da glória de Deus. Jonathan Edwards, aquele grande teólogo americano do século XVIII, refletindo nas glórias do céu, disse isto:

> Quando um santo morre, não tem nenhum motivo para entristecer-se, porque deixa seus amigos e as relações com aqueles a quem tanto ama; pois não os deixa propriamente, mas continua a desfrutá-los em Cristo, porque tudo que ama neles – e os motivos por que os ama – está em Cristo em grau infinito: quer seja intimidade de relação, ou qualquer bem e virtude recebida, ou seu amor em nós, ou uma semelhança em disposições, ou qualquer outra coisa que seja um fundamento racional de amor.[14]

Enquanto aguardamos esse futuro eterno, vivemos na era presente e vemos a Deus mais claramente no evangelho de Jesus Cristo. Por meio do evangelho, Deus derrama luz nas trevas de nosso coração, para que vejamos a Deus (2 Co 4.4-6). E isto significa que, na proporção em que não temos pureza de coração, nessa mesma proporção temos falhado em compreender o evangelho. Ou seja, a razão por que não desfrutamos de pureza de coração agora é que não temos visto plenamente a Deus no evangelho. Este é um paradoxo cristão: se não vemos a Deus, não podemos ser verdadeiramente puros de coração; e, se não somos puros de coração, não podemos ver a Deus. Parece um Ardil 22[15], mas não é. Deus se revela a si mesmo no evangelho, e ver a Deus como ele é nos

tornará intensamente leais e severamente honestos. Por ver no evangelho o que Jesus fez por mim, não posso deixar de sentir-me leal a ele, querido para ele e, portanto, alegremente vulnerável diante dele e dos outros que lhe pertencem.

No evangelho, vejo Jesus morrendo na cruz por mim, mostrando-me verdadeira fidelidade, apesar de minha quase constante infidelidade; e sou compelido a amar a Deus com lealdade inabalável e a viver em honestidade relacional. O evangelho me mostra que sou um hipócrita vil e pretensioso – uma pessoa por quem Cristo teve de morrer. E, se uma pessoa cuja opinião significa muito para mim no mundo me aceitou com amplo conhecimento de minha impureza, a opinião de ninguém mais a respeito de mim estimulará ou prejudicará a minha existência. Sou livre para admitir os meus fracassos para mim mesmo e para os outros, porque não temo mais a rejeição.[16] Por que eu me importaria com os que os outros vassalos pensam de mim? Tenho uma visão nítida do Rei do universo – e ele sorri para mim porque sou seu filho. Vejo com muita clareza o Rei do universo, contemplando-o em toda a sua glória, e vivo para contar a história. Ver a Deus é o evangelho.

Olhem para mim

Quando os seus amigos não cristãos o acusarem de hipocrisia, você lhes dirá: “Não olhem para mim, olhem para Jesus”? Você deve apontar para Jesus, mas pode também dizer-lhes algo sobre como a pureza de coração não é perfeição moral e sim honestidade diante de Deus e dos homens. Pode começar por contar-lhes que você reconheceu e abandonou seus ídolos como a totalidade de sua existência. Há um novo Rei no trono de seu coração – o Deus vivo e verdadeiro – o Senhor Jesus Cristo. A partir disso, você pode compartilhar quão imperfeito tem sido em sua fidelidade ao novo Deus de sua vida, mas como ele tem permanecido fiel no projeto de torná-lo completamente novo, à imagem de Cristo.

Depois, você pode dizer: “Olhem para mim. A vida cristã é isto: não o que eu sou, as minhas realizações e a minha capacidade de ser bom. A vida cristã é Jesus e tudo o que ele fez por mim no evangelho. A vida cristã consiste no fato de que eu, como você, precisava de um Salvador – alguém para me purificar de meus ídolos, tomar o controle de minha vida e fazer-me ver a Deus. E o cristianismo lida com o fato de que eu *ainda* sou como você, em grande medida – continuo precisando deste Salvador”. Os puros de coração veem a Deus e sabem quão infinitamente puro ele é; por isso, eles o contemplam em sua beleza e anseiam vê-lo com maior clareza, para sempre.

PARA A SUA MENTE

1. Como a pureza de coração difere da perfeição de coração?

2. O que significa ver a Deus?

PARA O SEU CORAÇÃO

3. A pureza de coração diante de Deus leva à pureza de coração com as outras pessoas.

Explique por que seu relacionamento com Deus corresponde ao seu relacionamento com as pessoas.

4. Cite alguns ídolos que você está tendo muita dificuldade para destronar (por exemplo, ídolos do conforto, aplauso, paz, apreciação, segurança). Por que você quer se apegar a esses ídolos?

PARA A SUA IGREJA

5. Compartilhe com um amigo cristão alguma maneira como você tem visto o crescimento dele na pureza de coração nos últimos seis meses. Tome um tempo para agradecer a Deus pelo fruto que você tem visto.

6. Qual é o principal obstáculo que o impede de ser honesto com outros cristãos? (Não dê a resposta "correta", mas a resposta honesta.)

PARA A SUA CIDADE

7. A nossa hipocrisia é talvez a maior queixa que os não cristãos apresentam contra os cristãos. Como esta bem-aventurança molda interações futuras com eles, de modo que você anule legitimamente a queixa deles?

8. Tome um momento para meditar no que aconteceria em sua comunidade se ela experimentasse a verdade desta bem-aventurança. Agora, ore para que isso se torne realidade.

1. Watson, *The Beatitudes*, 175.

2. C. S. Lewis, *The Complete C. S. Lewis Signature Classics* (San Francisco: Harper, 2002), 113.

3. Davies e Allison, *A Critical and Exegetical Commentary on The Gospel According to Saint Matthew*, 456.

4. Timothy Keller, "New Life in Christ – 2 ", Redeemer Presbyterian Church in New York City, February 25, 1990.

5. Green, *The Message of Matthew*, 91.

6. R. V. G. Tasker, *The Gospel According to St. Matthew: An Introduction and Commentary* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1962), 62.

7. Guelich, *Sermon on the Mount*, 105.

8. Stott, *The Message of the Sermon on the Mount*, 49 (ênfase acrescentada).

9. Davies e Allison, *A Critical and Exegetical Commentary on The Gospel According to Saint Matthew*, 456.

10. Stott, *The Message of the Sermon on the Mount*, 49.

11. Watson, *The Beatitudes*, 182.

12. John Piper, "Blessed Are the Pure in Heart", March 2, 1986, http://www.desiringgod.org/resource-library/sermons/blessed-are-the-pure-in-heart.

13. Lloyd-Jones, *Estudos no Sermão do Monte*, 106.

14. Jonathan Edwards, *The Works of President Edwards* (New York: S. Converse, 1830), 8:526.

15. Nota do editor: Expressão cunhada pelo escritor Joseph Heller, em seu romance de mesmo nome, que descreve uma situação paradoxal.

16. Guelich, *Sermon on the Mount*, 106.

Capítulo 8

AS BOAS NOVAS QUE PROMOVEM A PAZ

Tudo que estamos dizendo é dê uma chance à paz.
— John Lennon

Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus.
— Mateus 5.9

Você pode fazer uma pesquisa de opinião pública apenas por observar os adesivos de carro. Desde “Promova a Paz” a “Paz o Caminho Antiquado”, em que um avião B-52 forma o símbolo da paz, a “Visualizar a Paz”, a “coexistir” em que as letras são formadas por diferentes símbolos religiosos, os adesivos em nossos carros proclamam a nossa política de paz. Uma manhã, saí do estacionamento de uma Starbucks’ e observei um Fusca que exibia um adesivo que dizia “Bem-aventurados os pacificadores”; e tive de me perguntar se o dono do carro tinha qualquer ideia a respeito do que Jesus queria dizer quando falou essas palavras. Vivemos num mundo cheio de guerras, levantes e conflitos; e todos, desde rainhas a motoristas de carros bonitos, parecem anelar por paz entre os indivíduos, as comunidades e os governos.

É claro que há exceções óbvias – ou seja, aqueles que instigam e sustentam contendas e conflitos nas famílias, igrejas, escolas, negócios e nações. Se *todos* fossem interessados na paz, tomaríamos mais iniciativas para baixar as armas (físicas e metafóricas) e trabalhar em direção a resolver nossos problemas, não tomaríamos? No entanto, até os mais gentis entre nós se irrita por *alguma coisa*, quer sejam as pequenas ofensas no supermercado, quer sejam os problemas globais que ameaçam a segurança de civis inocentes. Justiça e paz parecem estar sempre em inimizade recíproca; e as soluções parecem complexas. E colamos adesivos em nossos carros para dizer, como por sinal, aos outros que eles deveriam, pelo menos, parar de nos importunar e tentar fazer o que é certo.

Algumas pessoas acham que todos estaríamos em melhores condições se ninguém jamais fizesse confusão – se todos apenas relaxassem e, como último recurso, agendassem protestos sentados. Outros acham que a solução está em explodirmos os nossos inimigos e transformarmos suas comunidades em áreas de estacionamento. Mas ambas as maneiras presumem que podemos realizar a paz por meio de nossos próprios esforços: “Eu sou tão quieto e calmo que ninguém jamais brigaria comigo” ou “Ninguém mexe com um país que tem as armas nucleares mais poderosas”.

Até esta altura de nosso estudo das bem-aventuranças, você não ficará surpreso em aprender que Jesus tinha em mente algo radicalmente diferente, quando disse que os pacificadores são bem-aventurados. Jesus fez a paz, mas não por meio de timidez *ou* de

petulância; e aqueles com quem ele estabeleceu a paz fazem a mesma obra por meio do poder do evangelho. Podemos ser por natureza apáticos ou militantes, mas aqueles que Jesus torna seus irmãos e irmãs se assemelham ao seu irmão mais velho. Eles promovem a edificação e toleram.

Guerra! Para que serve?

Muitos judeus antigos pensavam que precisavam fazer a paz por meio da guerra. E muitas das pessoas que seguiam a Jesus esperavam que ele os liderasse nisso. Sabiam que "fazer a paz" placidamente não funcionava; por isso, a revolta armada parecia ser a única maneira de eliminar a impiedade e a opressão. De fato, muitos imaginavam que a paz final viria para o povo de Deus por meio de uma grande guerra entre judeus e gentios no fim do mundo. E os judeus queriam que isso acontecesse logo. Quando você tem sido oprimido, marginalizado, maltratado e desprezado; quando suas sensibilidades religiosas têm sido pisoteadas constantemente, sua habilidade de governar, frustrada por meio de assassinos políticos e colaboradores judeus; quando seu dinheiro tem sido roubado de você por meio de um sistema injusto de coleta de impostos, você pode começar a pensar que não tem escolha, senão pegar tijolos e porretes e causar algum dano. Não é surpreendente que os judeus dos dias de Jesus esperavam por guerra.

Ainda hoje, lutar parece ser o caminho mais rápido para satisfazer nossos desejos individuais e nacionais, e às vezes funciona – pelo menos, para aqueles que são mais fortes do que os seus oponentes. Nós queremos o que queremos e cometeremos violência contra os outros e adultério espiritual contra Deus para conseguir o que queremos (ver Tg 4.1-6). Quando outras pessoas, ou instituições, ou nações se tornam obstáculos para que eu consiga o que quero, aquilo por que vivo, aquilo por que anseio, mais do que o Senhor, eu luto. Entretanto, a história tem provado que, quando pessoas promovem guerra para conseguir paz e justiça, até os melhores resultados experimentam danos profundos, incluindo destruição física e corações amargurados.

Em última análise, o conflito impede até os instigadores de conseguir o que querem. O combate se eleva até ao ponto em que esquecemos por que começamos a lutar. Tudo que permanece é nosso orgulho, a necessidade de escapar da humilhação, de vencer um argumento, colocar os oponentes em seu lugar, ensinar alguma lição a alguém. É fácil adotarmos um entendimento superficial de paz, mas parar de lutar raramente significa que fizemos a paz ou cessamos de querer a guerra.

Gostamos de pensar que podemos fazer o bem por nós mesmos. Não queremos admitir, definitivamente, que, se temos de ter paz em nosso coração e em nosso mundo, Deus tem de fazê-la. Mas isso é exatamente o que os pacificadores sabem e dizem repetidas vezes. Aqueles que Deus reconciliou consigo mesmo receberam "o ministério da reconciliação" (2 Co 5.18). E isso significa que Deus mesmo os equipou para fazerem sua própria obra no mundo. Os pacificadores labutam como "embaixadores em nome de Cristo" (2 Co 5.20), rogando aos outros que estejam em paz com Deus. E esse labor é um milagre cheio de graça, pois como alguém que é naturalmente orientado para autoconfiança e autodeterminação pode admitir realmente que é desesperado por Deus sem a obra da graça de Deus em seu coração?

Portanto, uma coisa é falarmos sobre a paz; outra coisa bem diferente é *fazermos* a paz. Diferentemente de ser um amante da paz ou um mantenedor da paz, ser um *pacificador* significa fazer um trabalho quase impossível e incômodo,[1] a grande custo para você mesmo. Se você se envolve nesse tipo de labor meticuloso, humilhante e perigoso, corre o risco de ser mal compreendido, difamado e até ser transformado em inimigo por aqueles que você procura reconciliar. No entanto, o pacificador tem um "espírito… que se deleita em acalmar situações problemáticas, que almeja corrigir erros, que busca restaurar cordialmente as relações por lidar com as pessoas, por remover dificuldades, por neutralizar e silenciar as asperezas".[2] O pacificador considera um prazer realizar um dos mais árduos trabalhos no mundo.

Trabalhando árduo para fazer a paz

Você já tentou se colocar entre duas pessoas em inimizade recíproca? Por um momento, esqueça igrejas, escolas, famílias e nações e considere quão difícil é ajudar dois indivíduos que estão em conflito a fazerem as pazes um com o outro. Às vezes, durante meu ministério pastoral, casais envolvidos em conflitos difíceis têm me procurado em busca de conselho, parecendo desejar a reconciliação um com o outro; mas, às vezes, o marido e a mulher se acham tão firmes em suas próprias posições que são totalmente inflexíveis em direção à reconciliação. Já experimentei situações em que meus esforços para ajudar o casal foram usados contra mim, a ponto de eles me culparem de ser a razão para seus problemas. Já vi realmente algumas sessões de aconselhamento se tornarem horríveis.

Os pacificadores devem esperar esses tipos de reações ao seu trabalho. Às vezes, pensamos nos pacificadores como pessoas que não criam problemas, que evitam brigas, que toleram o caos e a divisão – como se fazer a paz fosse primariamente evitar conflitos.[3] Em vez disso, o que os pacificadores fazem é buscar oportunidades para ajudar ativamente instituições e pessoas a se reconciliarem para o bem comum. Sinceramente, essa realidade faz os adesivos de carro que celebram a paz parecerem idealísticos e banais.

Todos nós amamos a ideia de acabar as guerras, ver as famílias felizes e adotar a reconciliação racial em nossas cidades, mas os pacificadores labutam e são parceiros com o Espírito Santo na obra de reconciliação. Eles usam toda a sua pobreza de espírito, o seu chorar, a sua mansidão, a sua fome e sede, a sua misericórdia e a sua pureza e, literalmente, *fazem* a paz. Assim, a coesão das bem-aventuranças nos ensina que os pacificadores são mais do que pessoas que fazem a paz. Para ser um verdadeiro pacificador, você precisa ter o perfil completo do cristão – tem de incorporar todas as bem-aventuranças.

Os pacificadores não são orgulhosos e sim pobres de espírito: reconhecem sua própria incompetência e dependem alegremente de Deus para todas as coisas. Os pacificadores não são indiferentes ao seu próprio pecado: são aguçadamente conscientes de quão desamparados e arruinados o pecado nos tornou. Os pacificadores não veem a si mesmos como melhores do que os outros: eles são mansos. Os pacificadores abandonaram sua busca pessoal por justiça: têm fome e sede da justiça de Jesus. Os pacificadores perdoam pessoas culpadas e atuam com a piedade que sentem por pessoas esmagadas: eles se envolvem na bagunça do mundo por causa da grande misericórdia de Deus no evangelho.

E os pacificadores têm coração puro: são leais a Deus e honestos com as outras pessoas. Os pacificadores fazem a paz porque conhecem a felicidade real e plena da parte de Deus. Os pacificadores fazem o árduo trabalho de reconciliação porque foram eles mesmos reconciliados com Deus.

A pacificação e a evangelização

Os pacificadores sabem quão bem-aventurados são e expressam sua felicidade desta maneira: amam anunciar as boas novas de que a paz vem quando Deus reina (Is 52.7). Os pacificadores declaram as boas novas do que Deus fez em Jesus Cristo, não apenas reconciliando, uns com os outros, indivíduos e instituições em conflitos, mas reconciliando pecadores com Deus. É claro que isto significa que os pacificadores têm de deixar os outros saberem um fato incômodo que podem não compreender – o fato de que estão em guerra com seu Criador. A verdadeira pacificação pode desencadear alguns conflitos antes de trazer calma e quietude.

Você está disposto a admitir que as pessoas são hostis para com Deus e estão em guerra com ele? Colossenses 1.21 descreve nosso estado natural como “estranhos e inimigos no entendimento pelas vossas obras malignas”, e Romanos 8.7 diz que a mente natural “é inimizade contra Deus”, porque não está sujeita “à lei de Deus, nem mesmo pode estar” (Rm 8.7). Mas a realidade é que poucos se veem realmente como hostis para com Deus. Podemos até nos ver como pessoas não voltadas para Deus ou não muito religiosas, mas não vemos a nós mesmos como pessoas que estão ativamente em guerra com Deus.

Pense em como você reagiria a coisas que afetam sua vida de maneira direta, mas que estão claramente fora de controle. Em todo desastre natural, até pessoas que não pensam normalmente em Deus tendem a perguntar: “Onde está Deus nisto?” E, se você é uma pessoa religiosa, fica com raiva de Deus se ele não age em seu favor para fazer algo que você quer – como um filho saudável, uma esposa curada, entrar numa escola de alto nível ou obter o trabalho dos sonhos, terminar uma casa nova ou tornar seus filhos obedientes. Muita inimizade contra Deus permanece silenciosa e dormente até as coisas não saírem bem.

Portanto, os pacificadores têm de começar a ajudar as pessoas a reconhecerem sua hostilidade contra Deus. Eles se movem entre as linhas inimigas para dizer às pessoas que estão perfeitamente contentes em permanecer indiferentes para com Deus que elas estão em guerra contra ele. Devem, então, comunicar que Deus baixará suas armas se elas se renderem incondicionalmente à exigência cordial dele para que submetam sua vida ao governo dele. Esta mensagem não terá boa aceitação por parte da maioria das pessoas. Quando você se dispõe a realizar sua missão de pacificador no mundo, tem de preparar-se para enfrentar adversidades sem murmurar.

Você será perseguido por causa de sua fé, especialmente quando tem a audácia de sugerir que há tal coisa como a verdade, que esta verdade se acha somente em Jesus e que todas as pessoas devem se submeter à autoridade de Jesus como Rei e único Salvador. Se você falar às pessoas que a guerra entre elas e Deus é séria e que a única maneira dessa guerra acabar é aceitarem o evangelho, você será maltratado. E dará um golpe especial se tiver a audácia de pregar esse evangelho a pessoas que dizem que são cristãs, convidando-

as a questionar se pertencem genuinamente a Deus. É perigoso dizermos aos cristãos confessos que, se não veem a si mesmos em todas as bem-aventuranças, ainda não entenderam a graça de Deus. É perigoso dizer-lhes que todos os seus anos de suposto serviço na igreja e na comunidade podem ser nada mais do que uma ponte de madeira podre, seca e frágil de sua justiça própria suspensa sobre as chamas ardentes do inferno. Jesus foi perseguido por dizer isso, e os doze discípulos originais também o foram; e você também será perseguido se continuar a dar evidência de que encontrou a graça de Deus por meio de Jesus Cristo.

No entanto, os pacificadores são evangelistas porque não podem deixar de compartilhar as boas novas de Jesus com seus familiares, amigos, colegas e vizinhos. Eles se importam com a condição espiritual dos outros e não querem que eles continuem em guerra com Deus. Às vezes, isto significa falar diretamente e, outras vezes, significa falar mais gentilmente. Os pacificadores não são beligerantes ou detestáveis, mas também não são covardes. Os pacificadores corrigem coisas erradas e restauram relacionamentos entre indivíduos e instituições, pregando o evangelho aos inimigos de Deus.

A pacificação e a adoção

Uma pessoa que ainda não entendeu a graça de Deus não pode pensar que fazer a paz é um trabalho muito importante, mas, uma vez que você recebe o dom da paz com Deus, então, o esforço de fazer a paz em outros lugares parece glorioso e vale a pena. Isto é verdade porque você sabe que a bênção real de fazer a paz não é realmente a paz que você produz e sim a profunda intimidade de relacionamento que você desfruta com Deus.[4] Deus não apenas nos tolera; ele nos ama proativamente, havendo nos tomado e nos tornado permanentemente seus filhos por meio da adoção.

Pense no tipo de filhos que o Senhor adota: todo pecador que ele torna em filho era um rebelde, desobediente, egoísta e indignado. Não somente não merecíamos a nossa adoção, lutávamos contra ela, esperneando e gritando! Entretanto, nunca seremos rejeitados; nossa posição como filhos de Deus nunca pode mudar. Nada "poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor" (Rm 8.39), porque o amor de Deus por nós é o amor de adoção (Rm 8.15-17). O Pai deixou você matar seu Filho unigênito a fim de adotá-lo como seu filho e filha por meio da fé em Cristo. Por causa do que Jesus fez, você pode ser um filho amado de Deus. E pode ter confiança de que, embora não merecesse o amor do Pai, ele jamais o removerá baseado em seu desempenho. Você não merecia a adoção, mas a recebeu como uma dádiva, sem qualquer referência à sua bondade pessoal, para que tenha certeza de que Deus não a retirará quando você falhar para com ele.

Se você tem o privilégio de pertencer a Deus por meio da adoção, não aceitaria também o privilégio de viver como um filho de Deus? Quando você faz a obra de um pacificador, imita o Pai que você ama e participa do caráter dele.[5] Você se torna como seu Pai. Nesta bem-aventurança, Jesus diz algo profundo sobre o caráter de nosso Pai celestial: por conectar a obra de fazer a paz com a nossa filiação, Jesus nos diz que uma das principais características de Deus é fazer a paz. De fato, Deus é o supremo pacificador, que fez "a paz pelo sangue da sua cruz" (Cl 1.20).

Você não pode tornar a si mesmo um pacificador, como não pode tornar a si mesmo um

filho de Deus. Ser um pacificador significa, primeiramente, que você tem de conhecer a paz de Deus pelo sangue de Jesus na cruz. E continuar a obra de pacificador exige fazer continuamente a mesma coisa: olhar para o sangue de Jesus na cruz, que dá a paz e garante a adoção. Quando você reconhece que Jesus morreu por causa de sua hostilidade para com Deus e o amou tanto que quis morrer *a fim de* reconciliá-lo com Deus, você se verá cada vez mais compelido a ser um pacificador. Também desejará que os outros conheçam a liberdade, a alegria e a segurança da paz com Deus, que vem com a bênção permanente de ser chamado filho de Deus.

Pergunte a si mesmo se você já é um pacificador. Examine a sua vida e verifique se conhece a bênção, o privilégio e a responsabilidade da adoção de Deus. Se não, corra para o sangue da cruz, pelo qual o Pai reconcilia todas as coisas consigo mesmo, estabelecendo assim a paz – a paz que todos nós precisamos desesperadamente. E, depois, comece a trabalhar. O seu Pai celestial está fazendo a obra da paz e o convida a fazer este reino desenvolver-se, com ele.

PARA A SUA MENTE

1. Por que a nossa filiação é essencial para sermos pacificadores?

2. Como Deus, o Pai, é o supremo pacificador?

3. O que torna o fazer a paz uma obra tão cuidadosa?

PARA O SEU CORAÇÃO

4. Tiago 4.1 diz: “De onde procedem guerras e contendas que há entre vós? De onde, senão dos prazeres que militam na vossa carne?” Depois, no versículo 4, somos chamados “adúlteros” (ARC). Isto significa que toda a nossa hostilidade para com os outros está arraigada em nossa idolatria – adultério espiritual cometido por amarmos outras coisas em lugar de ou mais do que Deus. Que ídolos obstruem a paz de Deus em sua vida agora mesmo?

5. Quando você esquece a sua adoção, como tende a se comportar?

6. Como o conhecimento de que você é um membro permanente da família de Deus o leva a fazer a paz?

PARA A SUA IGREJA

7. Onde Deus o chama a agir como um pacificador em sua igreja local? Que discernimentos deste capítulo o equipam para essa obra?

8. Divisões na igreja são um dos eventos mais entristecedores na vida de uma igreja local. O que você pode fazer para impedir que elas aconteçam? Como você pode ser um pacificador *preventivo*?

PARA A SUA CIDADE

9. A inimizade mais fundamental que existe no mundo é a inimizade entre Deus e os seres humanos. Portanto, a obra de fazer a paz é fundamentalmente evangelística. Separe um momento e escreva o nome de três pessoas de seu círculo social. Ore por oportunidades para ser um pacificador na vida dessas pessoas, nesta semana.

1. John Calvin, *Calvin's Commentaries*, Volume XVI (Grand Rapids, MI: Baker, 1996), 264.

2. A. W. Pink, *The Beatitudes*, 53.

3. Lloyd-Jones, *Estudos no Sermão do Monte*, 112-113.

4. Guelich, *Sermon on the Mount*, 107.

5. Carson, *Jesus' Sermon on the Mount and His Confrontation with the World*, 28.

Capítulo 9

AS BOAS NOVAS QUE O TORNAM PERSEGUIDO

Bem, eis outra bela confusão em que você me meteu!
— Oliver Hardy, *Filhos do Deserto*

Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus. Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós. Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus; pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós.
— Mateus 5.10-12

Do começo ao fim das bem-aventuranças, Jesus dá golpe após golpe no moralismo, dizendo que você não tem o que é necessário, nem pode reunir o que é necessário, para ser abençoado. Agora, vemos o seu golpe final, e talvez seja o mais estranho, porque ele diz que as pessoas realmente invejáveis no mundo – aquelas que conhecem objetivamente circunstâncias felizes – são os perseguidos por causa da justiça. Isso é extraordinário.

A perseguição aparece em várias formas, incluindo opressão sistemática e programada, aborrecimento injusto, abuso físico e verbal, incompreensão, maus tratos e até assassinato… e isso jamais constituiria uma definição de felicidade para alguém. Jesus fez afirmações estranhas nas bem-aventuranças, mas quem poderia ter previsto esta afirmação? Certamente, ninguém em público original.

Diferentemente da maioria das bem-aventuranças anteriores, não há precedentes para esta afirmação no Antigo Testamento.[1] Ao contrário, as escrituras judaicas sugerem que pessoas perseguidas *não podem* ser bem-aventuradas por causa de sua perseguição: as duas coisas são mutuamente exclusivas. No entanto, Jesus não somente chama os perseguidos de bem-aventurados, mas também afirma que a perseguição é um componente essencial da vida cristã. Por quê? Em palavras simples, aqueles que têm sido e continuam sendo perseguidos são bem-aventurados porque possuem o reino dos céus. Essas pessoas renunciaram totalmente quaisquer realizações morais delas mesmas que poderiam ter incluído em seus currículos espirituais e, em lugar disso, receberam o jugo de Jesus e, por essa razão, recebem uma recompensa muito maior. Aqueles que têm experimentado perseguição como sua realidade passada, presente e futura sabem com certeza que pertencem a Deus.

Irritado por todas as razões erradas

Observe, de início, que Jesus não diz simplesmente que os perseguidos são bem-aventurados. Ele pronuncia a bênção de Deus sobre pessoas que têm sido perseguidas por causa da justiça. Há muitas razões pelas quais as pessoas que não gostam do cristianismo nos perseguem, mas o nosso cristianismo pode não ter nada a ver com a perseguição. Pense em como Pedro distingue entre sofrer como cristão (1 Pe 4.15-16) e sofrer por fazer coisas erradas (2.19-20). Você pode receber uma investida por ser desagradável, beligerante, pecaminoso, um arrogante cheio de justiça própria, mas isso não é ser bem-aventurado – o seu pecado produziu esse sofrimento.

Infelizmente, esse tipo de sofrimento parece muito comum para os cristãos. Julgamos todos os desprazeres que os outros podem sentir em relação a nós como perseguição "por causa da *justiça*", quando talvez não seja nada disso. Em vez de manifestarmos coração de humildade, choro e mansidão (as primeiras três bem-aventuranças), saímos por aí irritadiços. Agimos como se uma vasta conspiração estivesse se formando contra a fé cristã, com opositores organizados e arregimentados contra nós. Sentimo-nos como se vivêssemos à margem da cultura e tomamos isso como nossa identidade: reputamos nossa marginalização como nossa justiça. E, quando você deixa de olhar para Jesus como sua única justiça, as coisas ficam invariavelmente horríveis. Em vez de agir com base em princípios, começa a agir com base em preconceito;[2] presume que todos o odeiam e age de maneira que confirma isso. Ora, você será perseguido, mas não por causa da justiça – e sim por causa de sua justiça própria.

Você percebe a ironia? Quando você justifica a sua existência com o fato de que pertence a uma minoria oprimida em uma cultura crescentemente secularizada, será perseguido, e isso apenas o afundará mais firmemente em sua identidade como vítima. Mas isso não é perseguição bem-aventurada – antes, é punição tola, desnecessária e medíocre que você trouxe sobre si mesmo ao definir sua identidade por sua justiça própria. Experimentar a aflição que você merece não é perseguição; você a trouxe sobre si mesmo por ser desagradável. Em vez disso, por definição, "perseguição" é aborrecimento, violência física e abuso verbal *injustos*. E Jesus diz que a perseguição é um sinal seguro de que você chegou a entender a fé cristã.

Justiça que ofende

Nesta bem-aventurança, Jesus oferece duas razões para a perseguição bem-aventurada – justiça (v. 10) e Jesus (v. 11) – mas elas são realmente a mesma coisa. Os cristãos receberam a justiça totalmente perfeita de Jesus como um dom, e o resultado é que nos tornamos cada vez mais semelhantes a ele. Conforme Jesus, a justiça que as pessoas odeiam é a justiça que você começa a possuir à medida que cresce em seu entendimento do que Jesus fez por você. É a justiça que você pratica apenas por obedecer ao evangelho. A semente da justiça de Jesus produz frutos naqueles que creem, e a sua vida de semelhança com Cristo atrai hostilidade. Ninguém se importa se você tenta ser uma pessoa boa, mas, se você recebe a justiça cujo fruto é uma vida que se parece com Cristo, os outros o odiarão.

Devemos observar que nem todos os não cristãos odeiam cristãos verdadeiros. Nem todos os indivíduos e instituições do mundo estão em missão de banir o cristianismo da

face da terra. De fato, muitos não cristãos veem o cristianismo e os cristãos como uma coisa boa para a sociedade. Portanto, pessoas podem ser atraídas enquanto você se conforma na semelhança de Jesus, em especial se elas souberem o qual perdido você era (como eu era!) antes da salvação. Jesus dirá quase o mesmo depois: “Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus” (Mt 5.16). Apenas por fazer isso, a igreja primitiva gozou de grande favor com as pessoas (At 2.47). Uma vida justa centrada em Cristo tem certo encanto em si mesma.

Ao mesmo tempo, o livro de Atos nos diz que, por causa do evangelho, “levantou-se grande perseguição contra a igreja em Jerusalém; e todos, exceto os apóstolos, foram dispersos pelas regiões da Judéia e Samaria” (At 8.1). Algumas cidades acharam o cristianismo interessante e socialmente benéfico, enquanto outras tentaram esmagá-lo. Você não pensaria que ser uma pessoa melhor faria com que outros o detestassem. Se você se torna mais amável, mais paciente, mais cordial, menos irritável e menos disposto a guardar rancor – se você se torna mais semelhante a Jesus – talvez espere que as pessoas gostem *mais*, e não menos, de você e, certamente, que não o odeiem, não o ridicularizem, nem queiram matá-lo. Todavia, o fato é que, embora o cristianismo pareça sobremodo atraente ao coração humano, ele também o ofende profundamente. Olhe apenas para o que Jesus, o totalmente perfeito, suportou e você verá que as pessoas em sua condição natural não podem tolerar a justiça.

Dois tipos de pessoas: relativistas e moralistas

Consideraremos dois tipos de pessoas que acham ofensiva a justiça de Jesus. Por um lado, há os relativistas – pessoas que creem que a moralidade é relativa ou, pelo menos, pessoal. Por outro lado, há os religiosos moralistas – pessoas que creem que suas elevadas realizações morais devem merecer a atenção dos outros, incluindo de Deus. Estas perspectivas motivam tipos específicos de perseguição contra a justiça.

Os relativistas vivem de acordo com suas preferências, crendo que devem fazer o que sentem que gostam de fazer e que ninguém mais tem o direito de dizer que eles deveriam fazer algo diferente. Acham os cristãos incômodos porque as suas palavras, atitudes e comportamentos condenam os relativistas quanto a estas coisas. Os cristãos se submetem a Jesus como Senhor, reconhecendo o evangelho como sua norma de vida, mas os relativistas obedecem às suas próprias sensibilidades. Por isso, eles tendem a considerar os cristãos como pessoas que impõem sobre si mesmas e sobre os outros elevados padrões éticos desnecessários ou arbitrários. Isto pode tornar os relativistas bastante sensíveis quando estão perto de cristãos. Por exemplo, não consigo nem dizer quantas pessoas já me pediram desculpas por usarem linguagem profana. Se passavam algum tempo comigo e sabiam que eu era um cristão (mesmo antes de ser um pastor), concluíam aparentemente que eu acharia sua linguagem e brincadeiras inapropriadas. Muitos cristãos já tiverem a mesma experiência: ficar perto de alguém que está crescendo na semelhança com Cristo produz um impulso de reforma até em pessoas não religiosas.

É claro que pedir desculpas não é perseguição. Todavia, a mesma ofensa sentida frequentemente gera a perseguição verbal. A palavra traduzida por “injuriar”, em Mateus

5.11, significa acumular insultos ou menosprezo e palavras injustificáveis sobre alguém. Jesus diz que os cristãos podem esperar sentir o aguilhão do escárnio – pessoas dizendo falsamente todos os tipos de males contra nós por causa de nosso relacionamento com Cristo. Você pode se ver como objeto de menosprezo e escárnio: “Oh! é melhor você não dizer isso perto da Maria. Ela é uma cristã”. Ou pode se deparar com homens que tentam compartilhar deliberadamente pornografia com você no lugar de trabalho, ou o convidam repetidas vezes para irem a um clube de strip-tease, mas expressam desgosto quando você rejeita essas coisas. Pode ver seus próprios familiares se levantando e gritando com você em um casamento, um funeral ou um noivado. Pode ter a experiência de pessoas de sua própria família removerem suas fotos dos móveis ou mesmo não o reconhecerem. Pode ver seus colegas de trabalho ficarem irados porque, como resultado de você chegar a conhecer a Cristo, começou a informar todos os seus rendimentos na declaração de imposto de renda.

Não importando como a perseguição venha, os relativistas fazem seus ataques, geralmente, a partir de um senso profundo de que você está fazendo o que é certo, enquanto eles estão fazendo o que é errado. A sua própria existência os irritará porque condena implicitamente toda a maneira de viver deles como desagradável a Deus. “Pare de me julgar”, eles dirão, mesmo que você não tenha dito nenhuma palavra condenatória. Jesus diagnosticou a condição deles: “O julgamento é este: que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más. Pois todo aquele que pratica o mal aborrece a luz e não se chega para a luz, a fim de não serem arguidas as suas obras” (Jo 3.19-20). A sua luz resplandece nas trevas deles, por isso olham de soslaio, põem as mãos no rosto e encobrem a cabeça: eles o perseguem apenas porque querem apagar a luz. A sua luz expõe o que eles são, e não querem ver isso. Eles o odeiam porque o seu crescimento na justiça de Cristo põe em destaque a falta de justiça deles.

A pessoa religiosa, por outro lado, odeia você e a sua justiça não tanto por causa de sua crescente semelhança com Cristo, mas porque você tem a audácia de afirmar que sua justiça não é sua própria. O fato de que você não produziu, nem mereceu, nem reuniu alguma medida de justiça que Deus considera aceitável enraivece os moralistas religiosos. Eles dirão: “Tudo que você faz é clamar a Deus por sua justiça como um dom, e isso o torna, de algum modo, perfeitamente aceitável a Deus? Não importa o que você faz? Então, qual é a importância de sermos bons?” De modo semelhante, se pessoas ímpias prosperam, o religioso diz, como o salmista: “Com efeito, inutilmente conservei puro o coração e lavei as mãos na inocência” (Sl 73.13).

Quando os moralistas religiosos ouvem que sua aceitação por Deus não é baseada em suas realizações e que *toda* realização não vale nada – é não apenas insuficiente para Deus, mas realmente detestável para ele – ficarão ainda mais irados. Eles não somente pensarão que você está afirmando algo insensato; ficarão extremamente furiosos porque isso significa que o projeto que perseguem por toda a sua vida (fazer melhor, fazer mais) equivale a nada mais do que um monte de lixo. Esta foi a razão por que os líderes religiosos quiseram matar Jesus, desprezaram-no, cuspiram nele, açoitaram-no e crucificaram-no: ele teve a audácia de sugerir que toda a vida deles era nada mais do que um tentativa rude de manipular a Deus para lhes dar o que queriam e obrigar a Deus (que não nos deve nada) a aceitá-los.

Portanto, vemos que tanto os moralistas religiosos quanto os relativistas têm abundância de razões para odiar os cristãos, e a razão principal é a justiça – o histórico perfeito realizado pelo próprio Jesus, que ele dá, como um dom, a todos que têm fome e sede de justiça. O que torna os cristãos tão desagradáveis aos não cristãos, religiosos ou não, é a graça de Deus no centro de suas vidas.[3] Os relativistas julgam os cristãos irritantemente felizes em obedecer a Deus, e as pessoas religiosas acham os cristãos irritantemente depreciadores de suas próprias realizações morais. Enquanto isso, os perseguidos por causa da justiça – por causa de Jesus – são verdadeiramente bem-aventurados. Afinal de contas, eles gozam de boa companhia: desfrutam de toda a camaradagem dos profetas que viveram antes deles, bem-aventurados também por pertencerem ao reino dos céus e por terem uma recompensa celestial.

A bênção de um reino e de uma recompensa

O que torna os perseguidos tão bem-aventurados? Jesus não diz realmente que a justiça os torna bem-aventurados; em vez disso, Jesus diz que a perseguição que eles sofrem significa que duas coisas são verdadeiras para eles, e estas duas coisas são a razão de sua bem-aventurança. Primeira: os perseguidos são bem-aventurados porque pertencerem ao reino dos céus – a sua perseguição revela a sua cidadania. Segunda: os perseguidos são bem-aventurados porque receberão uma recompensa celestial – eles esperam por algo melhor.

A bênção de um reino. Pertencer ao reino de Deus é uma bênção em si mesmo, unindo o cristão permanentemente a um reino eterno, mas também envolve viver agora sob o governo de Deus, e isso produz perseguição. Viver sua vida sob a administração de Jesus significa que nesta vida você carrega uma cruz, como o fez o seu Rei; o Rei dos céus usou uma coroa de espinhos antes de usar uma coroa de ouro (Ap 14.14). Se o mundo odiou a Jesus, odiará também os seus servos (Jo 15.18-20). Não somos melhores do que nosso Senhor.

Portanto, pertencer ao reino de Deus significa que vivemos *agora* um paradoxo – pertencemos e, enquanto esperamos ver o reino chegar à sua consumação, sofremos. Sofrer insultos por causa do nome de Jesus significa que você é genuinamente parte do reino dele: “Se, pelo nome de Cristo, sois injuriados, bem-aventurados sois, porque sobre vós repousa o Espírito da glória e de Deus” (1 Pe 4.14). D. A. Carson o expressou nestes termos: “Em vez de ser uma perspectiva desanimadora, o sofrimento deles na perseguição… se torna um sinal triunfante de que o reino lhes pertence”.[4] Certamente, sofrer perseguição por causa da justiça parece uma coisa desagradável, mas você deve encontrar grande consolação e verdadeira bênção no fato de que sua experiência de perseguição significa que você foi realmente libertado do reino das trevas e transportado para o reino do Filho do amor de Deus (Cl 1.13).

A bênção de uma recompensa. Neste versículo, Jesus nos dá incentivo para suportarmos a perseguição com regozijo e não com murmuração. E esse incentivo é o próprio Deus. Observe que Jesus não diz: “Grande é o vosso galardão no lugar mais monótono e horrível do universo”, e sim: “Grande é o vosso galardão nos céus”; e, visto que sabemos (ver capítulo 2) que os judeus dos dias de Jesus teriam entendido a palavra “céus” como um

subterfúgio verbal que se referia a “Deus”, podemos ler esta afirmação como se dissesse que os perseguidos são bem-aventurados porque têm uma grande recompensa com Deus. Isto não exclui a ideia de que o céu é o lugar em que os cristãos vão para ficar com Deus no fim de suas vidas (ou no fim desta era): aquele será o tempo e o lugar em que Deus distribuirá a nossa recompensa. Mas o foco aqui está em Deus mesmo, não no lugar onde ele pode estar e nas recompensas que ele dá com alegria aos seus filhos.

Recompensas? Talvez você ficou surpreso com a palavra. De fato, Deus o aceita baseado em graça absoluta, não em seu histórico, méritos, realizações ou bagagem teológica. Graça significa que Deus o recebe em um lugar ao qual você não pertence, “o leva a um lugar no qual você não tem o direito de estar”.[5] Você examina tudo em detalhes, anseia ser aceito, ter um lugar naquela mesa, ser convidado à festa… porque sabe que foi para isso que você foi criado, mas também sabe no profundo de sua alma que não tem o direito de estar ali. O que você merece por seu pecado é a rejeição de Deus. Mas, em vez de lhe dar o que merece, ele dá a Jesus o que você merece e a você, o que Jesus merece e o aceita com base no que Jesus fez. Quando você reconhece diante de Deus que o seu pecado e a sua justiça própria lhe roubaram todo o direito à comunhão com ele, as portas de aceitação se abrem amplamente, e você é bem recebido no lugar onde não tem direito de estar. Isso é graça.

E isso pode parecer um “galardão” suficiente. Entretanto, Jesus diz que os perseguidos devem esperar uma recompensa maior no céu. A palavra neste versículo *não* é usada “no sentido de um pagamento merecido… e sim de uma recompensa dada gratuitamente, muito superior ao serviço”.[6] Deus resolve dar aos perseguidos um dom por seu sofrimento, e o dom será muito acima do que eles sofrem. Paulo o afirmou desta maneira: “Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação” (2 Coríntios 4.17). Uma recompensa não é um pagamento: nosso Rei não nos deve nada, mas, por ser generoso, ele quer recompensar-nos. Pense em um pai que dá a seu filho uma recompensa em dinheiro por cortar a grama ou limpar a garagem. Ele tem todo o direito de exigir que seu filho faça estas coisas como deveres e não está obrigado a pagar-lhe por isso, mas um pai generoso pode querer incentivar o dever por prometer uma recompensa. É um dom porque é gratuito – não merecido, não pedido e que não oferece nenhum benefício de retorno ao doador. Mas é uma recompensa porque o doador tenciona que ele seja um incentivo para o serviço. Afinal de contas, você teria de fazê-lo, mas o pai, como uma expressão de sua generosidade, quer encorajar a sua obediência com a promessa de um galardão, de um dom incentivador.

E se você se sujeita à perseguição porque conhece a promessa do galardão? Talvez pareça errado ou desonesto servir a Jesus em sofrer por causa da recompensa. Você deve se sujeitar à perseguição porque este é seu dever, certo? Evidentemente, a sua obediência (não importando a forma que assuma) deve ser motivada tão somente por gratidão ao que Jesus fez por você, na cruz, e gratidão por lhe ter dado a sua justiça perfeita como um dom. Mas Jesus não tem nenhum problema em motivar a obediência com a promessa de um galardão. Não somente aqui, em Mateus 5.12, mas também em muitas passagem do evangelho de Mateus Jesus motiva o serviço exatamente da mesma maneira (ver 5.46; 6.1, 2-4, 5-6, 16-18; 10.41-42). Se o próprio Jesus faz a promessa de recompensa para que a consideremos, ela deve ser uma motivação legítima.

Por que, então, a ideia de servir ao Senhor por recompensa impacta a maioria de nós de maneira errada? Frequentemente, pensamos que ela invalida ou cancela a motivação da gratidão, mas será que ela faz isso realmente? Não, se temos pela recompensa a mesma gratidão que temos pelo o que Jesus fez por nós. Afinal de contas, a coisa que torna a recompensa possível é exatamente a mesma coisa que tornou possível a obra de Jesus em nosso favor – a graça de Deus. Quando entendemos que uma recompensa não é um salário, não receberemos nossa recompensa no julgamento final e, depois, faremos uma festa para nós mesmos. Não nos congratularemos por um trabalho bem feito. Em vez disso, adoraremos a Jesus como o único digno de glória, como vemos em Apocalipse 4.10-11.

Talvez a principal razão por que a ideia de servir a Jesus por causa do galardão pareça tão horrível é o fato de que não entendemos o que é galardão. Pense em como a Bíblia descreve a recompensa celestial – retratada com objetos simbólicos como coroas, a recompensa que receberemos é regozijo sempre crescente, cada vez mais amplo e mais profundo, em conhecer o Senhor, porque "a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste" (Jo 17.3). Quem não quer isso? *Seria* errado incentivar sua obediência ao Senhor com a promessa de carros, casas, saúde, riqueza, prosperidade e notoriedade. Isso tornaria o cristianismo mercenário. Entretanto, iremos conhecer mais a Jesus, ver mais a Jesus, amar mais a Jesus, adorar mais a Jesus, ser mais semelhante a Jesus, servir mais a Jesus, gozar de Jesus e de todos os seus benefícios, por toda a eternidade, cada vez mais – Jesus é o galardão prometido aos perseguidos. E, se ele é o galardão, então, faz sentido incentivar nossa perseguição por causa de Jesus com a recompensa do próprio Jesus.

O primeiro mandamento (no Sermão do Monte)

Com base na cidadania e na recompensa segura, Jesus dá finalmente o primeiro mandamento no Sermão do Monte. Até aqui, temos visto apenas "bênçãos e não exigências".[7] Mas, no início do versículo 12, Jesus nos pede que façamos algo: "Regozijai-vos e exultai". Porque somos cidadãos do reino, porque estamos na boa companhia dos profetas perseguidos, porque esperamos uma recompensa celestial, devemos nos regozijar. De fato, temos de nos regozijar e exultar. Esta é uma das características mais admiráveis da vida cristã: em meio aos mais profundos sofrimentos possíveis, podemos nos regozijar e, literalmente, pular de alegria, porque nossa vida não está arraigada nem é determinada pelos ventos de mudança das circunstâncias, e sim por um relacionamento glorioso com Jesus, que nunca pode mudar.

Muito frequentemente, enfrentamos a tribulação como ateus, como se estivéssemos sozinhos no universo, sem um Pai celestial que se importa conosco. Resistimos, ou ficamos amuados, ou agimos como se não nos importássemos ou como se pudéssemos (motivados por um senso de piedade) fingir que apreciamos a tribulação.[8] Jesus nunca nos diria que apreciemos o sofrimento, mas também jamais nos diria que enfiemos a cabeça na terra. Em vez disso, ele nos ordena que analisemos pelas lentes da graça de Deus a dura realidade da vida em um mundo caído. Quando você entende o evangelho e sabe o que possui em Cristo, dirá quando perseguido: "Que privilégio sofrer vergonha pelo nome de

Jesus". O sofrimento de hoje continua sendo sofrimento, mas não é nada comparado com a glória eterna.

Os cristãos reconhecem a dura realidade da vida nesta época e a gloriosa realidade da vida na era por vir. "O cristianismo não é, em última análise, uma mensagem a respeito de amenizar os sofrimentos da vida ou a respeito de despertar-nos para a vida e ensinar-nos a viver bem. O cristianismo nos ensina a viver com um anseio transformador, com uma fé crescente, com a esperança segura e firme do que está por vir."[9] Alegre-se, portanto, e exulte porque você é cidadão dos céus, com todos aqueles que sofreram antes de você. Sua excelência moral fica muito aquém do alvo e o deixa carente do que é necessário, mas você tem, esperando-o no céu, uma recompensa eterna que mais do que compensará todo o seu sofrimento por Jesus. Será o próprio Jesus; por isso, deleite-se nele.

PARA A SUA MENTE

1. Que diferença faz sabermos que a recompensa celestial é um dom e não um pagamento?

2. Por que a perseguição é um componente essencial da vida no reino?

PARA O SEU CORAÇÃO

3. Quando lemos o ensino bíblico sobre o sofrimento cristão, podemos frequentemente sentir medo. Descreva um tempo em que você experimentou esse tipo de medo.

4. Discuta um tempo em que você sofreu "perseguição" por ter sido insensato. Discuta outro tempo em que você sofreu perseguição por ter sido fiel. Qual foi a diferença? Como você reagiu a cada tipo de perseguição?

PARA A SUA IGREJA

5. Identifique alguém de sua igreja que está sendo perseguido agora por causa da justiça. O que esta bem-aventurança sugere quanto à maneira como você deve ministrar a essa pessoa?

6. Medite em maneiras de preparar sua igreja para a perseguição. Se não a enfrentam agora, como podem se preparar para a perseguição quando ela vier?

PARA A SUA CIDADE

7. Tim Keller disse: "Se passarmos nossa vida como cristãos sem perturbarmos ou incomodarmos alguém, não ministramos com integridade".[10] Discuta seus fracassos em comunicar o evangelho com ousadia porque teve medo de perseguição.

8. Agora, discuta seu sucesso em pregar o evangelho mesmo em face de oposição – quando você foi ousado, mas não beligerante. Separe um momento para agradecer a Deus por sua ousadia.

1. Davies e Allison, *A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel According Saint Matthew*, 459.

2. Lloyd-Jones, *Estudos no Sermão do Monte*, 121.

3. Watson, *The Beatitudes*, 273.

4. Carson, *Jesus' Sermon on the Mount and His Confrontation with the World*, 30.

5. Timothy Keller, "Faith Rising", Redeemer Presbyterian Church in New York City, August 12, 1990.

6. R. T. France, *Matthew*, The Tyndale New Testament Commentaries (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1985), 112.

7. Davies e Allison, *A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel According Saint Matthew*, 466.

8. Stott, *The Message of the Sermon on the Mount*, 52.

9. Mark Dever, *O Evangelho e a Evangelização* (São José dos Campos, SP: Fiel, 2009), 45.

10. Timothy Keller, *Evangelism: Studies in the Book of Acts* (New York: Redeemer Presbyterian Church, 2005), 212.

Capítulo 10

JESUS É AS BEM-AVENTURANÇAS

Presentes são dados pelo prazer de quem os dá, não pelos méritos de quem os recebe.
— O pai, em *A Sombra do Vento,* Romance de Carlos Ruiz Zafón

Ele passou a ensiná-los… Quando Jesus acabou de proferir estas palavras, estavam as multidões maravilhadas da sua doutrina.
— Mateus 5.2; 7.28

Comecei este livro lamentando quão perigoso é ensinarmos as bem-aventuranças como um conjunto de regras para um viver melhor. Esse tipo de ensino é alarmantemente comum e nos treina num tipo insípido de justiça de obras. Agora que vimos como as bem-aventuranças revelam o evangelho, você concorda comigo no que diz respeito aos perigos de apresentarmos estes versículos como meras lições morais ou alvos para um comportamento civil? Consegui, realmente, desiludi-lo do uso do flanelógrafo para ensinar as bem-aventuranças? Espero que sim. Estes versículos comunicam a essência do evangelho. Mas, quando reduzidos a ensino moralista trivial, eles perdem toda a sua riqueza. De fato, esse tipo de ensino é errado. As bem-aventuranças são extraordinárias demais para serem reduzidas a figuras de feltro ou de cartolina.

Permita-me ser claro: não quero promover algum tipo de novo moralismo no qual pensemos que já nos tornamos espertos demais para ouvir histórias simples apresentadas de maneira atraente. Nunca nos tornaremos tão maduros ao ponto de não precisarmos mais do evangelho, e, de muitas maneiras, o evangelho é a história mais simples que existe. A Bíblia também inspirou arte tremenda no decorrer dos séculos, e aquelas expressões criativas não são, com certeza, desperdício de tempo. Arte, quer idealizada para mentes concretas ou para mentes abstratas, tem seu propósito no mundo de Deus. Deus idealizou suas Escrituras de modo que os mais estudiosos ou os mais simples dentre nós – incluindo as crianças – possam entender sua verdade e adorá-lo pelo que ele é.

No entanto, este livro não trata de como deve ser ou não um currículo para crianças na Escola Dominical. De fato, poderíamos todos aprender alguma coisa de um bom ensino para crianças – ou seja, nunca devemos deixar de nos maravilhar como uma criança. Já ouvi novos crentes fazerem boas perguntas sobre ideias-chave na Bíblia e receberem de crentes maduros uma resposta complexa, carregada de jargões. Por que não lhes damos, primeiramente, respostas diretas em linguagem que todos possam entender? Não é surpreendente que alguns incrédulos pensem que os cristãos são religiosos esnobes.

Não, não tenho como alvo neste livro abolir o flanelógrafo de todas as classes de Escola Dominical no mundo. O flanelógrafo tem seu lugar. Quero apenas que você pense, antes de usá-lo, se ele se harmoniza com a Escritura que você está ensinando. Fazemos grande

dano à igreja quando afirmamos que certa passagem da Escritura ensina algo que ela não ensina, especialmente quando reduzimos a Escritura a alguma lição moral que exige mais esforço próprio do que apegar-se à graça. Gerações de cristãos novos podem crescer com um falso senso de piedade. Adultos maduros abandonarão a igreja porque ela parece um clube de autoajuda ineficaz. Porém, o mais importante, Deus será apresentado enganosamente, e sua glória, maculada, quando aqueles que afirmam ser seus filhos agem como se o evangelho fosse não mais do que um encorajamento para a vida.

No que diz respeito às bem-aventuranças, precisamos apenas lê-las como são, não como o nosso coração, fabricante de ídolos, quer refazê-las. Nossa carne quer desesperadamente reescrever as bem-aventuranças como epigramas reducionistas, quando a pregação de Jesus é nada mais, nada menos do que o evangelho! O Sermão do Monte não é um conjunto de regras para um viver melhor e sim a exposição da graça que dá vida. As bem-aventuranças sugerem, especificamente, que os "bem-aventurados" chegaram ao fim de si mesmos. Compreenderam que sua excelência moral não é satisfatória. Mal podem crer que Jesus crucificou a moralidade como eles a conhecem, quando morreu, na cruz, em favor dos pecados deles – em favor de todo o mal e de todo o bem que já fizeram. E, por isso, se regozijam com a graça que os faz tão bem-aventurados.

Portanto, pare e se maravilhe. As bem-aventuranças revelam o perfil do cristão, o caráter daquele que teve um encontro transformador com a graça de Deus. À luz da extraordinária bondade de Deus, o pecador vê a sua pobreza de espírito e chora não somente por seus próprios pecados, mas também pela enfermidade espiritual do mundo. Por isso, ele se torna manso e anseia, com todo o ardor, pela verdadeira justiça. Pratica a misericórdia, desfruta de pureza e faz a paz. Por conseguinte, ele suporta alegremente a perseguição por amor a Jesus.

Ninguém poderia merecer esse tipo de currículo espiritual por si mesmo, não importando quão arduamente tentasse. Exceto Jesus.

Jesus e as bem-aventuranças

Sem a graça, as bem-aventuranças estabelecem um padrão impossível. Podemos vê-las e pensar: "Bem, Jesus, agradeço-te por me segredares que nunca serei bem-aventurado. Persistirei no restante de minha vida inútil". Mas você pode incorporar as bem-aventuranças pela graça – porque Jesus Cristo as viveu por você e morreu para que você desfrute nele a verdadeira bem-aventurança. Isso é o que torna as bem-aventuranças tão radicais. Não o que elas dizem, e sim a pessoa sobre a qual elas se referem: todas as bem-aventuranças se referem a Jesus.

No capítulo 1, mencionei algumas passagens do evangelho de Mateus que mostram como Jesus cumpre as bem-aventuranças. Olhemos, agora, mais atentamente para Jesus, como Mateus o revela. Logo perceberemos que ele tem de ser a pessoa mais bem-aventurada que existe.

Quão pobre de espírito foi Jesus? Admiravelmente, o Rei dos reis humilhou-se a si mesmo até ao ponto mais humilde possível para nos redimir. Durante a encarnação, Jesus nunca assumiu a sua própria autoridade, mas sempre se submeteu ao seu Pai celestial e à

Escritura. Em Mateus 4.1-11, o Diabo tentou Jesus a afirmar-se e mostrar sua grandeza, mas ele recusou três vezes seguidas. Por quê? “O Filho do Homem… não veio para ser servido, mas para servir” (Mt 20.28). Como Paulo escreveria depois: “Ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou” (Fp 2.6-7). Jesus era totalmente “humilde de coração” (Mt 11.29). Você pensa que é alguma coisa? Jesus era tudo, mas escolheu ser um servo.

Jesus chorou? Sim, mas não por seus próprios pecados, pois não tinha nenhum. Em vez disso, ele chorou pelo pecado do mundo – o pecado que aflige todos nós. Talvez parecesse mais razoável que Jesus reagisse ao nosso pecado com indignação, porque todo pecado é uma afronta injusta contra Deus em sua santidade e custou a Jesus a sua vida, embora ele jamais houvesse contribuído em coisa alguma para isso. Sim, ele teve palavras duras para aqueles que se recusaram a arrepender-se, apesar de verem suas grandes obras (Mt 11.20-24). Contudo, até essas palavras revelaram um coração de grande lamento; o pecado entristeceu a Jesus, e ele teve compaixão daqueles que sofriam por causa do pecado (ver 9.6; 14.14; 15.32). Essa foi a razão por que Jesus gastou suas últimas horas em tristeza, porque começou a ver a plena extensão do que teria de suportar para redimir-nos de nossos pecados (ver 26.37-39). Jesus chorou por nosso pecado mais do que o temos feito.

Jesus foi manso? Considere novamente a tentação de Jesus, em Mateus 4. O Diabo o convidou a mostrar seu poder de maneira extravagante, mas Jesus teve grande autocontrole para reter seu poder até ao tempo que seu Pai determinara revelá-lo. Mesmo quando ele foi transfigurado, resplandecendo como o sol, Jesus falou gentilmente com seus discípulos aterrorizados e os instruiu a não dizerem a ninguém o que tinha acontecido, até depois de sua ressurreição (17.1-13). Depois, ele entrou triunfantemente em Jerusalém em um jumentinho, e não em um garanhão (21.1-11). Jesus não precisava nem queria fanfarra, ainda que parecesse completamente legítimo. Ele confrontou e ofendeu onde foi apropriado, mas somente por amor à justiça. Jesus nunca achava que era bom demais para alguém, por isso pagou seus impostos (17.27; 22.21) e repreendeu seus discípulos quando pensaram que ele tinha coisas melhores a fazer do que orar pelas crianças (ver 18.13-15). O que você acha que merece? Jesus nunca exigiu qualquer louvor para si mesmo, embora merecesse todo o louvor.

Jesus teve fome e sede de justiça? Sim e não. Jesus não ansiava por justiça da mesma maneira que o fazemos… porque ele teve uma vida perfeitamente justa. Até incrédulos, como a esposa de Pilatos, puderam reconhecer isso (Mt 27.19). Mas ele não poderia ter feito menos. Jesus revelou sua intimidade com seu Pai nos momentos mais intensos de sua vida, enquanto esperava ser preso e quando esteve pendurado na cruz – ele se aproximava de seu Pai com total confiança; e o fazia com confiança porque vivia uma vida completamente irrepreensível. Jesus nunca fez qualquer coisa que faltou em respeito para com Deus, que o achou totalmente aceitável e aprazível (17.5). Você pode satisfazer esse padrão? Não em si mesmo. Mas louve a Deus pelo fato de que Jesus o satisfaz por você!

Jesus foi misericordioso? Repetidas vezes, Jesus revelou sua disposição em curar pessoas de várias aflições (Mt 4.23-24). Ele curou um leproso (8.1-4), um servo (8.5-13), uma sogra (8.14), um paralítico (9.2-8), uma filha morta (9.18-25), homens cegos (9.27-30; 20.29-34), um homem que tinha uma das mãos ressequida (12.10-13) e enfermos com todos os tipos de doença (14.35-36). Ele expulsou demônios (8.16, 28-32; 9.32-33; 15.22-

28), acalmou uma tempestade para aquietar as preocupações de seus discípulos (8.23-27) e alimentou milhares de pessoas famintas (14.13-21; 15.32-38). Além de agir com misericórdia, Jesus também ensinou misericórdia, pois sabia que seu Pai buscaria até ao fim cada ovelha perdida (18.10-14). Jesus foi um ministro de misericórdia e capacitou seus discípulos para fazerem o mesmo (10.1).

No entanto, a misericórdia de Jesus penetrou mais profundamente do que nossa miséria física; atingiu os recessos mais profundos de nosso coração, por perdoar-nos do pecado que motiva *toda* a nossa miséria (Mt 9.2). Ele perdoou o paralítico antes mesmo de curar sua paralisia (Mt 9.2). E retratou vividamente o perdão do Pai na parábola do servo incompassivo, mostrando seu amor profuso e perdoador de dívidas (18.21-35). Jesus teve misericórdia abundante dos não misericordiosos – ou seja, pecadores como você e eu. Não é por causa de sua misericórdia que você receberá misericórdia. Não, a misericórdia de Jesus é um dom que recebemos pela fé.

Jesus teve um coração puro? Ele não tinha nenhum conflito dentro de si, havendo-se devotado com alegria e de todo o coração a fazer, apenas e sempre, exatamente o que seu Pai queria que ele fizesse. Jesus se submeteu completa e espontaneamente a seu Pai, mesmo quando enfrentou a pior morte possível, quando bebeu o cálice da ira de Deus contra o pecado. Ele disse: “Não seja como eu quero, e sim como tu queres” (Mt 26.39). Pureza de coração não significa que Jesus foi à cruz despreocupado quanto à sua dolorosa realidade, mas ele foi à cruz estando fixo naquele alvo, porque seu coração estava firmado resolutamente nas coisas de Deus (16.21-23). Nosso Salvador foi, ao mesmo tempo, realista quanto ao mundo e resoluto quanto às coisas celestiais. Somente Cristo viveu em pureza de coração.

Jesus foi um pacificador? Às vezes, Jesus incomodou as pessoas e denunciou o pecado onde o viu (fazendo até confusão no processo, como na ocasião em que purificou o templo – Mt 21.12-13); mas ele pôde também propiciar surpreendentes tipos de paz a situações tensas. Considere os fariseus tentando fazê-lo parecer um rebelde político: Jesus os silenciou com uma resposta de submissão que os deixou admirados (Mt 22.15-22). Logo depois disso, os saduceus tiveram um plano semelhante para provarem Jesus, mas a sua resposta maravilhou as multidões (22.23-33). Até pessoas que tentaram o seu máximo para colocar Jesus em situação difícil acharam-no bem controlado, e, nestas situações, ele fez a paz com suas palavras. Mas foi na cruz que ele fez seu ato final de pacificação, reconciliando pecadores com Deus, para que tenham, livre e francamente, acesso a Deus em sua santidade (27.51). Jesus fez a paz com Deus por rebeldes que nem mesmo sabiam que estavam em guerra com Deus – rebeldes ignorantes, como você e eu.

Jesus sofreu perseguição por causa da justiça? Em Isaías 53, o profeta diz que Jesus seria odiado, afligido e entristecido. Vemos esse retrato completo nos evangelhos, pois ninguém foi tão perseguido quanto Jesus. Até seus amigos mais próximos não o entenderam realmente, e seus inimigos gastaram frequentemente suas energias criativas em forjarem armadilhas para ele. No final, eles pareceram vencer porque Jesus foi condenado pelo mal que nunca cometeu, foi escarnecido, açoitado, espancado até quase ao ponto de morte e, depois, crucificado (Mt 27.26-50). Todavia, Jesus nunca pecou, havendo vivido uma vida completamente justa, e seu Pai o vindicou por isso, ressuscitando-o dentre os mortos (28.6).

Se considerarmos apenas o evangelho de Mateus, veremos evidência suficiente de que Jesus cumpre as bem-aventuranças. Na verdade, as bem-aventuranças nos mostram Jesus. Elas nos dizem o que significa portar a imagem de Deus no mundo. Não são um meio para realizações espirituais especiais, são apenas o perfil daquele que conhece a Deus e a sua graça. E as boas notícias para pecadores como nós são que Jesus fala as bem-aventuranças não para condenar-nos, mas para libertar-nos. Ele as cumpre, portanto nos regozijamos e o buscamos; e, *quando o buscamos*, as bem-aventuras se tornam verdadeiras a nosso respeito.

Seja claro quanto ao evangelho

Jesus ensinou com um tipo de autoridade que as pessoas de seus dias nunca tinham ouvido (Mt 7.28-29), porque ensinava o que vivia: o evangelho de Deus. Considere o contexto do Sermão do Monte e você perceberá que é apenas uma ocasião em que Jesus estava "pregando o evangelho do reino" (Mt 4.23) ou explicando as boas novas da graça de Deus para o homem. Em outras palavras, o Sermão do Monte é a expressão de uma vida dominada pela graça de Deus. Essa é a razão por que ele é o sermão mais relevante já pregado. Todo pecador – crente *e* incrédulo – precisa do evangelho.

As boas novas do reino de Deus – do domínio gracioso de Deus sobre pecadores redimidos – deve alegrar cada coração. Você pode imaginar qualquer tipo de "bem-aventurança" que não inclui a redenção do pecado? E o reino de Deus dificilmente se preocupa com qualquer outra coisa. No reino de Deus, os servos têm sua dívida cancelada pelo soberano e gracioso Rei (Mt 18.27). No reino de Deus, os trabalhadores recebem mais do que merecem (Mt 20.9). Meu pecado é tão grande que sou digno apenas da rejeição de Deus, mas as boas novas são que posso receber misericórdia e graça da parte dele por meio de Jesus Cristo.

Considere mais atentamente o que acontece nestas passagens que acabei de mencionar sobre o que é o reino de Deus. Em Mateus 18, um homem recebe punição completamente legítima por haver tomado mais empréstimos do que podia pagar; o seu senhor teve compaixão dele e lhe perdoou a dívida. Em Mateus 20, algumas pessoas trabalham o dia todo, enquanto outras trabalham apenas a última parte do dia, mas todas recebem o salário de um dia. Estas histórias lhe parecem justas? A primeira parece bondosa, e você talvez desejaria receber o mesmo tipo de tratamento, mas isso não é realmente justo. A segunda talvez pareça positivamente antidemocrática. Você se inquieta quando pessoas não recebem a punição que parecem merecer? E quando pessoas recebem mais dinheiro ou gentileza do que parecem merecer?

Jesus contou essas histórias porque elas nos mostram a natureza de Deus e de seu reino. Se você não gosta delas, não entende o evangelho. Você e eu somos aquele homem que tinha uma dívida imensa e foi escravizado legitimamente como pagamento, mas foi perdoado por aquele a quem ele tanto devia. Você e eu somos como o trabalhador que veio ao trabalho no fim do dia, mas recebeu tanto quanto se tivesse trabalhado o dia inteiro, porque a graça do reino reflete a generosidade do Rei, não o trabalho dos servos. Jesus e sua obra de expiação na cruz não têm rivais quanto ao seu aspecto de boas notícias, porque pecadores entram no seu reino apenas por meio dele e de sua justiça; e essas são as

melhores notícias que alguém pode ouvir. Jesus veio ao mundo para viver a vida que eu deveria ter vivido e morrer a morte que eu deveria ter morrido. Ele não nos apresenta as bem-aventuranças como conselhos de autoajuda. Não, as bem-aventuranças expressam apenas o que é uma vida profundamente mudada por Jesus.

Queremos reduzir as bem-aventuranças a uma lista de "faça e não faça" sobre como viver a vida depois que descobrimos o evangelho – como se, uma vez que você tenha dominado as coisas iniciais do evangelho, possa avançar para a vida prática e fazer de si mesmo um cristão maduro. Aqueles que são transformados pela graça de Deus vivem de maneira muito diferente do que viviam quando estavam sob a condenação do pecado, mas não porque seguem certas exigências a respeito de como ser um cristão; antes, eles encontraram a graça de Deus e são totalmente mudados de dentro para fora. Seguem vidas morais, não porque acham que sua própria excelência moral lhes garante o favor de Deus; sabem que somente a graça pode torná-los aceitáveis a Deus e que Jesus morreu para libertá-los de seu próprio moralismo. Portanto, as bem-aventuranças descrevem o que acontece "naturalmente" por meio do Espírito em uma vida governada pela graça de Deus. O moralismo é irrelevante, e a hipocrisia é exposta: somente a graça permanece.

Ninguém pode "realizar" as bem-aventuranças. Ou você tem esse perfil como um dom da graça ou não o tem. Oh! quão maravilhosas são as bem-aventuranças! Quando entendemos o evangelho, gozamos a felicidade de viver no centro do reino mais radical já concebido. Sabemos, com certeza, que não entramos nesse reino por nossos próprios esforços morais; ao contrário, Jesus morreu para que nosso currículo espiritual fosse para o monte de lixo ao qual ele pertence. Se a nossa vida possui qualquer semelhança com as bem-aventuranças, isso acontece porque somos bem-aventurados em Jesus – morremos com ele, para vivermos nele. As bem-aventuranças expõem a graça extraordinária, que é nossa, como um dom, por meio do evangelho.

PARA A SUA MENTE

1. Por que é perigoso em reduzirmos as bem-aventuranças a uma lista de faça e não faça?

2. Como Jesus cumpriu cada uma das bem-aventuranças?

PARA O SEU CORAÇÃO

3. Alguns de nós são mais inclinados ao moralismo do que outros. Como você vê a si mesmo se inclinando para o moralismo, enquanto estuda as bem-aventuranças? De que maneiras você se vê querendo fazer uma lista clara de comportamentos que se enquadram ou não se enquadram no reino, para que possa viver de acordo com eles e ganhar o favor de Deus? Em que ponto ou pontos das bem-aventuranças você é tentado a criar regras para si mesmo e para os outros?

4. Agora você pode ser tentado a focalizar o exterior e julgar os outros por criarem regras, usando este novo e renovado discernimento sobre as bem-aventuranças para censurar os outros por quão pobremente têm entendido ou ensinado estes versículos. O que as bem-aventuranças têm a dizer sobre esse tipo de atitude?

5. Separe algum tempo, em oração particular, para adorar a Jesus por quão perfeitamente ele cumpre as bem-aventuranças. Leia de novo o evangelho de Mateus e observe como Jesus revela a si mesmo como a pessoa mais bem-aventurada que existe.

PARA A SUA IGREJA

6. Como o seu entendimento de que as bem-aventuranças descrevem a Jesus afetam o seu servir na igreja? Por exemplo, discuta como a pobreza de espírito de Jesus pode afetar a abordagem de sua igreja quanto ao discipulado pessoal.

PARA A SUA CIDADE

7. Qual o seu nível de clareza quanto ao evangelho? A palavra “evangelho” o alcança como uma palavra misteriosa ou difícil de ser definida? Você pode usar apenas o vocabulário “da igreja” para defini-lo? Como você pode crescer em seu entendimento do evangelho e em sua habilidade para comunicá-lo aos outros, tanto dentro como fora da comunidade da igreja?

8. Como este entendimento de que as bem-aventuranças descrevem o perfil de um cristão afetam o modo como você “ama o seu próximo” por meio de serviço à comunidade? Por exemplo, discuta como a sua pobreza de espírito pessoal pode afetar seu envolvimento nas questões locais.

O Ministério Fiel tem como propósito servir a Deus através do serviço ao povo de Deus, a Igreja.

Em nosso site, na internet, disponibilizamos centenas de recursos gratuitos, como vídeos de pregações e conferências, artigos, e-books, livros em áudio, blog e muito mais.

Oferecemos ao nosso leitor materiais que, cremos, serão de grande proveito para sua edificação, instrução e crescimento espiritual.

Assine também nosso informativo e faça parte da comunidade Fiel. Através do informativo, você terá acesso a vários materiais gratuitos e promoções especiais exclusivos para quem faz parte de nossa comunidade.

Visite nosso website

www.ministeriofiel.com.br

e faça parte da comunidade Fiel

Table of Contents

Folha de rosto

Copyright

Índice

Prefácio

1. Jesus crucifica a moralidade como você a conhece

2. As boas novas de falência moral

3. As boas novas de tristeza agradável e alegria chorosa

4. As boas novas de não ter nada para defender

5. As boas novas de sua fome

6. As boas novas de caridade dispendiosa

7. As boas novas que o tornam honesto

8. As boas novas que promovem a paz

9. As boas novas que o tornam perseguido

10. Jesus é as bem-aventuranças

Editora Fiel